Público

Sismo alerta para riscos

5h11 5,3 na escala de Richter

Falta informação sobre zonas de risco e falhas activas

Por que razão não chegou um alerta aos portugueses?

Outros sismos que puseram Portugal a tremer e um aviso: "Há muitas pessoas que residem em edifícios sem segurança e não sabem disso" Destaque, 2 a 5 e Editorial

Presidenciais

Montenegro traça perfil de candidato: tem de ser do PSD

Na moção de estratégia global que levará ao congresso, o líder do PSD dá pistas sobre o candidato que quer para Belém Política, 10/11

Saúde

Peritos querem lei sobre partilha de dados com privados

Especialistas defendem que projecto-piloto do Registo de Saúde Electrónico único só avance depois de o Parlamento legislar Sociedade, 14/15

(1948-2024)

A saga de um verdadeiro gentleman

Sven-Göran Eriksson, antigo treinador do Benfica, morreu aos 76 anos vítima de cancro Desporto, 30/31



Tabelas de IRS

Novas taxas trazem alívio maior durante dois meses

Tabelas de retenção foram publicadas. Haverá taxas mais baixas em Setembro e Outubro; e outras definitivas depois disso Economia, 24/25

ISNN-0872-1556

Sismo é "alerta" para investir em prevenção e informação sobre risco



A baixa magnitude do terramoto sentido ontem não dá garantias sobre a resposta portuguesa em caso de desastre, mas lembra que o país é território de sismos



Tiago Ramalho

Às 5h11, a terra tremeu em Portugal. O sismo com magnitude de 5,3 na escala de Richter e as seis réplicas detectadas só até 17h de ontem servem de aviso para um país em que o risco sísmico é alto – embora nas últimas décadas sem ocorrências muito significativas. O terramoto foi sentido em Portugal, mas também no Sul de Espanha e no Norte de Marrocos.

A magnitude de um sismo mede a energia que é libertada desde o epicentro – neste caso, a 60 quilómetros de Sines, no oceano. Depois de ser libertada essa força, as ondas sísmicas propagam-se, tornando-se cada vez mais fracas à medida que se afastam do epicentro. Isso explica que no Norte do país os relatos sejam escassos, comparativamente com a zona de Setúbal e Lisboa, onde as vibrações foram mais intensas.

"Estes sismos lembram-nos que vivemos em território de sismos. Para mim, como sismóloga, este sismo é totalmente expectável. Para um português que nunca sentiu um sismo, se calhar é inesperado", nota Susana Custódio, sismóloga e investigadora no Instituto Dom Luiz. Embora o Governo e o Presidente da República tenham elogiado a resposta e até mencionado que este era um "teste real" às nossas capacidades, a magnitude moderada deste sismo não permite tirar esse tipo de conclusões.

"O sismo não mostra nada que estamos preparados. Só mostraria se tivéssemos um sismo de magnitude superior, com danos, e se houvesse a necessidade de socorrer pessoas – aí, íamos ver se estaríamos preparados", defende Rita Bento, investigadora do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, numa visão secundada por Susana Custódio.

"Este sismo não teve uma intensidade suficiente para pôr as construções à prova", sublinha a investigadora do Instituto Dom Luiz. A monitorização mostra que "temos uma boa rede sísmica" através do IPMA, mas a resposta não chega a ser avaliada através deste evento.

As duas notas que sobram neste momento em que se recorda que Portugal está situado num sítio sismologicamente relevante prendem-se com investimento: por um lado, na fiscalização dos edifícios e, por outro lado, na investigação científica.

A preparação e antecipação do risco sísmico deriva do conhecimento do território geológico, algo que não temos. "Este sismo acontece num sítio onde não há nenhuma falha mapeada como activa, neste momento", explica Susana Custódio, acordada (como muitos) pelo sismo. Apesar dos avanços no mapeamento ao longo das últimas décadas, ainda há um escasso conhecimento das "falhas activas e do tipo de sismos que podem gerar". O investimento na investigação permitiria conhecer melhor a realidade geológica portuguesa e antever parte dos potenciais problemas, identificando de forma mais precisa as zonas de risco.

Essas zonas de risco conduzem-nos à segunda nota para o futuro: a fiscalização dos edifícios. Nos locais mais perigosos, a construção é ainda mais importante. "Não é algo que podemos negligenciar", avisa Rita Bento, especialista em segurança e risco sísmico que também sentiu as portas de casa a tremer. "Este sismo mostra que estamos numa área com actividade sísmica e temos de ter muito cuidado com o cumprimento dos regulamentos e com a fiscalização", adverte.

Os espaços mais antigos e de grande aglomeração nas cidades são uma das maiores preocupações da investigadora do Instituto Superior Técnico, dado que muitas são anteriores à regulamentação de prevenção sísmica e contaram com alterações ao longo dos anos que fragilizaram a estrutura dos edifícios. "Nas nossas construções há uma quantidade significativa que não cumpre os requisitos que hoje conhecemos como os mínimos necessários para garantir a segurança das pessoas e das construções", diz. Basta recordar que dois terços dos edifícios na Área Metropolitana de Lisboa foram construídos antes de estar em vigor legislação de protecção sísmica eficaz – ou seja, nos anos 1980.

Além destes, há outros edifícios críticos em caso de desastre, como os hospitais, que "não estão preparados", indica Rita Bento, sobretudo por serem espaços com construções antigas, nalguns casos até degradadas, e sem intervenções de reforço.

"Há uma melhoria substancial da nossa preparação, com a introdução de códigos de construção anti-sísmica e uma maior sensibilização a todos os níveis. Mas daí a dizer que estamos preparados há um intervalo muito significativo", sublinha Manuel João Ribeiro, do Instituto Superior de Educação e Ciências, em Lisboa.

Porquê Portugal?

Embora os registos sísmicos estejam sempre mais centrados nos Açores, a verdade é que não são novidade em Portugal continental. Há quase duas décadas, em 2007, também se sentiu um sismo com 5,8 na escala de Richter

NUNO FERREIRA SANTOS



– ligeiramente superior a este –, sentido sobretudo no Alentejo e em Lisboa. Também aí não houve danos.

O sismo desta madrugada serve de lembrete à população sobre o risco sísmico em território português. Afinal, este é um território de sismos. Além das seis réplicas até à tarde de ontem, é esperado que haja outras nos próximos dias. Tal como estas, o mais provável é que tenham valores bastante baixos na escala de Richter.

Embora não sejamos o Japão, o Chile ou a Turquia, países com um perigo sísmico bem mais elevado, estamos num ponto importante a nível geológico. Portugal, como explica o sismólogo João Duarte no seu blogue, está "numa zona de fronteira entre duas grandes placas tectónicas" – a de África e a da Eurásia, conhecida como fractura Açores-Gibraltar. "Estas placas estão em rota convergente, o que leva à acumulação de tensão que é ciclicamente libertada sob a forma de grandes sismos." Os Açores têm um movimento sísmico ainda maior devido à sua actividade vulcânica e à microplaca dos Açores. No continente, o Sul de Portugal é mais "propenso" a sismos, atendendo às falhas que atravessam o Algarve.

O registo histórico mostra-nos que há "sismos destrutivos de alta magnitude", como refere Susana Custódio, sendo o mais memorável o de 1755. Mas basta recuar ao século passado para encontrar sismos com magnitudes superior a 8 na escala de Richter, como o de 1969 – morreram 13 pessoas em Portugal nesse Fevereiro.

O sismo de ontem pode abrir a porta a futuros sismos com outra magnitude, explica Susana Custódio: "Sempre que há um sismo, há um sistema que fica activo. E os sismos mudam o estado de tensão da crosta naquela região e isso, por vezes, desencadeia outros processos e poderão existir sismos maiores." No entanto, isso não é caso para alarmismo, embora a possibilidade exista.

A esperança dos investigadores é que este tremer das casas sirva para investir na preparação e no conhecimento geológico do território.

Réplicas e respostas

Seis réplicas e mais de 10 mil testemunhos

O Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) já tinha recebido, ontem à tarde, mais de 10 mil testemunhos sobre os efeitos do sismo que durante a madrugada fez acordar Portugal. Numa pequena nota, o IPMA confirma também que foram registadas (e não sentidas) seis réplicas.

As pequenas réplicas foram registadas às 5h47, 6h40, 7h14, 7h27, 11h44 e 11h56. Este sismo, que não causou danos, foi sentido com intensidade máxima IV/V na Escala de Mercalli Modificada (MM56) na região de Setúbal, Lisboa, Beja, Faro, Santarém e Leiria.

Mais de 10 mil pessoas responderam ao questionário macrossísmico que o IPMA tem disponível *online*, com o objectivo de "cartografar a extensão dos efeitos dos sismos sentidos" em Portugal.

Lisboa vai ter uma *app* sobre risco sísmico esta semana

A Câmara Municipal de Lisboa vai lançar ainda esta semana uma aplicação que permitirá aos cidadãos obterem informação sobre o risco sísmico dos edifícios que habitam, disse ontem a coordenadora do programa municipal ReSist à agência Lusa.

Em declarações à Lusa, no final de uma intervenção na conferência europeia sobre mecânica dos solos e engenharia geotécnica, que decorreu em Lisboa, a geóloga Cláudia Pinto explicou que a aplicação — LxReSist — vai enumerar as prováveis vulnerabilidades sísmicas de um determinado edifício, tendo em conta a sua idade, e que acções podem ser adoptadas para prevenir esse risco. A coordenadora referiu que a aplicação, destinada ao cidadão comum, está "praticamente pronta" e que o episódio sísmico ocorrido na madrugada de ontem contibuirá para acelerar a sua apresentação pública.

Rodrigo Falcão Moreira

"Há muitas pessoas que residem em edifícios sem segurança e não sabem disso"

Entrevista

Miguel Dantas

Mais de metade dos edifícios em Lisboa foram construídos antes de 1982, data em que entrou em vigor a Lei de Protecção Sísmica, regulamentação que trouxe um reforço estrutural às novas construções. O sismo de ontem teve um epicentro suficientemente afastado para não provocar um tremor de terra forte o suficiente para causar danos estruturais a edifícios. Mas estará Portugal seguro se isso um dia vier a acontecer? O PÚBLICO entrevistou Rodrigo Falcão Moreira, especialista em estruturas e segurança sísmica de edifícios e docente do Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP).

Os edifícios em Portugal são seguros em caso de sismo?
Costumamos dividir o parque habitacional, de uma forma simplista, em duas épocas. Vamos traçar a linha mais ou menos em 1982, que é a data de publicação do antigo regulamento, que de facto foi um salto assinalável. Podemos dizer que foi verdadeiramente o primeiro código em que assegurava uma protecção sísmica eficaz dos edifícios. A partir dessa data os edifícios seriam substancialmente mais seguros do que os projectados antes. Estimávamos que cerca de 70% do parque habitacional de edifícios de betão armado português tinha sido projectado e construído antes da década de 1980. Isto é um volume de edifícios assinalável. A partir daí, o que podemos dizer é que a regulamentação existe e o conhecimento técnico também. E, em princípio, os edifícios projectados e construídos depois dessa data teriam níveis de segurança muito mais elevados.

Podem existir excepções?
Pode haver casos pontuais em que haja erro de projecto ou de construção que façam com que um edifício venha a sofrer danos. Nas minhas aulas, mostro fotografias de danos sísmicos em edifícios espalhados pelo mundo. Os alunos reconhecem as falhas, pensam que é um edifício antigo e depois eu digo que foi projectado em 2011 [por exemplo].

Lisboa é a zona mais crítica em termos da segurança estrutural?
Há uma concentração e exposição muito maior em Lisboa. Temos mais habitantes e edifícios de maior dimensão. Sempre que temos, todos nós, especialistas na matéria, discussões sobre isto e mesmo nas interacções que temos com os nossos governantes, estamos focados na cidade de Lisboa. Ocorrendo um evento de intensidade assinalável, é onde, efectivamente, se vão verificar mais dados materiais e, porventura, baixas humanas.

Como é que um inquilino pode saber se o edifício respeita a lei?
Esse é um ponto fundamental. Uma pessoa que esteja à procura de um apartamento num edifício mais antigo deve procurar saber [as características do edifício]. Vai saber onde? Pode ser junto da administração do condomínio ou do município. É preciso perceber se, quando o edifício foi alvo de reabilitações, foi também alvo de uma intervenção de reforço sísmico. O município deveria ter essa informação. A administração de condomínio também terá o registo de intervenções "mais fortes".



Rodrigo Falcão Moreira é especialista em estruturas e segurança sísmica de edifícios

Pode fazer-se alguma coisa para proteger as habitações?
Depende da intensidade do sismo. Um abalo de intensidade média pode não causar danos estruturais, ou seja, não está em causa o colapso da estrutura do edifício. Mas sabemos que há muitas mortes que se dão não pelo colapso da estrutura, mas de elementos não estruturais, como uma parede divisória ou peças mobiliárias que não estejam presas à parede. A partir do momento que entramos no campeonato dos danos estruturais, há muito pouco que o proprietário possa fazer. Este tipo de dano só se consegue mitigar com uma intervenção profunda. É impossível intervir numa fracção, dizer que moro no terceiro esquerdo e dizer que vou reforçar o apartamento. Há muitas pessoas que residem em edifícios sem segurança e não sabem disso.

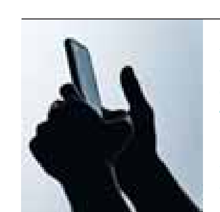
Protecção Civil

Por que razão não chegou um alerta aos portugueses?

Patrícia Carvalho

Instantes depois de o sismo de magnitude 5,3 na escala de Richter ter abalado parte do país na madrugada de ontem, acordando milhares de portugueses que sentiram o abanão, muitas pessoas procuraram respostas no telemóvel, nos *sites* ou junto dos contactos telefónicos das autoridades sobre o que tinha acontecido. E muitos queixaram-se de não terem conseguido aceder ao *site* do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) e de não terem recebido qualquer alerta da Autoridade Nacional de Protecção Civil, ao contrário do que acontece, por exemplo, quando há risco elevado de fogos. O que se passou?

De acordo com o comandante nacional da Protecção Civil, André Fernandes, nada de anormal. Durante a informação prestada à comunicação social, pouco depois das 8h de ontem, não houve qualquer informação especial a chegar aos portugueses porque não tinha de haver. A magnitude do sismo, que teve o epicentro a 60km a oeste de Sines, "não reúne critérios para activação dos planos especiais existentes para este tipo de eventos", disse. André Fernandes explicou que esses planos só são activados quando a magnitude do sismo é superior a 6,1 na escala de Richter,



A comunicação só é activada quando o sismo tem uma magnitude superior a 6,1 na escala de Richter

altura em que, garantiu, "há accionamento directos dos planos e, aí sim, uma comunicação diferente".

O comandante nacional afirmou ainda que só às 5h40 é que houve a confirmação de que não existiam danos pessoais ou materiais decorrentes do sismo, pelo que só depois disso é que se considerou haver condições para emitir uma informação concreta. A plataforma escolhida para isso foi o Facebook, onde, pelas 6h, foi colocada uma mensagem a dar conta do sismo, das medidas de autoprotecção que devem ser seguidas e da página do IPMA onde pode ser deixado o testemunho. "Temos de olhar para o evento sísmico em si", disse o comandante nacional, afirmando que a resposta necessária foi sempre sendo dada.

Quem procurou informação directamente no *site* da Protecção Civil não a teve nas primeiras horas, e quem tentou saber o que se passava junto do IPMA também não teve melhor sorte – nos minutos a seguir ao sismo, o *site* esteve em baixo e há relatos de quem também não tenha conseguido aceder à tal página onde se pode relatar de que forma se sentiu o sismo. Fonte do IPMA diz que este organismo ainda está "a avaliar" o que se passou, mas argumentou que "o excesso de procura" da página terá estado na origem da indisponibilidade.

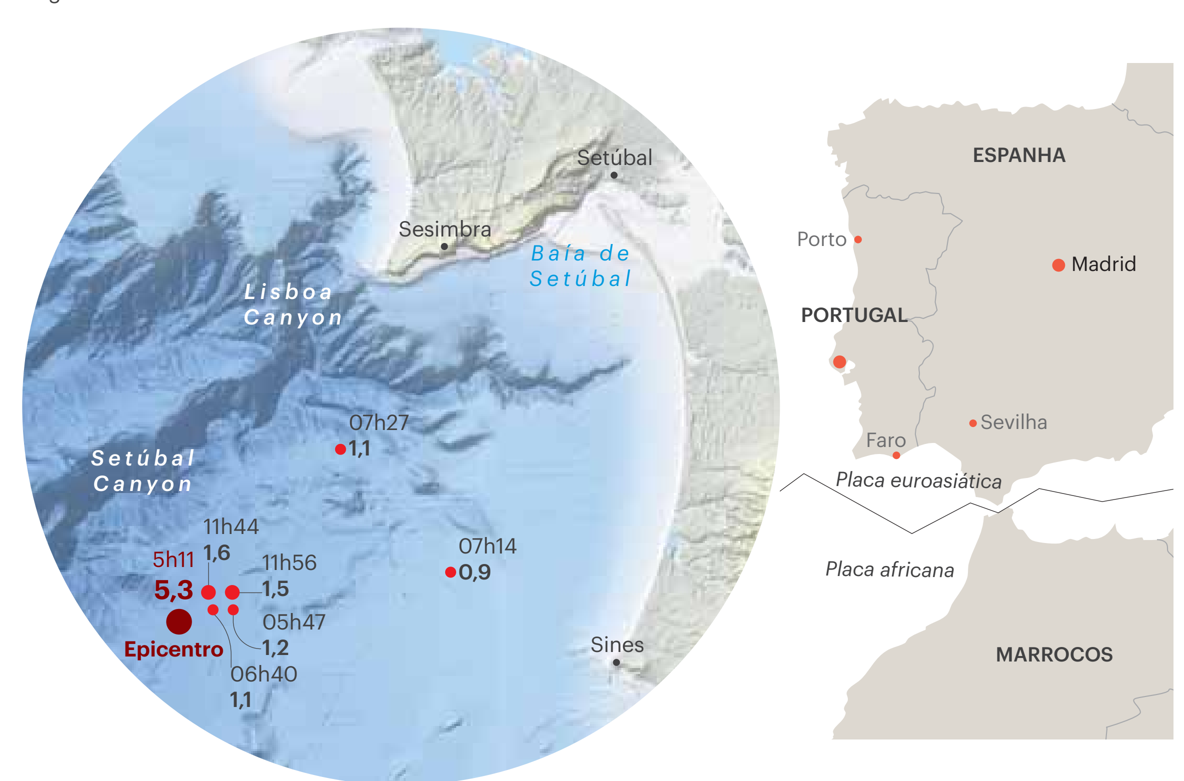
Esse excesso de procura de informação entupiu também as linhas telefónicas dos diversos organismos ligados à Protecção Civil, com particular incidência para os serviços de bombeiros. André Fernandes confirmou ter havido "um pico" de chamadas, mas que quem conseguiu ser atendido recebeu informações e recomendações sobre como actuar.

Já o Presidente da República também defendeu a forma como a resposta ao que estava a acontecer foi dada, embora reconheça que a informação à população possa ter sido menos atempada do que o desejado. Aos jornalistas, Marcelo Rebelo de Sousa disse que "funcionou o que devia ter funcionado", lembrando que só um sismo com intensidade superior a 6,1 implica a activação de procedimentos especiais. Ainda assim, alertou: "Sei que a Protecção Civil está atenta a pormenores de comunicação e à capacidade de fazer face àquilo que é dar resposta a parte dos portugueses a quererem informação – e já não é a primeira vez que acontece – muito, muito imediata. Também disso se retiram lições para o futuro."

Quem acedeu à página da Google assim que sentiu o sismo foi, provavelmente, quem mais rapidamente teve a confirmação de que não sonhara a existência de um abalo. Ainda que a informação inicial tenha sido confusa (falou-se numa magnitude de 5,0 e de 5,9 e ao final da manhã a que era apontada era 5,4), a página abria directamente com a informação de que ocorrera um terramoto com epicentro a pouco mais de 80km de Lisboa. Também alguns donos de *smartphones* com o sistema Android receberam um alerta, enviado pela Google, que está ligada à rede mundial de sismógrafos. Já os donos de *iPhone* tiveram de aguardar que a informação começasse a ser divulgada pelos *media*.

Como é que o sismo de Sines compara com anteriores terramotos?

Ocorreu às 5h11 e teve seis réplicas

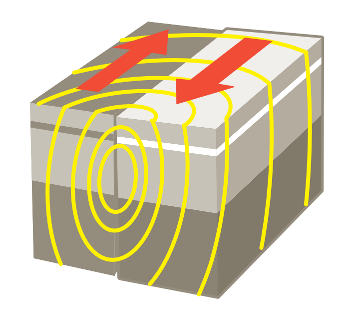


A Terra dividida em placas

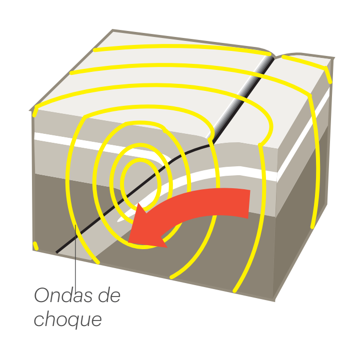
Açores

Tipos de terramoto

Deslize ao longo de uma falha
As placas deslizam uma contra a outra ao longo das falhas, criando pressão que se liberta

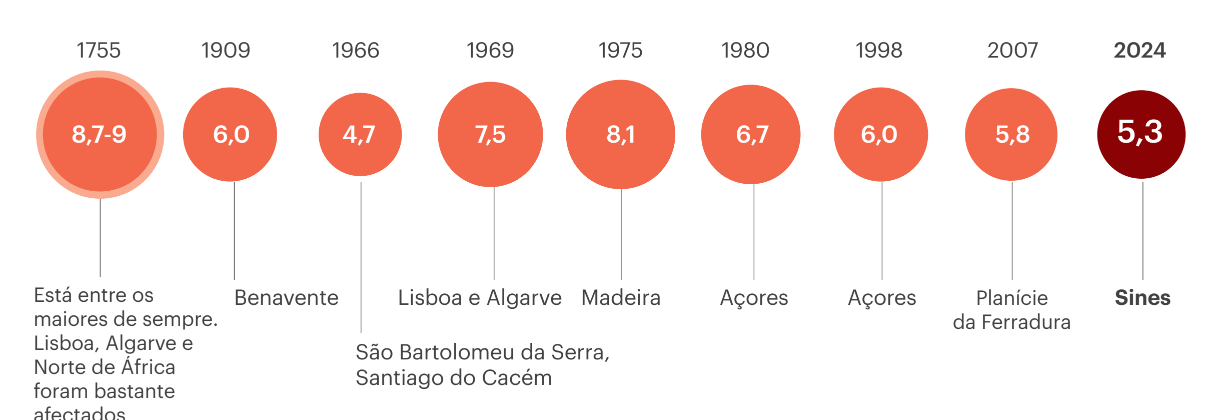


Subducção
Uma placa tectónica é forçada para baixo de outra. terramotos deste tipo são muito intensos



Os sismos mais relevantes em Portugal

O arquipélago dos Açores é das zonas com maior actividade sísmica, por estar na fronteira de três placas



Fontes: IPMA; EMODnet

PÚBLICO

De intensidade elevada

Afinal não foi o sismo mais forte (nem o mais intenso) dos últimos 60 anos

Leonor Alhinho

O sismo ocorrido ontem foi sentido com grande intensidade, mas nem por isso foi o mais forte

Às 5h11 da madrugada de ontem, foi registado um sismo com epicentro a 60km de Sines. Amontoam-se os relatos de pessoas que acordaram com o abanão, ficando a ideia de que este terá sido o sismo mais forte dos últimos 60 anos em Portugal. Com 5,3 na escala de Richter, o sismo de 26 de Agosto de 2024 não foi o mais forte dos últimos anos. Contudo, pode estar entre os mais sentidos. Isto é, a sua magnitude não foi a maior, mas a sua intensidade foi elevada.

A escala de Richter, organizada de zero a dez, classifica os sismos, consoante a sua magnitude, como: micro (menos de 2,0), muito pequeno (2,0-2,9), pequeno (3,0-3,9), ligeiro (4,0-4,9), moderado (5,0-5,9), forte (6,0-6,9), grande (7,0-7,9), importante (8,0-8,9), excepcional (9,0-9,9) e extremo (superior a 10).

É, no entanto, a escala modificada de Mercalli que define a sua intensidade, de I (imperceptível) a XII (catastrófico). O sismo de ontem está avaliado em V/VI na escala de Mercalli, ou seja, moderado/pouco forte. A existência destas duas escalas e a falta de conhecimento sobre elas criam, muitas vezes, a ideia errada de que o sismo de 1969 foi o mais forte na escala de Richter nos últimos 60 anos. Na verdade, o que ocupa essa posição é um sismo muito menos problemático.

26 de Maio de 1975, Madeira
8,1 na escala de Richter

Este sismo com uma impressionante magnitude de 8,1 atingiu o patamar de V/VI na escala de Mercalli, na Madeira, os mesmos valores que a ocorrência do de ontem.
Causou somente danos ligeiros no arquipélago e foi sentido, com menor intensidade, na parte ocidental de Portugal continental e Espanha, bem como em algumas ilhas açorianas, nas Canárias e em Marrocos. Além disso, acabou por gerar um *tsunami*, registado por um marégrafo de Ponta Delgada.

Com menos 0,6 na escala de Richter, o sismo de 1969 criou muito mais estragos.

28 de Fevereiro de 1969, Lisboa e Algarve
7,5 na escala de Richter

O sismo que atingiu o Sul do país e a região de Lisboa, às 3h41, foi o último grande sismo a ocorrer em Portugal continental, e o mais importante do século XX. Atingiu o patamar VI/VII na escala de Mercalli, em Lisboa. No Algarve, foi observada uma intensidade de VIII, ou seja, foi considerado destrutivo.

Nesse dia, o sismo provocou pânico entre a população. Foram cortadas várias linhas de telecomunicações, bem como o fornecimento de energia eléctrica. Em Portugal continental registaram-se 13 vítimas mortais e foram reportados 58 feridos. Caíram chaminés e foram destruídos vários veículos estacionados, verificaram-se fendas nas paredes, vidros partidos e deslocamento de telhas. Foram derrubadas cerca de 400 casas.

Entre 28 de Fevereiro e 24 de Março de 1969 ocorreram 47 réplicas e, apesar de ser dos sismos mais mediáticos da história de Portugal (provavelmente só vencido pelo de 1755) e de ter tido uma intensidade bastante elevada, nos últimos 60 anos houve um outro com classificação superior na escala de Mercalli.

1 de Janeiro de 1980, Açores
6,7 na escala de Richter

Foi às 16h42 do primeiro dia de 1980 que ocorreu um sismo com magnitude de 6,7, com epicentro no mar entre a ilha Terceira e São Jorge. A ocorrência foi sentida em todas as ilhas, à excepção de Flores e Corvo. O terramoto provocou 61 mortes, mais de 300 feridos e milhares de desalojados, causando prejuízos por várias ilhas açorianas. Mas de 15 mil habitações ficaram danificadas ou destruídas. Na localidade das Doze Ribeiras, na ilha Terceira, o sismo foi sentido com grau VIII/IX na escala de Mercalli, isto é, destrutivo/ muito destrutivo.

26 de Agosto de 1966, Santiago do Cacém 4,7 na escala de Richter

Há precisamente 58 anos, a 26 de Agosto de 1966, Portugal também sentiu um abanão. Às 5h56 registou-se um sismo de magnitude 4,7, com uma intensidade de Mercalli de VII, em São Bartolomeu da Serra, Santiago do Cacém. À semelhança do de 2024, não foram registadas vítimas nem danos materiais.

Sismos: é preciso acontecerem para que despertemos?

Opinião



Carlos Mineiro Aires

Em 17 de fevereiro de 2023, no rescaldo de um sismo de magnitude 7,8 que atingiu o sudeste da Turquia no início desse mês, escrevi neste mesmo jornal um artigo de opinião intitulado “Sismos: um edificado degradado num território vulnerável”.

No essencial, hoje pouco teria a acrescentar ao que então referi.

Na madrugada de ontem, uma parte significativa do território continental nacional foi acordada por um evento sísmico com intensidade considerável (5,3 na escala de Richter) e com o epicentro localizado 87km a oeste de Sines.

Seguiram-se pequenas réplicas e, tanto quanto se sabe, não terão existido danos patrimoniais ou pessoais, para além dos habituais sustos e justificados receios de que possa voltar a acontecer com magnitude superior.

Também tivemos a habitual reação política com múltiplas referências à excelente articulação com os serviços envolvidos, muito embora já fosse do conhecimento público que não existiam quaisquer danos.

Desde 2023, mantemos a mesma atitude, que passa por aspetos que interessa recordar e abordar.

O tema dos sismos só entra na agenda mediática e político-partidária quando ocorre um terremoto, preferentemente longe da nossa casa, o que não sucedeu neste caso, ao invés das agendas técnicas da engenharia, onde a discussão do assunto é permanente e os alertas são constantes.

Persiste a eterna esperança de que estes eventos permitam dissipar energia e evitar a ocorrência de um novo grande sismo, escamoteando a realidade de que tal irá acontecer um dia, quer haja ou não “dissipação” pontual da energia tectónica.

A par, parece perpassar a ilusão de que existirão condições para assegurarmos uma pronta e eficaz resposta a uma eventual catástrofe, quando todos sabemos que a probabilidade de ocorrência de danos significativos e até de colapso das infraestruturas e meios de socorro (caso dos hospitais) é elevada, para além de percursos obstruídos com escombros e infraestruturas fundamentais afetadas (caso do abastecimento de água, energia, pontes, comunicações, etc.), pelo que infelizmente nem tudo irá correr bem e no dia seguinte começará a caça às bruxas.

Apesar da reabilitação urbana que vem sendo feita, o nosso parque habitacional está envelhecido e degradado, em grande parte sem condições de habitabilidade e, por isso, somos o terceiro pior país da Europa em termos de pobreza energética, estimando-se que existam cerca de dois milhões de fogos a necessitar de recuperação, o que implica investimentos colossais, pelo que deveríamos começar a pensar em planear a sua recuperação em moldes credíveis e eficazes.

Legislação que obrigue ao cálculo sísmico de edifícios não nos falta, pois desde 1958 que existe e tem vindo a ser aperfeiçoada, mas só na década de 80, e posteriormente em Setembro de 2019, com a introdução dos Eurocódigos Estruturais, ficou mais fiável, o que permite ter uma ideia da dimensão da capacidade resistente do edificado habitacional mais antigo, já que os diminutos casos de investimentos no reforço sísmico de estruturas são a exceção que confirmam a (má) regra.

Por isso, repetindo-me, não é verdade que o país ou qualquer das nossas cidades estejam totalmente preparados para um evento de elevada magnitude, tal como sucede em países bem mais ricos e desenvolvidos, onde estas catástrofes também têm lugar e não podem ser evitadas.

> **Persiste a eterna esperança de que estes eventos permitam dissipar energia e evitar a ocorrência de um novo grande sismo, escamoteando a realidade de que tal irá acontecer um dia**

Declarações e afirmações que generalizem sensações de segurança são ilusórias e perigosas, sobretudo porque não correspondem à realidade da situação, onde há muito trabalho por fazer.

Temos pela frente um desafio de grande dimensão e responsabilidade que quanto mais for adiado mais poderá pesar nas consciências individuais e coletivas.

Os engenheiros planeiam as prioridades em cenários de contraciclo, isto é, tratando das cheias na estiagem, das secas durante os períodos húmidos, mas, no caso dos sismos, nunca esquecem a possibilidade da sua ocorrência a qualquer instante.

Se Portugal tem legislação e conhecimento de excelência, caso do Laboratório do Estado (Laboratório Nacional de Engenharia Civil – LNEC), academia, quadros técnicos altamente qualificados e uma Autoridade Nacional de Protecção Civil experiente, não podemos deixar de tirar partido destes ativos.

Por isso, os decisores políticos deveriam apostar na criação de uma Estrutura de Trabalho alargada, que, por ser composta e recorrer a instituições públicas, não traria custos acrescidos, à qual competiria diagnosticar, monitorizar permanentemente e propor medidas para mitigação dos efeitos de um grande sismo.

Também existem muitos engenheiros e arquitetos aposentados que estarão interessados em voltar a ser úteis, tal como sucede com o recurso de emergência aos médicos e professores que já terminaram as suas carreiras.

Esse trabalho de âmbito nacional, porque Portugal não é só Lisboa, para além de ser crucial, permitiria ter informação exata sobre o verdadeiro estado do edificado e fazer o planeamento dos colossais investimentos que importa iniciar.

O próprio Estado, enquanto grande proprietário e com responsabilidades na gestão e nas consequências de crises, será o primeiro interessado nessa informação para poder selecionar as prioridades de intervenção.

Engenheiro civil, ex-bastonário da Ordem dos Engenheiros

Sismo: não foi um teste, foi um aviso



Editorial



Andreia Sanches

Passado o susto inicial, sismos como os da madrugada de ontem devem ser encarados como avisos. Sérios. Vivemos numa região especialmente sensível, sabemos que outros virão. Por isso, é essencial ouvir o que os especialistas têm para nos dizer e "aprender" – "temos todos de aprender", como Marcelo Rebelo de Sousa repetiu na sua intervenção pós-abalo. Quatro avisos que ficam depois de um dia inteiro a falar de tremores de terra.

Primeiro: é preciso estar preparado para comunicar melhor. Às 5h11, a terra tremeu e muitos dos que acordaram viram o que aconteceu de seguida. O *site* do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) bloqueou. Não houve informação oficial à população nos minutos que se seguiram. Mas vivemos na era da informação global, claro que quem escreveu a palavra "sismo" no motor de busca da Google recebeu nesse mesmo segundo a informação de que se registara um "terramoto" que afectara "Gibraltar, Marrocos, Portugal e Espanha". É preciso garantir que um *site* como o do IPMA não bloqueia se os acessos disparam.

Segundo: é preciso conhecer melhor a realidade geológica portuguesa e identificar de forma mais precisa as zonas de risco. E isso significa mais investigação. Apesar dos avanços no mapeamento ao longo das últimas décadas, alguns cientistas alertaram para o escasso conhecimento das falhas activas e do tipo de sismos que aquelas podem gerar. O abalo desta segunda-feira ocorreu, de resto, num sítio onde não havia nenhuma falha activa mapeada.

Terceiro: só na Área Metropolitana de Lisboa, dois terços dos edifícios onde vivemos, onde trabalhamos, onde somos atendidos nos mais diversos serviços, foram construídos antes de existir legislação de protecção sísmica eficaz. A Câmara Municipal de Lisboa anunciou que está a "avaliar sismicamente mais de 1500 edifícios municipais" e que 10% precisam de "reforço" contra terramotos. Muitos outros também precisarão de ser avaliados.

Quarto: o Presidente da República diz que é importante debater a questão da protecção sísmica na "construção de grandes obras públicas". Vários peritos têm alertado para falhas na fiscalização. Garantir que as regras existentes, seja na construção seja na reabilitação, são respeitadas é essencial. Parece consensual que Portugal tem boa regulamentação, mas ela só protege a população se for aplicada.

Nesta segunda-feira, o abalo que despertou o país mais cedo do que é habitual não provocou danos nem vítimas. Não foi um teste a nenhum dispositivo de emergência, não foi preciso, felizmente, ir para o terreno. Mas foi um aviso. Saibamos ouvir.

É preciso conhecer melhor as zonas de risco, fiscalizar melhor, informar melhor, ouvir os avisos e 'aprender'

CARTAS AO DIRECTOR


Mais de 3000 pessoas mudaram de sexo no Registo Civil em Portugal
QUEBRAMAR

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles
cartasdirector@publico.pt

Dia Mundial do Cão

O Dia Mundial do Cão celebra-se a 26 de Agosto. Evoco todos os cães maltratados e negligenciados. A veterinária municipal ainda não é uma realidade em Portugal. Quantos idosos têm como única presença diária um animal de companhia? Com parcas reformas não é fácil tratar daqueles que são fiéis. Custa ler tabuletas informando que há praias onde não são permitidos cães mesmo usando trela. É sabido que as pessoas sujam mais o areal de uma praia do que os animais de companhia. No entanto, quando é preciso cães altamente treinados, são usados para resgatar pessoas de escombros. À memória de todos os cães eternamente presentes.
Ademar Costa, Póvoa de Varzim

Partos

Nos últimos meses tenho visto publicado um maior número de cartas subscritas por leitoras do que era habitual, o que me apraz. No dia 24, a leitora M.D.A. concordou com Eduardo Barroso "(sobre a obrigação de os novos médicos fazerem serviço obrigatório no SNS)", com o que eu também concordo em absoluto.

Nunca fui médica nem enfermeira, nem tenho ou tive na família alguém que o tenha sido, mas discordo muito quando esta leitora se indigna por considerar que numa mesma maternidade 25 partos em 24 horas pode não ser excessivo. É que nem todos os partos são "normais"! Ou seja, há os simples e os que são mais demorados, requerendo maior acompanhamento, ou até uma cesariana não programada como último recurso. E o pessoal médico e de enfermagem não se pode desdobrar entre a enfermaria e a sala de operações, deixando ao acaso as demais parturientes.
Domicília Costa, Vila Nova de Gaia

Política editorial

Desilude-me o PÚBLICO porque acreditava que, actualmente, o mais importante a nível mundial fosse a guerra que Israel faz contra os palestinianos. Já não nega que o que pretende é tomar toda a Palestina, Gaza, Cisjordânia...

Já chamam genocida a Israel, continuam, porém, a bombardear Gaza. A culpa é também dos Estados Unidos, que não assumem que o armamento que continuam a fornecer a Israel tem um papel fundamental nesse genocídio. É também a Europa que continua a olhar para o lado como não tivesse tido um papel preponderante na imposição de Israel no território palestiniano. O PÚBLICO não pode lavar as mãos, como é hábito também com os comentadores televisivos. Em Portugal, ninguém quer tomar uma posição política séria. Nunca se é nem a favor nem contra qualquer assunto sensível. Há que tomar posições firmes!
Helena Azul Tomé, Lisboa



Em Portugal, ninguém quer tomar uma posição política séria. Nunca se é nem a favor nem contra qualquer assunto sensível. Há que tomar posições firmes!

Helena Azul Tomé
Lisboa

Rentrée política

É sempre um momento especial quando lustrosos representantes do povo se juntam para "botarem faladura" em nome dessa populaça pouco esclarecida. Mas, este ano, tal *rentrée* tem dado para tudo: universidades nas praias, academias em esplanadas, até um casamento

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ZOOM BRASIL

ANDRE BORGES/EPA



A qualidade do ar na área de Brasília tem vindo a degradar-se devido aos incêndios florestais, ao tempo seco e à baixa humidade e, pelo segundo dia, a capital brasileira está sob uma nuvem de fumo

entre a mesma família política, para agora chegarmos à Festa do *Avante!*, na Atalaia, a qual será politicamente a mais concorrida e esclarecida. Haverá concertos suficientes para tanto desconserto social.

Depois, e como sempre, de alguns dizerem que alguns partidos são farinha do mesmo saco, um líder houve que apelidou dois partidos de "toranja". Já Paulo Raimundo, esconjurando tudo à sua volta, afirmou, mais ou menos, que se "o nosso povo" fosse mais esclarecido, mais ninguém tinha votos, enquanto o "sol brilharia para todos nós" e um só partido bastaria.

José Amaral, Vila Nova de Gaia

Turistas: a origem do problema

Neste momento é evidente que existe um excesso de turistas em muitas cidades da Europa, Lisboa incluída. No caso português, é um crescimento bem acarinhado pelos responsáveis públicos, porque incentiva a construção (de hotéis), aumenta o emprego (de baixos salários) e aumenta o PIB sem grande esforço para o Governo. Torna é o centro das cidades inabitável e não frequentável, mas, enfim, adiante. Mas como é que chegamos a esta invasão de turistas? A principal causa é a descida abrupta do preço das viagens de avião, desde os anos 80-90 do século passado, com a desregulamentação do sector. Hoje vai-se passar um fim-de-semana a uma cidade europeia como dantes se ia à serra da Estrela. Aliás, há voos mais baratos para Paris do que me custa ir e vir ao Algarve de carro. Em todo o mundo, todos os dias há cerca de 100.000 voos! Insustentável. Fenómeno igual ocorre com os chamados cruzeiros. Estes grandes poluidores – aviões e cruzeiros – deviam ser obrigados a incorporar fortemente no preço da viagem o custo do CO_2 que geram e outros danos ambientais que criam, aumentando, claro, o custo das viagens e, assim, parando com o aumento do seu número ou, mesmo, como seria desejável, fazendo-o regredir para níveis aceitáveis à vida dos habitantes locais e sustentável para as gerações futuras.

Fernando Vieira, Lisboa

ESCRITO NA PEDRA

Com o início da vida, vem a sede pela verdade, enquanto a capacidade de mentir é gradualmente adquirida no processo de nos tentarmos manter vivos **Gao Xingjian, Nobel da Literatura**

O NÚMERO

5045

De acordo com dados do Sistema Europeu de Informação sobre Incêndios Florestais, arderam mais de 5045 hectares na Madeira, onde o incêndio está dominado

A crónica de Miguel Esteves Cardoso regressa a estas páginas a 1 de Setembro



publico.pt  

Lisboa
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

publico@publico.pt

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Julho **18.970 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

Espaço público

A reforma do sistema eleitoral como alavanca para a participação política dos jovens



João Santos, Conceição Pequito Teixeira

O voto é, como apelidou o cientista político Maurice Duverger, "a pedra angular das democracias liberais". Só ele legitima os governos representativos e garante uma participação política plena dos cidadãos na gestão da *polis*. Apesar disso, as últimas décadas têm sido marcadas por um declínio da participação eleitoral na generalidade das democracias contemporâneas, com um especial enfoque: este decréscimo é especialmente visível nos mais jovens, que tendem a votar substancialmente menos do que os seus concidadãos mais velhos, nomeadamente em eleições nacionais.

A manutenção de baixos níveis de participação eleitoral das camadas mais jovens da população acarreta consigo diversas implicações para os regimes democráticos, como são: uma sub-representação das políticas públicas que vão ao encontro das preocupações desta faixa da população; a criação, no longo prazo, de uma geração de futuros adultos politicamente quer apáticos quer descontentes; a ausência de um diálogo intergeracional construtivo e a formação de fenómenos de polarização geracional, originados pela concentração das políticas num grupo etário específico; e, por fim, a diminuição da coesão social, gerada pela criação de um "terreno comum de experiências" compartilhadas entre diferentes gerações e grupos sociais, algo que não acontece quando os mais jovens não se envolvem ativamente no processo democrático.

A centralidade supra referida da participação eleitoral na manutenção de democracias saudáveis, dinâmicas e coesas tem levado a que académicos de todo o mundo tenham procurado desenvolver propostas com vista a promover e reforçar a participação eleitoral dos mais jovens. Pela primeira vez num inquérito nacional, o projeto "50 Anos de Democracia em Portugal: Aspirações e Práticas Democráticas | Continuidades e Mudanças Geracionais" (ISCSP-CAPP) incluiu uma pergunta relativa ao grau de concordância dos jovens em relação a um conjunto destas medidas. Assim, e também pela primeira vez, os jovens puderam falar na primeira pessoa sobre os estímulos ou mudanças que consideram mais eficazes junto do seu grupo etário. Vejamos o que disseram.

Foram apresentadas aos inquiridos dez medidas para aumentar a participação eleitoral dos jovens, nomeadamente: 1) a redução da idade mínima para votar; 2) a introdução do voto obrigatório; 3) a adoção do voto eletrónico; 4) o desdobramento das mesas de voto; 5) o estimulo junto dos mais jovens pela integração em juventudes partidárias; 6) o aumento da integração dos jovens em listas de candidatura dos partidos políticos; 7) o desenvolvimento de simulações de processos políticos em contexto escolar; 8) a reforma do sistema eleitoral para a Assembleia da República; 9) o desenvolvimento de campanhas de sensibilização para a importância do voto; 10) e o desenho de políticas públicas direcionadas para os mais jovens.

De entre as dez medidas, aquelas que foram consideradas menos eficazes pelos mais jovens (18-24) e pelos jovens adultos (25-34) dizem respeito à redução da idade mínima para votar dos 18 para os 16 anos, conseguindo o apoio de apenas 47% dos mais jovens e de 31% dos jovens adultos; e a introdução do voto obrigatório – cuja taxa de aprovação cingiu-se a 45% dos mais jovens e a 48% dos jovens adultos. Em sentido oposto, algumas das medidas consideradas mais eficazes foram a promoção de campanhas de sensibilização para a importância do voto, com uma aprovação de 97% (mais jovens) e 96% (jovens adultos), e a reforma do sistema eleitoral, que mereceu a concordância de 96% dos mais jovens e de 94% dos jovens adultos. Em virtude da limitação de espaço de que dispomos no presente artigo, vamos concentrar-nos na (eterna) reforma do sistema eleitoral.

Os sistemas eleitorais são um dos elementos mais centrais – e definidores – de qualquer sistema político, o que justifica a atenção que o tema tem merecido ao longo das décadas. Em Portugal, os debates acerca da sua reforma começaram pouco tempo depois da sua aprovação, aquando da marcação das eleições para a Assembleia Constituinte. Desde então, académicos e elites políticas têm apresentado diversas propostas de reforma do sistema eleitoral, cujas mudanças passavam desde a criação de círculos uninominais (à semelhança do modelo britânico), a opção por um sistema misto (como o alemão), a criação de um círculo nacional de compensação (próximo ao que ocorre na Região Autónoma dos Açores); e a divisão dos maiores círculos eleitorais (proposta por Freire, Meirinho e Moreira em 2010 num estudo encomendado pelo PS e por PSP de Rui Rio em 2021).

No entanto, apesar de toda a atenção dada pelos "*political junkies*" ao tema ao longo das últimas cinco décadas, ainda não tinha sido perguntado aos portugueses em geral e aos jovens em específico se defendiam uma reforma do sistema eleitoral. Ao dia de hoje, sabemos que sim. Mais, sabemos que não só a esmagadora maioria dos jovens defende uma reformulação do sistema eleitoral como a quase totalidade destes considera que essa mesma reforma poderia potenciar um aumento da participação eleitoral dos jovens.



A reforma do sistema eleitoral é mais do que a mudança de uma qualquer lei eleitoral. Trata-se de um imperativo moral

Apesar de não podermos afirmar categoricamente o porquê desta opinião, podemos lançar algumas sugestões. O sistema eleitoral português mantém-se estanque desde que foi aprovado. De facto, as únicas revisões que sentiu foram a redução do número de mandatos a eleger aprovada em 1979 e em 1989.

À exceção disso, desde 1975 que apresenta um conjunto de caraterísticas que, ao invés de promoverem, desincentivam a participação eleitoral. São elas: em primeiro lugar, a existência de círculos eleitorais de grande magnitude – de que Lisboa e Porto são exemplos flagrantes – onde, pela sua enorme dimensão, a proximidade entre eleitores e eleitos é muito difícil; em segundo lugar, a manutenção de círculos eleitorais de reduzida magnitude – como Beja, Guarda e Portalegre, onde, apesar de uma maior proximidade entre eleitores e eleitos, os cidadãos são "empurrados" para a prática do voto útil (*strategic vote*) para que o que seu voto possa ser contabilizado; e, por fim, aquele que deverá ser o elemento com maior impacto na *accountability* das elites políticas, a existência de listas fechadas e bloqueadas – isto é, o facto de a ordenação dos candidatos nas listas estar 100% a cargo dos partidos, sem a possibilidade de o eleitor poder montar a sua lista ou escolher um candidato de entre a lista pertencente ao partido escolhido.

Neste sentido, qualquer reforma do sistema eleitoral deveria, no nosso entender, concentrar-se nestes elementos assinalados, por serem os que mais desincentivam a participação eleitoral. A reorganização da magnitude dos círculos eleitorais – com a divisão dos cinco maiores e a definição de um número mínimo (a definir) de mandatos a atribuir nos círculos mais pequenos – e a abertura parcial das listas, através, por exemplo, da prática do voto preferencial, permitiriam aproximar eleitores e eleitos, aumentar o sentimento de eficácia política do voto junto dos jovens, garantir uma eficaz prestação de contas e incentivar alguma concorrência intrapartidária, garantindo, no entanto, a manutenção da centralidade aos partidos políticos na representação parlamentar. Mais do que isso, fariam dos cidadãos parte ativa na escolha dos seus representantes.

Para terminar, a reforma do sistema eleitoral é mais do que a mudança de uma qualquer lei eleitoral. Trata-se de um imperativo moral. Hoje, em tempos de crise de apoio ao regime democrático à escala global, mais do que nunca.

NUNO FERREIRA SANTOS



Mestrando em Ciência Política; bolseiro de Investigação do projecto "50 Anos de Democracia em Portugal: Aspirações e Práticas Democráticas (...)" (ISCSP-CAPP); Professora de Ciência Política no ISCSP/U. Nova de Lisboa

Quem tem medo de Kamala Harris



Álvaro Vasconcelos

Devia ser claro para qualquer democrata que um novo mandato de Trump é o caminho para a autocracia, nos Estados Unidos como no mundo.

Para o líder parlamentar e secretário-geral do PSD, Hugo Soares, porém, é difícil escolher entre Trump e Kamala. São afirmações de um líder de um partido temeroso da extrema-direita, que só se explicam pelo medo dos valores que Kamala defende.

Outros há que olham para a política americana com um cínico "são todos iguais", por serem incapazes de se entusiasmarem seja com que for.

Quando Kamala recorre a uma expressão da sua mãe – "ninguém nasce num coqueiro" – , quer sublinhar que a consciência cívica nasce da história da nossa vida, e que a sua, como disse na Convenção Democrata, é o resultado da luta pela liberdade, contra a discriminação racial e o legado da escravatura, pelos direitos das mulheres.

Os pais de Kamala – mãe emigrante de origem indiana e pai de origem jamaicana – foram ativistas do movimento pelos direitos cívicos, tendo participado nas grandes manifestações contra a discriminação racial e a guerra do Vietname, levando a filha com eles no carrinho de bebé. Em Berkeley, o pai foi próximo dos fundadores dos Black Panthers.

Kamala teve a infância das crianças da revolução cultural dos anos 1960, fazendo-nos recordar, a muitos da minha geração, que também nós levávamos os nossos filhos às grandes manifestações do pós-25 de Abril.

Kamala assume a sua pluralidade de identidades – africana, indiana e americana –, embora seja a afroamericana a sua grande referência cívica. Quando os seus pais se casaram, em 1963, 16 estados norte-americanos não permitiam casamentos mistos, para proteger "a pureza étnica da raça branca". É da geração de afroamericanos que emergiram, desde essa altura, em todos os domínios da vida pública, algo sem paralelo em nenhum outro país ocidental, com extraordinários avanços no direito à igualdade das comunidades negras e das mulheres.

Alguns analistas sublinham que o Partido Democrata teria abandonado as "políticas identitárias", mas o resultado da defesa dos direitos das minorias étnicas e das mulheres esteve bem presente na convenção, destacando as múltiplas identidades étnicas e sexuais. Foi um longo caminho desde os anos 1960, quando o partido tinha o apoio maioritário das correntes segregacionistas do Sul. O Partido Democrata, ao fazer aprovar a Lei dos Direitos Civis de 1964, que pôs termo à segregação racial, rompeu com esse terrível legado da escravatura.


MIKE SEGAR/REUTERS

Os afro-americanos tiveram um lugar de destaque na convenção, presentes por direito próprio, porque lutaram pelos direitos cívicos, como Jesse Jackson, porque foram presidentes, como Barack Obama, porque são das figuras mais populares da América, como Michelle Obama, Oprah Winfrey ou Stevie Wonder, porque são congressistas, governadores, *mayors*, artistas, procuradores, como Keith Ellison, que conseguiu a condenação do assassino de George Floyd e que honrou a sua memória. Muitos deles são fruto da tão criticada *affirmative action* por tantos conservadores. Compreende-se porquê.

Alguns dos momentos mais emocionantes da convenção foram os depoimentos das mulheres vítimas da decisão de ilegalização do aborto em estados dominados pelos trumpistas, na sequência da decisão do Supremo Tribunal de reverter o direito federal que o protegia. Se for eleita, Kamala Harris anunciou que irá aprovar legislação para reverter tal violência.

Kamala é herdeira da revolução cultural dos anos 1960, mas não é uma radical. Eu diria que as utopias de então continuam a ser as suas, na defesa da igualdade e da liberdade, mas sabe que as reformas são o caminho. É uma progressista reformista, com uma visão social-democrata, como diz Paul Krugman, de difícil execução num país onde as grandes corporações têm uma enorme influência na política. Com Hillary Clinton, o Partido Democrata ainda aparecia como reduto das elites financeiras liberais. Agora, assumiu a defesa da classe média, de onde vêm Kamala Harris e Tim Walz. Muitos bilionários, como o reacionário Elon Musk, apoiam Trump, que cortou e promete cortar ainda mais os seus impostos.



Não é uma radical. É uma progressista reformista, com uma visão social-democrata, como diz Paul Krugman, de difícil execução num país onde as grandes corporações têm enorme influência

Com Biden, no pós-covid, o Partido Democrata distanciou-se da política neoliberal de Reagan. Bernie Sanders afirmou, por isso, que Biden tinha sido o presidente mais progressista desde Roosevelt. Kamala Harris irá continuar e reforçar essa política.

Em termos internacionais, Harris herda o melhor e o pior de Biden. Prometeu continuar a defesa da Ucrânia, mas herda o maior fracasso do presidente – a defesa dos palestinianos. A questão esteve bem presente nas manifestações contra a guerra em Gaza e nas declarações de muitos oradores a exigir um cessar-fogo. Kamala foi mais longe ao defender o direito dos palestinianos à autodeterminação. Por uma questão de coerência com os valores que nortearam a sua vida, se for eleita, terá de ameaçar Israel com um embargo de armas.

A Convenção Democrata mostrou que não existe apenas uma América, mas sim duas, altamente polarizadas, entre os republicanos, que ameaçam a democracia e a conquista do direito à igualdade, e os democratas, mais progressistas do que nunca. Por isso o resultado eleitoral é tão decisivo. A vitória de Kamala não só será uma vitória da democracia, como um enorme impulso na defesa de uma sociedade que faça da diversidade, da luta contra o racismo e dos direitos fundamentais a sua força. É esse triunfo que a extrema-direita internacional e uma direita cada vez mais conservadora temem.

Fundador do Forum Demos

Montenegro quer candidato a Belém, vencer autárquicas e tirar corrupção dos "extremos"



Luís Montenegro quer a presidência da Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP), ou seja, col

Líder do PSD recandidata-se à presidência do partido com uma moção que promete combate à corrupção e "prioridade máxima" à saúde

Liliana Borges

Dois anos depois de chegar à liderança do partido, Luís Montenegro recandidata-se a presidente do PSD como primeiro-ministro e já de olhos postos nas duas próximas eleições: as autárquicas e as presidenciais. Na moção de estratégia global que levará ao congresso de 21 e 22 de Setembro, o líder do PSD traça o perfil que merecerá o apoio dos sociais-democratas na corrida a Belém, deixando claro que pretende um nome saído das hostes partidárias. Mas antes disso Montenegro quer vencer as eleições autárquicas. Pelo meio, dedica vários parágrafos ao combate à corrupção, que estabelece como uma prioridade política e avisa que "os moderados" não podem "deixar para os extremos o monopólio deste assunto".

A ambição do líder social-democrata é sustentada num balanço positivo de um "ciclo eleitoral inesperadamente intenso", que deu apenas uma derrota ao PSD: as europeias. Apesar da pedra no sapato eleitoral, Montenegro acredita que, desde que assumiu a liderança, o PSD "reergueu-se como o maior partido português".

Um partido que só admite apoiar um social-democrata na corrida de 2026 a Belém, afastando, por exemplo, o apoio a uma eventual candidatura de Paulo Portas, ex-líder do CDS (partido parceiro do actual executivo). Afastado fica também o apoio a um candidato apartidário, como o actual chefe do Estado-Maior da Armada, Gouveia e Melo, que chegou a admitir uma candidatura a Belém.

Nas palavras de Montenegro, há no PSD e nos seus "quadros partidários militantes com notoriedade e conhecimento profundo e transversal do país", traçando o perfil daquele que deverá ser o candidato – ou candidata – apoiado pelo partido. Para o líder social-democrata, é imperativo que o nome escolhido tenha conhecimento "das políticas públicas, das instituições democráticas e cívicas, da realidade geopolítica internacional" e da participação portuguesa em várias plataformas, como a Organização das Nações Unidas, a União Europeia, a NATO ou a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Admitindo que a situação do PSD face às eleições presidenciais é "particularmente exigente", dado que no final do mandato do actual Presidente da República cumprir-se-ão 20 anos de mandatos presidenciais de antigos presidentes do partido – Aníbal Cavaco Silva e Marcelo Rebelo de Sousa –, Montenegro acredita também que estes dois nomes são garantia de que a militância partidária não é um ónus, defendendo que ambos "exerceram o seu magistério sem qualquer preferência partidária e com total imparcialidade e independência".

Embora Montenegro diga que os sociais-democratas seguirão "a tradição de aguardar as disponibilidades eventuais de militantes do partido com apetência e qualificação pessoal e política para o cargo", o seu secretário-geral e braço direito, Hugo Soares, assinalou, numa entrevista ao jornal *Expresso* publicada na última quinta-feira, alguns nomes que os sociais-democratas admitem para Belém: lançou a candidatura de Leonor Beleza e juntou-a a nomes como Luís Marques Mendes, Durão Barroso e Passos Coelho. A moção de Montenegro faz, no entanto, um aviso a todos os interessados: "A participação do partido esgota-se na declaração de apoio que manifestará", pelo que os candidatos terão de encontrar forma de financiar a sua corrida. Têm pouco mais de um ano para o preparar.

Mas antes, no calendário eleitoral, Montenegro terá de superar o teste das autárquicas. Embora lhe seja dedicado apenas um parágrafo, o objectivo eleitoral está traçado em dois objectivos: reconquistar a liderança da Associação Nacional de Municípios (ANMP) e da Associação Nacional de Freguesias (Anafre), actualmente nas mãos do PS. O que significa ganhar mais câmaras e mais juntas de freguesia que os socialistas – ou seja, vencer as eleições.

Corrupção na mira

Num aviso para dentro, Montenegro argumenta na moção que o "monopólio" do combate à corrupção não pode ser deixado "para os extremos". "Se os moderados não se mobilizarem contra a corrupção, é natural que

"Eleitoralista? PSD está a resolver problemas"

Foi entre promessas de reformas estruturais e dirigindo-se aos jovens que Hugo Soares afastou, com "indignação", as comparações entre Luís Montenegro e o seu antecessor, o socialista António Costa. Na intervenção na abertura da Universidade de Verão do PSD, que decorre até domingo em Castelo de Vide, o secretário-geral do PSD sustentou que "a melhor crítica" que podem fazer é dizer que o executivo de Montenegro "é eleitoralista". É "sinal de que está a resolver os problemas" e "a criar preocupações nos outros partidos", afirmou.

Hugo Soares argumentou que foi o Governo de Montenegro que decidiu a localização do novo aeroporto e fechou acordos nas carreiras dos docentes e nos serviços de segurança. "Este é um Governo que não veio para deixar tudo como estava, é um Governo que veio para transformar, é sobretudo um Governo que veio para resolver o problema da vida das pessoas hoje e deixar o país preparado para mais 10 ou 15 anos", acrescentou.

O líder parlamentar do PSD defendeu ainda que o país precisa de imigrantes e que estes devem ser recebidos com dignidade, mas também com regulação: "Não somos daqueles que acham que podem entrar todos sem controlo, ou dos outros que acham que não pode entrar ninguém, ou que só entra quem for parecido com eles. Nós somos da moderação, somos do humanismo, isto é ser do PSD e, desculpem, isto é ser português." **PÚBLICO/Lusa**

FILIPE AMORIM/LUSA



oca como meta a vitória nas eleições autárquicas de 2025

as pessoas se revoltem com os moderados", alerta. Por isso, defende sanções "severas e exemplares, de modo a dissuadir qualquer tentativa de corromper o sistema", que passam por "criminalizar de forma contundente o enriquecimento ilícito", mas também pelo alargamento das regras de impedimentos e incompatibilidades e "julgamentos céleres e justos" em lugar de "de processos intermináveis aos quais ninguém dá resposta".

Neste ponto, defende que é preciso "um sistema político mais transparente e responsável", propondo a revisão da Lei de Financiamento dos Partidos Políticos e das Campanhas Eleitorais "para garantir que a política se faz de forma limpa, sem subterfúgios nem manobras financeiras obscuras". Numa alteração que terá de contar com uma maioria de dois terços do Parlamento – e por isso com a bancada do PS –, pede a redução da idade de voto para os 16 anos.

Afirmando que o Governo "está a cumprir", o primeiro-ministro alega que sanou "num curto espaço de tempo" os "conflitos sociais que estavam há oito anos a dilacerar" o país. Respondendo às críticas, depois de semanas de constrangimentos e falhas na resposta de urgências hospitalares, promete manter a saúde como "uma prioridade máxima", para a qual prepara um "novo modelo de financiamento que premeie a eficiência e os resultados clínicos".

Sem falar no Orçamento do Estado para 2025, o líder do PSD mantém como meta a redução do IRC de 21% para 15% até 2027 – embora este seja um nó que o PS não irá desatar para viabilizar o OE.

Numa moção em que o *slogan* "Acreditar" de 2022 dá lugar ao "Acreditar em Portugal", Montenegro tira o fato de líder da oposição para assumir o de líder do Governo, alertando que "o governo não deve confundir-se com o partido e o partido não deve confundir-se com o governo" – "Não queremos e não iremos governamentalizar o partido nem partidarizar o governo."

No ano em que se comemora o 50.º aniversário do PSD, Montenegro anuncia na moção de estratégia que o número 9 da Rua São Caetano, a sede do partido, será renovado.

Incêndios fragilizam governo de Miguel Albuquerque: oposição e aliados não dão tréguas

Fernando Costa

PS-Madeira admite aprovar comissão de inquérito sobre incêndios de "forma potestativa", JPP não afasta moção de censura

O incêndio que lavrou durante 12 dias na Madeira veio adensar o clima de tensão política na região autónoma, deixando o presidente do governo regional, Miguel Albuquerque, novamente no centro de um coro de críticas que promete não abrandar. Albuquerque e o secretário regional da Saúde e Protecção Civil, Pedro Ramos, vão ser ouvidos no parlamento madeirense, numa audição requerida pelo JPP e já aprovada, mas ainda sem data. Esta semana dará também entrada na assembleia legislativa o requerimento do PS para a criação de uma comissão de inquérito aos incêndios – e os socialistas admitem mesmo usar o direito potestativo (que torna a comissão obrigatória) para avançar. O cenário de uma moção de censura, admitido pelo Juntos Pelo Povo (JPP), também não está fora de equação.

A alegada recusa dos meios disponibilizados pelo Governo central para o combate aos fogos na Madeira, a estratégia seguida e até mesmo as férias do líder do governo regional foram os principais focos da polémica que se instalou com os incêndios. E que vem marcar mais uma etapa num processo de fragilização do executivo de Miguel Albuquerque, que, para a professora de Ciência Política do ISCSP Teresa Ruel, já leva alguns anos. Para a investigadora, há várias características da gestão dos incêndios que deflagraram a 14 de Agosto que podem ser explicadas pela "ausência de alternância política" no panorama político madeirense: "A parca fiscalização, a ausência de acesso a informação, pouca transparência, muita concentração daquilo que é a comunicação institucional."

Teresa Ruel considera que Albuquerque, "neste contexto mais fragilizado de governo minoritário", deveria ter tido uma maior abertura e outra atitude relativamente aos incêndios. Afinal, as últimas eleições legislativas na Madeira, no passado mês de Maio, marcaram o pior resultado eleitoral do PSD na região desde 1976 - com 19 deputados, ficou a cinco de conseguir maioria absoluta. Foram as segundas eleições regionais no espaço de oito meses, depois de Albuquerque ter sido constituído arguido, em Janeiro, acusado de vários crimes, entre os quais o de corrupção. Obrigado a demitir-se, acabaria por ser reeleito líder do PSD-Madeira e venceria as eleições regionais, mas num quadro de instabilidade inédito na Madeira. Neste contexto, ficou dependente da abstenção do Chega para que o Orçamento da Madeira fosse aprovado em Julho, apesar dos votos contra de IL, JPP e PS.

Serão os incêndios eleitoralmente mais devastadores para Albuquerque do que as suspeitas de corrupção que marcaram a última campanha eleitoral? "É a pergunta de um milhão de dólares", diz Teresa Ruel, acrescentando que não há, ainda, dados suficientes para dar uma resposta.

No entanto, o próprio presidente do Governo Regional da Madeira já admitiu, neste domingo, que "o governo cai" se "uma das forças políticas" que ajudaram o executivo regional a conseguir alguma estabilidade "retirar o apoio e apresentar uma moção de censura".

O Chega e a Iniciativa Liberal – que, abstendo-se, permitiram a viabilização do Programa de Governo da Madeira – já pediram a demissão do secretário-geral da Saúde e Protecção Civil, Pedro Ramos. Para Teresa Ruel, o facto de os partidos pedirem a demissão de Ramos, mas não de Albuquerque, justifica-se pela responsabilidade que ambos tiveram na viabilização do executivo de Albuquerque. Assim, optam por uma "solução a meio caminho", que permite "defender a posição que tomaram".

Ainda que admitindo estar "exposto politicamente", Miguel Albuquerque foi peremptório a rejeitar quaisquer consequências políticas e mudanças no governo na sequência dos incêndios. "Era o que faltava", disse aos jornalistas, citado pela Lusa.

PS admite comissão de inquérito potestativa. JPP, moção de censura

A 20 de Agosto, o PS-Madeira propôs a criação de uma comissão de inquérito para apurar as responsabilidades políticas no incêndio que atravessou vários concelhos da ilha da Madeira. Numa altura em que o fogo foi já declarado extinto, Paulo Cafôfo explicou ao PÚBLICO que ainda "esta semana" o partido vai avançar com a "formalização da constituição dessa comissão".

Se a iniciativa não for aprovada em plenário, o líder do PS-Madeira admite que o partido possa "aprová-la de forma potestativa". Mas diz esperar que "obviamente ela possa passar em plenário", tendo em conta as críticas dos vários partidos e "o interesse em se escrutinar" a resposta que foi dada ao incêndio.

Ontem, à Renascença, Élvio Sousa, secretário-geral do JPP, o terceiro partido com mais assentos no parlamento regional, também admitiu a possibilidade de apresentar uma moção de censura ao governo de Albuquerque. O pedido do JPP para a audição do presidente do Governo Regional da Madeira e do secretário regional da Saúde e Protecção Civil já foi aprovado na comissão especializada de Saúde e Protecção Civil da Assembleia Legislativa da Madeira.

Também o CDS-Madeira vai apresentar um projecto de decreto legislativo para criar uma comissão técnica independente para apurar os factos relativos aos incêndios. O partido – que tem um acordo de incidência parlamentar com os sociais-democratas – considera que "é indesmentível que há investigações a fazer, esclarecimentos a prestar e factos que devem ser apurados por especialistas e técnicos".

HOMEM DE GOUVEIA/LUSA



Parlamento madeirense vai chamar Miguel Albuquerque

ENCONTROS COM FUTURO

CONVERSA

QUAL O FUTURO DO ESG?
ESG - Environmental, Social e Governance

De forma a promover o debate e a reflexão sobre a Sustentabilidade, o PÚBLICO e a REN organizam um ciclo de conversas sobre o estado da arte do ESG - Environmental, Social and Governance (Ambiente, Social e Administração) e o futuro destes critérios na gestão das empresas. A 2.ª edição dos **Encontros com Futuro**, dá continuidade ao debate iniciado em 2023 e leva a discussão até outro nível dias 16 e 17 de Setembro no CCB, em Lisboa, e a 25 de Setembro em Serralves, no Porto.

INSCRIÇÕES OBRIGATÓRIAS ATRAVÉS DO QRCODE

OU ATRAVÉS DO EMAIL:
EVENTOS@PUBLICO.PT




16 de Setembro


Centro Cultural de Belém, Lisboa

QUAL O FUTURO DO ESG - ENVIRONMENTAL, SOCIAL E GOVERNANCE?

Nos últimos meses, muito se tem discutido sobre a evolução e o futuro do ESG. Nesse sentido, o primeiro encontro deste ciclo deverá incidir sobre esse tema – o futuro do ESG. Neste primeiro evento, será ainda desenvolvido um breve resumo das conclusões e ideias da edição de 2023, que servirão de mote ao debate.



JORGE MOREIRA DA SILVA
DIRECTOR-EXECUTIVO DO ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA SERVIÇOS DE PROJECTOS (UNOPS), SUBSECRETÁRIO-GERAL ONU
ORADOR PRINCIPAL

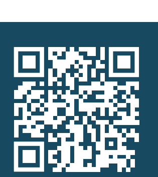


PEDRO CRUZ
ESG COORDINATOR PARTNER DA KPMG
COMENTÁRIO

9H00 RECEPÇÃO
9H30 INTRO 2ª edição Encontros com Futuro - **Fernanda Freitas**
9H45 ORADOR PRINCIPAL
Jorge Moreira da Silva, Director-executivo do Escritório das Nações Unidas para Serviços de Projectos (UNOPS), ex-ministro do Ambiente e da Energia
10H15 COMENTÁRIO
Pedro Cruz, ESG Coordinator Partner da KPMG
10H30 COFFEE BREAK
10H45 DEBATE
Filipa Pantaleão, Secretária-geral BCSD Portugal
André Themudo, responsável de Portugal para BlackRock
Representante EIB*
12H15 ENCERRAMENTO

Moderação: **Fernanda Freitas**

* NOME A CONFIRMAR



CONVERSA

RESPONSABILIDADE SOCIAL E AMBIENTAL COM PESO E MEDIDA

 17 de Setembro

 Centro Cultural de Belém, Lisboa

RESPONSABILIDADE SOCIAL E AMBIENTAL COM PESO E MEDIDA

Este painel tem como foco os indicadores Social e Ambiental, com o intuito de no debate cruzar diferentes perspectivas de inovação, formação para empresas e projectos que impactem directamente os cidadãos. O painel também irá abordar temas como a regulamentação da União Europeia para estas disciplinas, a avaliação de objectivos mensuráveis e realistas, assim como o *greenwashing*.



MARIA JOSÉ FERREIRA
DIRECTORA DE INVESTIGAÇÃO DO CENTRO TECNOLÓGICO DO CALÇADO DE PORTUGAL (CTCP)
ORADORA PRINCIPAL



RICK RIDGEWAY
MONTANHISTA, AMBIENTALISTA, EX-PATAGONIA
COMENTÁRIO ESPECIAL

9H00 RECEPÇÃO
9H30 ORADORA PRINCIPAL
Maria José Ferreira, Directora de Investigação do Centro Tecnológico do Calçado de Portugal (CTCP)
10H00 COMENTÁRIO
Duarte Cordeiro, Partner da consultora de sustentabilidade Shiftify, ex-ministro do Ambiente e Acção Climática
10H15 COMENTÁRIO ESPECIAL
Rick Ridgeway, Montanhista, ambientalista, ex-Patagonia
10H30 COFFEE BREAK
10H45 DEBATE
Mariana Banazol, Too Good to Go
Inês Oom de Sousa, Fundação Santander
João Pedro Neto, Thingle
12H15 ENCERRAMENTO

Moderação: **Fernanda Freitas**

CONVERSA

SUSTENTABILIDADE CORPORATIVA: O FUTURO É CIRCULAR?

 25 de Setembro

 Fundação de Serralves, Porto

SUSTENTABILIDADE CORPORATIVA: O FUTURO É CIRCULAR?

Dia Nacional da Sustentabilidade
Numa perspectiva mais ampla do ESG, olhamos para a sustentabilidade corporativa e avaliamos o papel essencial e transversal da economia circular no ESG.



FIONN FERREIRA
EMPREENDEDOR, FORBES 30 UNDER 30
ORADOR PRINCIPAL



MAFALDA SARMENTO
INVESTIGADORA DA ÁREA DA SUSTENTABILIDADE, UCP
COMENTÁRIO

9H00 RECEPÇÃO
9H30 ORADOR PRINCIPAL
Fionn Ferreira, Empreendedor, Forbes 30 under 30
10H00 COMENTÁRIO
Mafalda Sarmento, Investigadora da área da Sustentabilidade, UCP
10H15 COFFEE BREAK
10H30 DEBATE
Pedro Norton de Matos, Founder Greenfest , Bluefest Portugal and Academia G
Alice Khouri, Head of Legal Helexia Portugal. Fundadora Women in ESG Portugal
Bruno Esgalhado, Partner at McKinsey & Company
12H00 ENCERRAMENTO

Moderação: **David Pontes,** director do PÚBLICO

ORGANIZAÇÃO



Especialistas querem lei que regule partilha de dados de saúde com privados

Regulamento do Espaço Europeu de Dados de Saúde entra em vigor em 2026. Investigadores temem abusos

Inês Rocha

O projecto-piloto do Registo de Saúde Electrónico único – que começou por ser planeado com o grupo CUF, para depois ser aberto a outros grupos privados – só deve avançar depois de o Parlamento legislar sobre a matéria, defendem os investigadores da área da saúde ouvidos pelo PÚBLICO, para quem só assim será possível assegurar um modelo de governação e regulamentação específica sobre como será feita a partilha dos dados.

Luísa Álvares, farmacêutica e membro da Comissão de Avaliação de Tecnologias de Saúde do Infarmed, defende mesmo uma providência cautelar "urgente" a este projecto-piloto, "para dar tempo ao Parlamento de criar um modelo de governação e regulamentação correspondente, adequados à utilização primária e secundária dos dados de saúde".

"Primeiro, cria-se a arquitectura do sistema, o modelo de governação e respectiva regulamentação dos dados e das suas utilizações, depois é que se convidam os agentes, então, sim, em igualdade de oportunidades", preconiza a farmacêutica.

Julian Perelman, economista da saúde e professor e investigador na Escola Nacional de Saúde Pública, também considera que, antes de se avançar para um projecto-piloto, deveria haver um debate público sobre a questão e que os partidos deviam estar envolvidos nas decisões, que são "políticas".

Para o economista, além da regulação necessária, "deveria haver uma instituição muito forte capaz de aplicar essa regulação" – por exemplo, a Entidade Reguladora da Saúde. Mas, na prática, o regulador "tem pouca visibilidade, pouco poder, pouco peso político", lamenta o investigador. Ainda são conhecidos poucos detalhes sobre como será posto em prática este projecto-piloto. Ao PÚBLICO, os Serviços Partilhados do Ministério da Saúde (SPMS) disseram apenas que o projecto-piloto que estava a ser preparado com o grupo CUF consiste numa partilha dos relatórios clínicos decorrentes de exames realizados em unidades do grupo com o Serviço Nacional de Saúde (SNS), em suporte PDF, através do Registo de Saúde Electrónico – Área do Profissional, e que a funcionalidade ainda não está disponível.

O PÚBLICO questionou a SPMS sobre o modelo de governação de dados definido para o projecto, mas até ao momento da publicação desta notícia não recebeu resposta.

Acesso pleno dos utentes

No entanto, o projecto está a ser preparado com base na aprovação, em Abril, do regulamento do Espaço Europeu de Dados de Saúde, que estabelece regras sobre a forma como estes dados serão partilhados e que terão de ser cumpridas em toda a Europa a partir de 2026. Henrique Martins, investigador do Iscte e antigo presidente dos SPMS, explica ao PÚBLICO que, no projecto-piloto, "será importante tentar introduzir ao máximo os conceitos que, mesmo que ainda não sejam obrigatórios à data de hoje, vão ser obrigatórios daqui a dois ou três anos".

Por exemplo, o regulamento prevê que os cidadãos tenham acesso pleno aos seus dados de saúde e que saibam quem lhes acedeu – algo que em Portugal ainda não se verifica totalmente. Apesar de o cidadão já conseguir ver na sua área privada no SNS24 quem acedeu ao seu perfil, essa informação inclui apenas os profissionais de outras instituições que acederam ao perfil *online*, via Registo de Saúde Electrónico. Já os acessos feitos dentro dos hospitais ou centros de saúde não são acessíveis ao cidadão. Algo que terá de mudar com o novo regulamento.



Actualmente, os utentes ainda não conseguem ter acesso pleno aos seus dados de saúde e à informação de quem os consultou

> **Parece-me essencial o sector público ter mais informação sobre o que acontece aos doentes no privado**
> **Julian Perelman**
> Economista da saúde

Como é um regulamento, o Espaço Europeu de Dados de Saúde terá aplicação directa, sem precisar de ser transposto para o direito português. No entanto, cada Estado-membro tem autonomia para decidir alguns detalhes sobre como ele é aplicado. Por exemplo, na aplicação de sanções, é cada Estado-membro que deve determinar se, e em que medida, as autoridades públicas devem estar sujeitas a multas administrativas. "O direito europeu, que é resultado do processo complicadíssimo de conversas, de interacções técnicas e pressões políticas, também não vai conseguir resolver os problemas todos de Portugal", considera Henrique Martins.

Ainda assim, o antigo presidente da SPMS, que tem liderado o XpanDH, um projecto que visa construir um formato europeu de partilha de dados de saúde, clarifica que o que está em causa no regulamento europeu não é uma partilha das bases de dados do SNS directamente com os privados, por defeito. "O conceito de partilha, no âmbito do Espaço Europeu de Data de Saúde, é um conceito que tem que ver com o facto de eu, cidadão, querer que os meus dados sejam partilhados, e não eu, Estado, querer que os privados partilhem comigo, ou vice-versa", explica o investigador. A partilha só chega a verificar-se se o cidadão assim o solicitar. "Isto é muito importante, porque o doente deve exercer esse direito. O problema é sempre o mesmo, é o conhecimento do direito", lembra.

Uso secundário dos dados

Mas é sobretudo na utilização secundária dos dados de saúde, para investigação científica, que os especialistas pedem uma maior clarificação da lei. Essa parte do regulamento europeu prevê mais tempo de adaptação – só entra em vigor em 2028, mas é também a parte mais complexa a nível

RUI OLIVEIRA



jurídico. O PÚBLICO questionou a SPMS se esta utilização secundária dos dados será também testada no projecto-piloto previsto, mas não obteve resposta.

Hoje, não existe modelo de governação nem quadro jurídico para a utilização secundária dos dados de saúde em Portugal. As instituições privadas de saúde não têm obrigação de partilhar dados com o sector público ou com a academia. "Aos investigadores interessa conhecer as curvas de distribuição dos problemas de toda a população. Não apenas os 20% tratados nos privados ou os 80% tratados no público. Esta distorção à concorrência é como um jogo de futebol em que uma equipa pode pôr a mão na bola para marcar golos e a outra não", critica Luísa Álvares.

Para Julian Perelman, há muito que é necessário que os privados partilhem os seus dados com o sector público, até por uma questão de qualidade de saúde. "O SNS há muitos anos que compra serviços aos privados. E compra serviços sem conhecimento de causa. Não tem informação sobre a qualidade dos serviços prestados, sobre as práticas dos privados a quem compra os serviços nem tem informação sobre os custos. No fundo, é comprar às cegas", explica.

"Parece-me essencial o sector público ter mais informação sobre o que acontece aos doentes no privado", continua. "Numa lógica de sistema de saúde, tem de haver transparência por parte de todos os actores. Parece-me óbvio. Isso tem de ser regulamentado."

Na visão de Henrique Martins, sobretudo no capítulo da utilização secundária dos dados, Portugal terá de criar uma lei que "clarifique algumas questões". "Apenas o regulamento não vai ser suficiente para fazer com que, por defeito, as entidades públicas ou privadas partilhem todos os seus dados para uso secundário", diz o investigador ao PÚBLICO. "Não é exactamente uma transposição, porque os regulamentos não se transpõem, mas complementam-se com o direito nacional", clarifica.

Julian Perelman e Luísa Álvares vão mais longe: "Trinta por cento da CUF é detida pela Associação Nacional de Farmácias. A Associação Nacional de Farmácias tem uma consultora que fornece dados de saúde à indústria farmacêutica. Será que, através da CUF, a ANF tem acesso aos registos dos doentes? Podem vender dados à indústria farmacêutica ou às farmácias?", questiona o economista da saúde. Luísa Álvares tem a mesma preocupação: "Sem um modelo de governação para a utilização secundária dos dados, que exige, no mínimo, revisão dos protocolos de investigação pelas Comissões Éticas de Investigação Clínica do país, que garantias temos de que o grupo CUF, ou qualquer outro prestador, não venderá prontamente os RSE a empresas de curadoria de dados que os registam e comercializam, impedindo o acesso a estudantes e investigadores das academias?"

O regulamento europeu impede a utilização secundária de dados para fins comerciais, incluindo publicidade, avaliação de pedidos de seguro ou de condições de empréstimo ou tomada de decisões no mercado de trabalho. As decisões de acesso às *pools* de dados anonimizados dos cidadãos europeus serão tomadas pelos organismos nacionais – no caso português, a SPMS.

Coimas até 20 milhões

Em caso de violação, as coimas podem ir até 20 milhões de euros ou, no caso de uma empresa, 4% do volume de negócios. Ainda assim, Luísa Álvares lembra que "o impedimento de utilização secundária para fins comerciais da legislação europeia não impede a compra e venda de dados primários ou de base de dados curadas se os fins forem, por exemplo, para investigação. Além de que é extremamente fácil transvestirem-se fins comerciais em estudos epidemiológicos".

Mas será esta legislação específica necessária antes de o projecto-piloto avançar? Tanto Luísa Álvares como Julian Perelman acreditam que primeiro a legislação deve ser clarificada. Já Henrique Martins diz que "um projecto, sendo piloto, tem como objectivo pilotar coisas. Ou seja, um piloto tem como objectivo testar um conjunto de situações técnicas, sociais e jurídicas. Um piloto pode evidenciar a necessidade, por exemplo, de regulamentação", explica.

O ex-presidente da SPMS não exclui que, "não infringindo o direito actual", seja feito um projecto-piloto que "ponha a nu a necessidade de regular um determinado aspecto", que leva depois a que se faça "legislação inspirada por esse piloto". Mas admite que o inverso pode também ser "interessante." "Se nós já vamos ter um regulamento que temos de implementar e eu vou precisar sempre de um documento enquadrador nacional, se calhar também não é pior eu fazer pelo menos um rascunho que estivesse em discussão no Parlamento e fazer o piloto já alinhado com essa legislação."

Concorrência desleal

Projecto-piloto pode contribuir para "oligopólio da saúde"?

Inês Rocha

Na sua versão inicial, o projecto-piloto de partilha de dados de utentes com o Serviço Nacional de Saúde abrangia apenas o grupo CUF e os Serviços Partilhados do Ministério da Saúde (SPMS) só admitiram o seu alargamento a outros grupos de saúde privados depois de estes terem manifestado o seu descontentamento face ao que consideraram ser uma situação de concorrência desleal. E os investigadores ouvidos pelo PÚBLICO concordam: avançar com o projecto-piloto do Registo de Saúde Electrónico apenas com um actor privado dar-lhe-ia uma enorme "vantagem competitiva".

Isto apesar de, como considera o economista Julian Perelman, o risco não desaparecer se o projecto ficar nas mãos "de três ou quatro grandes grupos". "Impede completamente outros grupos de emergir, porque eles vão ficar com uma vantagem enorme."

"O oligopólio já existe", considera o investigador. "A saúde privada em Portugal já é detida por três ou quatro grandes grupos. O grupo Luz, os Lusíadas e o grupo CUF. Depois, o grupo Trofa-Saúde, de menor dimensão."

"Eu não vou a uma clínica pequenina que não vai saber nada de mim se sei que posso ir à CUF, à Luz, aos Lusíadas, onde sei que toda a minha informação vai estar acessível. Portanto, vamos minar ainda mais a possibilidade de concorrência", acrescenta o professor universitário.

Henrique Martins concorda que, se a escolha do grupo CUF foi feita sem convidar os restantes actores privados, "não é ilegal, mas não é a melhor maneira de estimular o ecossistema, porque o objectivo desse piloto não é provar que a CUF é capaz".

Ainda assim, o antigo presidente da SPMS considera que "um piloto não tem de envolver toda a gente". Caso haja vários interessados, é necessário definir critérios para seleccionar candidatos.

Um dos critérios pode ser o chamado "*first come, first served*". "Fazemos o piloto com a instituição que mandar o *email* primeiro", exemplifica o investigador.

"Ou posso dizer, vamos fazer com duas das entidades que estejam com um nível de maturidade mais elevado." Nesse caso, é necessário definir critérios de maturidade, como, por exemplo, "já ter uma *app* com utilização de pelo menos 50% dos seus doentes" ou "já utilizar *standards* internacionais para comunicar".

Nesse caso, as instituições que ficarem de fora "ficam a saber que vão ter de se preparar naquele sentido".

Luísa Álvares salienta que a selecção dos candidatos para o projecto-piloto é uma escolha política e lembra que "a falta de regulamentação adequada é responsabilidade do Parlamento".

"A lei da concorrência prevê no seu artigo 6.º o escrutínio pela Assembleia da República, mais especificamente, que a 'AR realizará, pelo menos uma vez em cada sessão legislativa, um debate em plenário sobre a política de concorrência'. Dificilmente se encontra matéria mais importante sobre distorções à concorrência do que no mercado da saúde", remata a farmacêutica, responsável de avaliação económica de tecnologias de saúde.

ANTÓNIO COTRIM/LUSA



Na versão inicial, o projecto-piloto abrangia apenas o grupo CUF

Sociedade

Governo garante que novo hospital de Lisboa avança em breve, preparado contra sismos

Gina Pereira

Consórcio liderado pela Mota-Engil aceitou fazer as alterações ao projecto do novo hospital, apontadas pelo Tribunal de Contas

O Ministério da Saúde diz ter a garantia de que o consórcio liderado pela Mota-Engil aceitou fazer as alterações ao projecto de execução do novo Hospital Lisboa Oriental (HLO), apontadas no visto prévio dado pelo Tribunal de Contas (TdC), e que os trabalhos de preparação e vedação dos terrenos para o avanço da obra na zona de Marvila "já começaram".

No visto prévio, conhecido a 28 de Maio deste ano, o Tribunal de Contas deu aval ao contrato para esta nova parceria público-privada (PPP), mas com a obrigação de a Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo (ARSLVT) incluir no projecto de execução da obra uma solução de isolamento de base contra sismos, "como exigem os princípios da boa administração e da prossecução do interesse público". A obra estará, assim, em condições de avançar depois de a empresa ter aceitado rever o projecto.

Em resposta por escrito ao PÚBLICO, o Ministério da Saúde revela ter já a garantia por parte do consórcio de que a alteração ao projecto será feita, mas ainda não consegue dizer em quanto é que essa alteração vai onerar os custos da obra de construção do novo hospital, que deverá começar a funcionar em 2027. O Estado prevê gastar cerca de 732 milhões de euros nesta nova PPP, que prevê a concepção, projecto, construção, financiamento, conservação, manutenção e exploração do HLO.

A alteração ao projecto não tem de ser comunicada ao TdC que, contudo, deixou claro no visto prévio que "o cumprimento desta obrigação poderá ser objecto de análise em sede de fiscalização concomitante ou sucessiva". Os juízes conselheiros defendem que deve estar "inequivocamente demonstrado" que as "mais rigorosas" técnicas das *leges artis* foram adoptadas na construção do novo hospital.

A 16 de Agosto, foi publicado em *Diário da República* um despacho que autoriza a compra de mais cinco parcelas de terreno à Câmara de Lisboa em Santa Maria dos Olivais, no valor de 4,7 milhões de euros, com vista a garantir a existência de todos os terrenos necessários à execução do projecto. Estará a ser preparada para breve uma visita ao terreno.

Acelerar por causa do PRR

Uma das principais preocupações em cima da mesa é o facto de estes atrasos poderem vir a comprometer o acesso ao financiamento de até 100 milhões de euros do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), verbas que têm de ser gastas até 2026, sob pena de virem a ser desperdiçadas, como alertou recentemente a Comissão Nacional de Acompanhamento do PRR. Os peritos classificaram este projecto como "crítico" e sugeriram mesmo ao Governo que pondere "com urgência" a "necessidade de renegociação" com Bruxelas, para garantir que todos os fundos são aproveitados.

De acordo com uma resolução do Conselho de Ministros de 1 de Fevereiro de 2024, do total de 100 milhões de euros, podem ser gastos em 2024 até cerca de 26,2 milhões euros, 33,5 milhões em 2025 e 40,3 milhões no ano seguinte, sendo que estes montantes "podem ser alterados em função do calendário de execução do investimento, desde que a soma dos encargos não exceda o montante total previsto".

Capacidade para 875 camas

Esta PPP prevê a construção do novo hospital – além da infra-estrutura, também está incluído o fornecimento e a instalação de equipamentos fixos –, bem como a manutenção dos edifícios durante um período de 27 anos, num montante que ascenderá a 143 milhões de euros a preços constantes. Contactada, a Mota-Engil não quis fazer qualquer comentário sobre este processo.



DR

Projecto do novo Hospital de Lisboa Oriental prevê 875 camas

Considerada "a maior obra pública da última década", a construção do novo HLO é um projecto antigo que tem sofrido sucessivos atrasos, já tendo tido várias datas anunciadas para início de construção.

Após um concurso anulado em 2013, quando Paulo Macedo era ministro da Saúde, foi lançado um novo concurso público que acabou, em 2022, na escolha do consórcio constituído pelas empresas Hygeia Edifícios Hospitalares, InfraRed Infrastructure V Investments Limited, Mota-Engil, Engenharia e Construção, Mota-Engil Europa, e Manvia Manutenção e Exploração de Instalações de Construção. O contrato foi assinado a 2 de Fevereiro de 2024.

De acordo com informação anterior da tutela, o novo hospital terá uma capacidade mínima de 875 camas, ocupando mais de 130 mil metros quadrados. Em caso de necessidade, o total máximo de camas pode chegar às 1300. O Hospital de São José deverá passar a ser um hospital de proximidade.

A nova infra-estrutura, que será composta por três blocos e prevê 2945 lugares de estacionamento, dos quais 1450 subterrâneos, vai conter todas as valências existentes nas seis unidades que compõem o Centro Hospitalar Lisboa Central (CHLC) e ganhará ainda outras especialidades terapêuticas ao nível da oncologia, por exemplo.

Universidades "descuraram" investimento em residências

Patrícia Carvalho

O ministro do Ensino Superior, Ciência e Inovação (MECI), Fernando Alexandre, acusou as instituições do ensino superior de terem "descurado durante décadas" a importância das residências universitárias, não só enquanto espaços de alojamento para os estudantes deslocados, mas também enquanto espaços de integração, num período de mudança que, se não for bem gerido, pode levar ao insucesso.

Em declarações à RTP, onde começou por saudar a "boa notícia" de terem sido colocados na 1.ª fase de candidatura ao ensino superior 49.963 alunos, o valor mais elevado desde 2020, o ministro salientou a importância da "mudança" por que vários estudantes irão passar, sobretudo os que estarão deslocados de casa. Mas, em vez de colocar a tónica nos muito falados custos incomportáveis da habitação, Fernando Alexandre preferiu destacar a importância de uma boa integração inicial, para garantir o sucesso académico. E nesse campo, salientou, as residências universitárias são essenciais.

"No ensino superior temos valores de insucesso muito significativos, nomeadamente nos alunos do primeiro ano, nesta fase de transição, que muitas vezes obriga a mudar de casa. Isto coloca desafios do ponto de vista da estabilidade emocional, da organização, da autodisciplina. Obviamente, as instituições do ensino superior têm cada vez mais estratégias para garantir uma integração rápida e bem-sucedida dos alunos, mas queria deixar este alerta às famílias porque este investimento todo depois só tem o retorno que se espera se houver sucesso", disse.

Fernando Alexandre reconheceu que a pressão imobiliária que se faz sentir a nível nacional, mas com maior incidência em Lisboa e Porto, acarreta problemas que são "muito mais difíceis" para os estudantes, embora seja sentida "por todos os cidadãos", e afirmou: "O que não foi feito ao longo de décadas em Portugal, por parte das instituições do ensino superior foi um investimento em residências universitárias."

Pouco depois, o ministro reiterava esta ideia, afirmando: "Gostava de enfatizar o papel das residências universitárias. Elas, além do acesso ao alojamento, têm um papel de integração dos alunos, o que foi descurado pelas instituições do ensino superior ao longo de décadas, porque a forma como os alunos se instalavam era em apartamentos, quartos alugados avulso, e as residências dirigiam-se fundamentalmente a alunos em grandes dificuldades económicas."



Ministro da Educação, Fernando Alexandre, alerta que a falta de alojamento não tem solução imediata

O Plano de Recuperação e Resiliência permitirá aumentar o número de vagas disponíveis em residência de 15 mil para 26 mil, em 2026. "Não vamos ter uma solução para o problema [no imediato], isso não existe, todas as famílias o sabem, o custo é muito elevado. O que temos de ter são soluções estruturais", afirmou.

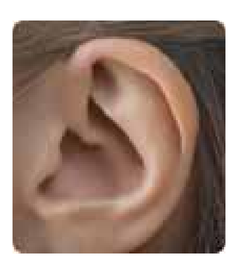
Há cerca de 120 mil alunos do ensino superior a necessitar de uma habitação, por se encontrarem deslocados do seu local de residência. Por ora, os estudantes podem contar com os apoios já existentes na acção social - bolsas de estudo, um subsídio à deslocação e as tais cerca de 15 mil vagas em residências universitárias, que acabam por ser absorvidas pelos alunos mais carenciados. Os bolseiros que não têm lugar em residência também podem beneficiar de apoio ao arrendamento. E para alguns dos outros, que têm rendimentos baixos mas não suficientemente baixos para poderem beneficiar de uma bolsa, será disponibilizado um apoio de até 50% no pagamento do arrendamento de um quarto. Esta medida foi anunciada em Maio, com a indicação de que iria abranger cerca de 13 mil estudantes e custar 12,7 milhões de euros. Ontem, Fernando Alexandre actualizou o valor do investimento para "mais de 30 milhões de euros".

JÁ NÃO PRECISA DE APARELHO AUDITIVO COMO ESTE





Na AudiçãoActiva você encontrará Aparelhos Auditivos como este.



Descubra o novo microCIC

O microCIC é provavelmente o Aparelho Auditivo digital de adaptação personalizada mais discreto do mundo!!!

- Discreto, praticamente invisível
- Feito à medida do ouvido
- Compatível com smartphones
- Superior qualidade de som
- Fácil de pôr e tirar
- Elevado desempenho
- Som natural de alta fidelidade
- Processador super eficaz no reconhecimento das vozes e na eliminação dos ruídos incómodos
- Automático

O microCIC é um conceito completamente inovador. Neste pequeno aparelho auditivo cabe a maior tecnologia para compensar até as mais diversas dificuldades auditivas. Funciona de forma programada para proporcionar ao utilizador uma audição natural, nítida, confortável e sem esforço. Confirme hoje mesmo tudo o que este pequeno Aparelho Auditivo é capaz de fazer pela sua audição e receba esta Oferta Grátis.

OFERTA ESPECIAL*

Telemóvel para seniores GRÁTIS

Marque hoje mesmo uma avaliação de aparelho auditivo, sem qualquer custo ou compromisso e receba grátis este fantástico telemóvel.

Compacto, fácil de usar e de a transportar e ainda por cima cabe num bolso!

Aproveite esta oportunidade.

LIGUE PARA RECEBER A SUA AMOSTRA** microCIC GRÁTIS



Características:
- Rádio FM
- Lanterna
- Câmara fotográfica
- Botões grandes

Ligue agora: 800 91 90 80 (Chamada Grátis)

REFERÊNCIA: **JNPPUB10824** Ou solicite online: **www.pequenomicrocic.pt**

* Oferta mediante realização da Avaliação de Aparelho Auditivo, limitada ao stock existente, e a uma unidade por pessoa, com mais de 65 anos.
**Amostra não-funcional limitada às primeiras 300 respostas e a uma amostra por lar.

Ouça o Verão com a AudiçãoActiva!

Exemplos de Entidades com Planos de Comparticipação na compra de aparelhos auditivos:
Altice Cuidados de Saúde, ADSE, Seviços Sociais CGD, CTT, EDP, Segurança Social, SAMS, APL Porto de Lisboa, Petrogal, ADM / PSP / GNR / Serviços Sociais do Ministério da Justiça.

Lojas **AudiçãoActiva** Chamada para a rede fixa nacional.

Chaves	R. Direita & Largo do Arrabalde, 2	**Tel. 276 095 500**
Ponte de Lima	Rua Dr. António Magalhães, 52	**Tel. 258 025 000**
Viana do Castelo	Rua Manuel Espregueira, 30	**Tel. 258 023 433**
Braga	Av. Central, 24 - 1.º dto	**Tel. 253 097 944**
Barcelos	Praceta Rogério Calás Carvalho, 13	**Tel. 253 089 830**
Esposende	Rua Santa Maria dos Anjos, 9	**Tel. 253 720 461**
Guimarães	Av. Conde de Margaride, 84	**Tel. 253 717 401**
V. N. Famalicão	Pr. D.ª Maria II, 1282	**Tel. 252 219 800**
Póvoa de Varzim	Praça do Almada, 55	**Tel. 252 020 750**
Santo Tirso	R. José Luís Andrade, 89	**Tel. 252 025 400**
Vila Real	Rua Nova, 17	**Tel. 259 092 436**
Maia	Av. Visconde de Barreiros, 73	**Tel. 220 940 500**
Ermesinde	Rua D. António Castro Meireles	**Tel. 220 922 111**
Penafiel	Av. Sacadura Cabral, 131	**Tel. 255 094 200**
Matosinhos	Av. da República, 472	**Tel. 223 175 847**
Porto (Camões)	Rua de São Brás, 479	**Tel. 223 194 998**
Porto (Carvalhido)	Pç. Exército Libertador, 59	**Tel. 220 966 707**
Porto (Bonfim)	Rua do Bonfim 57 e 59	**Tel. 220 922 090**
Gondomar	Rua 25 de Abril, 31	**Tel. 220 941 400**
Vila Nova de Gaia	Av. da República, 1483	**Tel. 221 140 672**
Espinho	Rua 20, 620	**Tel. 221 134 149**
Ovar	Rua Elias Garcia, 32	**Tel. 256 023 912**
Viseu	Rua Formosa, 86	**Tel. 232 095 800**
Aveiro	Av. Dr. Lourenço Peixinho, 184	**Tel. 234 138 432**
Covilhã	R. Comendador Campos de Melo, 31	**Tel. 275 098 600**
Coimbra	Av. Fernão de Magalhães, 15	**Tel. 239 197 891**
Castelo Branco	Av. Nuno Álvares, Lote D, loja 2	**Tel. 272 092 700**
Leiria	Av. Heróis de Angola, 111	**Tel. 244 021 801**
Caldas da Rainha	Rua General Queirós, 73	**Tel. 262 142 668**
Santarém	Av. do Brasil, 13 A	**Tel. 243 098 000**
Torres vedras	Av. General Humberto Delgado, 19	**Tel. 261 095 621**
VIla Franca de Xira	Rua Serpa Pinto, 66	**Tel. 263 140 234**
Loures	Rua da República, 45 C	**Tel. 211 973 328**
Mem Martins	Av. Chaby Pinheiro, 26	**Tel. 211 973 936**
Odivelas	Av. Dom Dinis, 32	**Tel. 219 332 283**
Moscavide	Av. Moscavide, 25 A	**Tel. 211 316 311**
Agualva-Cacém	Av. dos Bons Amigos, 69 B	**Tel. 211 944 790**
Amadora	Rua 1.º Dezembro, 7 B	**Tel. 211 329 120**
Lisboa (Alvalade)	Largo Frei Heitor Pinto, 3C	**Tel. 211 377 158**
Lisboa (Benfica)	Estrada de Benfica, 681	**Tel. 211 323 725**
Lisboa (Algés)	Rua Damião de Góis, 46 B	**Tel. 211 347 321**
Lisboa (Anjos)	Av. Almirante Reis, 66	**Tel. 211 337 000**
Lisboa (5 de Out.)	Av. João Crisóstomo, 33	**Tel. 211 973 338**
Cascais	Av. 25 de Abril, 127 B	**Tel. 215 831 560**
Parede	Av. da República, 1469	**Tel. 211 972 810**
Almada	Av. D. Nuno Álvares Pereira, 44 A	**Tel. 210 980 787**
Barreiro	Av. Alfredo da Silva, 73/75	**Tel. 211 335 130**
Seixal	Rua Infante D. Augusto, 40B	**Tel. 211 973 320**
Evorá	Praça do Giraldo, 80	**Tel. 266 096 000**
Setúbal	Av. 5 de Outubro, 61 A	**Tel. 265 419 225**
Beja	Rua de Mértola, 108	**Tel. 284 092 070**
Loulé	Praça da República, 40	**Tel. 289 170 550**
Portimão	Estrada de Alvor, 2	**Tel. 282 144 500**
Faro	Lrg. Dr. Francisco Sá Carneiro, Loj. 11	**Tel. 289 093 429**
Funchal	Rua da Sé n.º2, 2º piso	**Tel. 291 093 400**

Aberto dias úteis das 9h30 às 13h e das 14h às 19h. Sábados das 9h30 às 13h e das 14h às 17h.

Este anúncio é publicado por BelAudição, Unipessoal Lda - Estrada Senhora da Saúde 41A, Faro

Há mais de 2600 espécies de borboletas nocturnas e 40 delas vivem em Coimbra

Numa noite de Agosto, o movimento Jardim Monte Formoso montou armadilhas luminosas com caixas de ovos. Foi assim que caçou algumas espécies.

Paula Sofia Luz

Às portas do bairro Monte Formoso, num terreno da Fundação Bissaya Barreto, uma noite de Agosto tornou-se palco de descoberta: uma sessão de observação conseguiu identificar 40 espécies de borboletas.

A actividade integra o programa de educação ambiental do "São flores, Coimbra!", uma iniciativa do movimento Jardim Monte Formoso que visa sensibilizar para a conservação da biodiversidade e dos ecossistemas em meio urbano. Na semana passada, crianças e adultos não foram caçar borboletas, mas antes observá-las, de perto, com a ajuda do especialista Pedro Pires. E também de uma técnica simples, mas eficaz: uma armadilha luminosa constituída por muitas caixas de ovos vazias. Atraídas pela luz, as borboletas aproveitavam as caixas para se refugiarem. "Um dos participantes mais novos (eram cerca de 20) comentou connosco a experiência incrível que foi observar de perto estas criaturas fascinantes, que poisam mesmo em cima de nós", conta Catarina Maia, uma das dinamizadoras do Jardim Monte Formoso e desta sessão de observação.

"A maior parte das pessoas está apenas desperta para o património edificado das cidades e pouco para o património natural. E acções como esta podem sensibilizar a comunidade para aumentar o conhecimento sobre a diversidade de espécies de borboletas nocturnas – que são mais de 2600 em Portugal – e sobre o papel vital que estas desempenham no equilíbrio dos ecossistemas."

Pedro Pires guiou o grupo ao longo de quase três horas de observação. Natural de Coimbra, este entomologista amador, responsável pelo *site* Lusoborboletas e co-autor do livro *Metamorfose: Um Livro sobre as Borboletas do Rio Mondego*, sublinhou que apesar de 2024 estar a ser "um ano especialmente mau no que diz respeito ao registo do número de insectos na Europa, o facto de serem aqui identificadas mais de 40 espécies nesta sessão é bastante surpreendente e encorajador".

No meio destas quatro dezenas que poisaram nas caixas de ovos espalhadas pelo terreno, uma das que causaram mais espanto foi a *Catocala optata*, uma borboleta relativamente grande da família que possui cores vermelhas nas asas posteriores, as quais servem de alarme a possíveis predadores. "Outra espécie interessante foi a pequena *Acontia trabealis*, com o seu padrão amarelo e negro, a fazer lembrar um tigre ou um leopardo, que deixou todos maravilhados quando observada de perto", recorda Catarina Maia, ao mesmo tempo que destaca o potencial destas actividades no sentido de "chamar a atenção para a necessidade de repensar a gestão dos espaços verdes, tendo em conta a frequência dos cortes, o uso de herbicidas e a poluição luminosa".


DR

Atraídas pela luz, as borboletas aproveitavam as caixas de ovos para se refugiarem

Sem flores não há borboletas

O projecto de inventariação das espécies de borboletas está intimamente ligado ao programa "São Flores, Coimbra!", promovido desde há três anos pelo grupo Jardim do Monte Formoso. "Sem flores não há borboletas e sem borboletas não há flores", destaca Catarina Maia, que em 2021 criou este movimento. A ideia partiu de "uma coisa simples: melhorar os espaços verdes aqui no bairro Monte Formoso", contou ao PÚBLICO a ambientalista. Explica como daí partiu para a sensibilização das pessoas para as plantas autóctones nos seus jardins e varandas, e o impacto que isso pode ter na consciencialização do nosso património natural. É por isso que nos últimos tempos o grupo tem descido à Baixa da cidade para recuperar as floreiras e canteiros abandonadas à porta de prédios e lojas, plantando aí várias espécies autóctones: Macela real (*Achillea ageratum*), Milefólio (*Achillea millefolium*)

Roselha-grande (*Cistus albidus*), Viúvas (*Trachelium caeruleum*), Aquilégia (*Aquilegia vulgaris*) e Cabelos-de-Vénus (*Nigella damascena*). Além das intervenções nos canteiros e floreiras da cidade, o Jardim do Monte Formoso já semeou vários miniprados na Freguesia de Santo António dos Olivais.

De caminho, o grupo apercebeu-se de que "as borboletas nocturnas são um grupo muito pouco conhecido e muito maior". As borboletas diurnas representam menos de 150 espécies em território português. "A maior parte das pessoas pensa que as borboletas nocturnas são as traças", aponta Catarina Maia, numa altura em que o grupo prepara já sessões para 2025. No que respeita à plantação de flores e plantas, estão previstas actividades já para este Outono.

NELSON GARRIDO



Autarquia justifica lançamento com estratégia comunicacional do município

Rui Moreira assinala mandatos com colecção de mais de 85 mil euros paga pela autarquia

Camilo Soldado

Câmara do Porto lança amanhã os primeiros dois de oito livros sobre os 12 anos de governação do autarca

Amanhã são apresentados os dois primeiros volumes, mas há mais seis livros a caminho. A Câmara Municipal do Porto (CMP) lança assim a colecção *Fazer Cidade*, um conjunto de volumes sobre a governação de Rui Moreira, pelos quais a autarquia pagou mais de 85 mil euros.

De acordo com os documentos de contratação pública consultados pelo PÚBLICO, a autarquia paga 68,4 mil euros à editora Tinta-da-China por serviços de co-edição, produção, distribuição e divulgação das oito obras. Nestes documentos, as referências à colecção que é coordenada pelo chefe de gabinete de Rui Moreira, Vasco Ribeiro, surgem como "Projecto 12 Anos da Governação Autárquica".

Questionado pelo PÚBLICO sobre o montante total gasto com o projecto, o gabinete de imprensa do município responde que, uma vez que "o plano editorial continua em aberto e em progresso", o orçamento da colecção "ainda não está fechado".

Aos autores, informa a CMP, o município paga entre dois e três mil euros, dependendo do número de páginas do livro em questão. Ora, somando o valor despendido com edição ao que é pago aos autores (mesmo admitindo que apenas um recebe três mil euros), o total gasto ascende a 85,4 mil euros.

O PÚBLICO perguntou se, sendo os oito livros especificamente sobre os 12 anos de mandato deste presidente, o trabalho não deveria ser pago pelo movimento pelo qual o autarca foi eleito. A CMP respondeu que esta colecção "pretende retratar as principais transformações que o Porto sofreu nos últimos anos, constituindo, com esse propósito, um instrumento da estratégia comunicacional e editorial do Município do Porto".

No texto introdutório da colecção, lê-se que, após as "profundas transformações urbanas e humanas" dos últimos dez anos, "reconhecidamente, a cidade apresenta hoje melhor qualidade de vida e mais coesão social".

> **No texto introdutório, diz-se que, após os últimos dez anos, é reconhecido que "a cidade apresenta hoje melhor qualidade de vida e mais coesão social"**

Rui Moreira prefacia e é entrevistado em cada um dos dois primeiros volumes (um sobre os dez anos de "devolução à cidade" do Teatro Municipal do Porto, outro sobre a história da Feira do Livro da cidade, com particular incidência nos últimos dez anos), que serão apresentados, amanhã, na Feira do Livro do Porto.

Ainda não foram divulgados os temas dos próximos volumes, mas, de acordo com o processo de contratação pública, haverá ainda livros sobre a Cultura em expansão, o Mercado do Bolhão ou o Centro Histórico do Porto com Presente e Futuro. O contrato com a editora foi assinado em Dezembro de 2023 e tem um prazo de execução de nove meses.

Já em Fevereiro deste ano, quando se levantavam questões sobre a permanência do autarca na câmara do Porto (o autarca chegou a ser sondado pelo PSD para integrar a sua lista para as eleições para o Parlamento Europeu), o PÚBLICO dava conta de que estaria em marcha a preparação de uma publicação sobre as obras emblemáticas e relevantes da presidência de Rui Moreira. Trata-se de um projecto distinto, esclarece a CMP, mas a iniciativa mantém-se.

Scholz defende regras de asilo mais apertadas após ataque em Solingen

Especialistas dizem que não é evidente que os nacionalistas da AfD tirem dividendos do ataque islamista nas eleições na Saxónia e Turíngia deste domingo, os estados federados em que o partido já é o mais forte

Maria João Guimarães

O chanceler alemão, Olaf Scholz, prometeu ontem que vai aumentar as deportações de requerentes de asilo que tenham visto os pedidos recusados e reduzir a imigração irregular para a Alemanha, numa visita a Solingen, a cidade onde três pessoas foram mortas num ataque islamista na sexta-feira à noite.

Scholz visitou um memorial às vítimas do ataque com uma faca, que foi objecto de uma reivindicação do Daesh (que se auto-intitula Estado Islâmico). "Isto foi terrorismo, terrorismo contra todos nós", declarou.

Um suspeito de ser autor do ataque, um sírio de 26 anos, entregou-se e confessou. "Vamos ter de fazer todos os possíveis para nos assegurarmos de que as pessoas que não podem continuar na Alemanha, e não tiveram autorização, são repatriadas e deportadas", disse Scholz, citado pela agência Reuters.

Vários meios de comunicação social alemães diziam que as autoridades tinham planeado expulsar o suspeito no ano passado, mas não o fizeram porque ele não estava no alojamento para refugiados onde vivia.

Scholz disse que era um típico "caso de Dublin", as regras sob as quais os requerentes de asilo devem pedi-lo no primeiro país da União Europeia a que chegam, e que têm deixado com um determinado pressão maior países de chegada como Itália, Grécia ou, neste caso, Bulgária.

O caso levou a um debate sobre medidas possíveis para evitar acções do género — como a proibição de facas com um determinado comprimento — mas, segundo especialistas em terrorismo islamista, tocaram os pontos errados.

Por exemplo, pedidos para proibições de facas acima de certo tamanho. Peter R. Neumann, professor no King's College de Londres, disse numa entrevista ao *site* T-Online que isso não seria nem prático nem teria grandes efeitos, já que se um grupo terrorista usar um carro para atropelar pessoas, ninguém vai proibir carros.

Mas o perigo de mais ataques existe na Europa: "O terrorismo está a voltar", diz Neumann: "Se olharmos para os últimos dez, onze meses, houve seis ataques jihadistas na Europa e ainda 21 tentativas. Comparado com os números da Europol de 2022, foi um aumento de quatro vezes", disse. "As pessoas acharam que o EI [Daesh] tinha sido derrotado. Mas recuperou", referiu.

JANA RODENBUSCH/REUTERS



O chanceler alemão, Olaf Scholz, em Solingen. O debate está a ignorar o mais importante, diz o especialista em islamismo Peter Neumann

Internet, não mesquitas

Na Alemanha, o que preocupa o especialista é a falta de controlo e regulação das redes sociais: "Dois terços dos suspeitos de terrorismo presos na Europa Ocidental desde Outubro de 2023 eram adolescentes. Há dez anos, as coisas eram totalmente diferentes. A minha explicação é que muitas pessoas são radicalizadas quase exclusivamente por redes sociais. Não há já necessidade de uma mesquita radical. Por isso é que as grandes plataformas deviam ser muito mais responsabilizadas."

"A União Europeia", defendeu, "devia dar uma escolha aos operadores: ou fazem mais para combater o extremismo ou têm de pagar multas", porque estes não mudarão sem pressão política.

Neumann prevê, no entanto, que o debate seja realmente aceso e se concentre no islão, integração e refugiados, ainda que aponte que "nos últimos dez anos a ameaça tem sido significativamente maior noutros países europeus", com "muito mais ataques em França e Inglaterra".

O aproveitamento da AfD

O ataque de Solingen acontece quando falta pouco para duas eleições nos estados federados da Turíngia e da Saxónia, onde a AfD surge com valores na casa dos 30% nas sondagens, apesar de serem os estados federados onde a AfD é mais extrema.

Na Turíngia, onde é liderada pelo extremista Björn Höcke, a AfD surge com 30% nas sondagens, nove pontos percentuais à frente da União Democrata Cristã (CDU). Na Saxónia, tem 32% das intenções de voto, mas a CDU está muito mais perto com 30%.

Se é certo que a AfD tentou logo aproveitar-se do ataque em Solingen (um vídeo perguntava: "Höcke ou Solingen?"), muitos especialistas acham que o ataque vá ter um efeito nas duas eleições de domingo.

O consultor político Johannes Hillje disse ao jornal *Berliner Morgenpost* que, apesar da reacção "especialmente agressiva" da AfD ao ataque, e das "promessas irrealistas" que fez, com o objectivo de "conseguir mais uns pontos percentuais nas eleições estaduais [na Saxónia e Turíngia]", não "é automático" que isso aconteça.

Hillje criticou a reacção dos outros partidos que, em vez de tentarem contrariar as propostas irrealistas da AfD, parecem tentar também obter ganhos políticos (o candidato da CDU na Turíngia pediu a demissão do Governo após o ataque, o chefe da CDU, Friedrich Merz, declarou que a Alemanha não devia simplesmente aceitar mais refugiados da Síria ou Afeganistão).

Mas afirmou que, de qualquer modo, "estudos mostram que a AfD já não tem mais potencial de crescimento" naqueles dois estados federados, um ponto de vista também partilhado pelo cientista político Wolfgang Schröder, para quem "a AfD já esgotou o seu potencial".

"Não espero que a AfD consiga mais votos na sequência do ataque à faca", declarou Merkel também ao *Berliner Morgenpost*. As pessoas que se deixam impressionar com esta forma de comunicação baseada no ressentimento já estão convencidas."

com Reuters

Macron afasta governo da Nova Frente Popular em nome da “estabilidade institucional”

André Certã

Presidente apelou às forças centristas e de esquerda para que tentem encontrar um acordo que permita formar novo governo



LUDOVIC MARIN/LUSA

Macron pediu já mais uma ronda de reuniões com partidos

O Presidente francês, Emmanuel Macron, anunciou ontem que afastava a possibilidade de empossar um governo da Nova Frente Popular, citando como justificação a “estabilidade institucional” face à elevada probabilidade de o programa da esquerda sofrer uma moção de censura na Assembleia Nacional.

“Concluídas as negociações, o Presidente da República constatou que um governo com base unicamente no programa e nos partidos propostos pela aliança com mais deputados, a Nova Frente Popular, seria imediatamente censurado por todos os outros grupos representados na Assembleia Nacional”, lê-se no comunicado divulgado pelo gabinete do Presidente francês.

“Um governo assim teria imediatamente contra si uma maioria de mais de 350 deputados, o que o impediria de actuar. Tendo em conta a opinião dos responsáveis políticos consultados, a estabilidade institucional do nosso país não permite que esta opção seja adoptada”, acrescentou.

O comunicado surge no fim de várias reuniões com os partidos, que começaram na sexta-feira com a Nova Frente Popular e os partidos macronistas e acabaram ontem com o partido da extrema-direita União Nacional e a facção sua aliada d’Os Republicanos, partido de direita.

Emmanuel Macron apelou ainda a uma nova ronda de reuniões com os responsáveis dos partidos e com “personalidades que se distinguiram pela sua experiência ao serviço do Estado e da República”, excluindo, no entanto, a França Insubmissa e a União Nacional desta nova ronda de negociações, tendo apelado a forças centristas e aos partidos da esquerda para tentarem chegar a um acordo.

Jean-Luc Mélenchon, fundador da França Insubmissa, disse na rede social X que a “resposta popular e política deve ser rápida e firme”, afirmando que iriam apresentar um pedido de destituição e, eventualmente, iriam apresentar uma moção de censura a um “governo de direita”. Mélenchon considerou ainda que o Presidente francês criou “uma situação excepcionalmente grave” e que “as organizações empenhadas na defesa da democracia devem iniciar uma resposta conjunta”.

Na página do partido na rede social X, a França Insubmissa pediu uma “uma reacção firme da sociedade francesa contra o incrível abuso de poder autocrático de que é vítima”, acrescentando que o momento é grave e pedindo que haja “marchas pelo respeito pela democracia”.

Indignação contra Macron

O coordenador da França Insubmissa, Manuel Bompard, reagiu ao comunicado de Macron afirmando que o Presidente estava a fazer um “golpe antidemocrático totalmente inaceitável”, em declarações à televisão francesa BFM. “Se há outra coligação possível, então o Presidente da República tem de nos dizer qual é. O Presidente da República está a sentar-se sobre os resultados das eleições legislativas e a agir como se não tivesse havido votação”, acrescentou, tendo sublinhado que é a Nova Frente Popular que deve constituir o novo governo do país.

Mathilde Panot, presidente do grupo parlamentar da França Insubmissa, também prometeu que iriam apresentar uma moção de censura à “nomeação de qualquer outro primeiro-ministro” e ameaçou novamente com a destituição do Presidente francês.

“Se o Presidente da República persistir na sua negação, daremos início a um processo de destituição contra ele, em conformidade com o artigo 68.º da Constituição”, ameaçou Panot na rede social X.

Marine Tondelier, líder dos Ecologistas, considera que a declaração de Macron é “uma vergonha”.

“Invocar a estabilidade quando se dissolveu o governo sem qualquer consulta e quando se recusa a aceitar os resultados de uma eleição para a qual os franceses nunca compareceram em tão grande número é perigosamente irresponsável”, sublinhou Tondelier, afirmando que pretendem cumprir com “uma ruptura política com o macronismo”.

Já Fabien Roussel, secretário-geral do Partido Comunista Francês, apelou na televisão francesa BFM a “uma grande mobilização popular” e considerou a proposta de Macron de o partido se juntar a partidos de direita num governo “não-séria”. “Se é para nos fazer reunir novamente e pedir-nos que formemos um governo para implementar a política do [actual] governo, em nome da estabilidade, não vale a pena”, acrescentou.

A porta-voz do Partido Socialista Chloé Ridel diz que “o golpe do Presidente é insuportável” e que Macron “não ouve” a coligação e que as reuniões foram uma “farsa”, pois “ele já sabia o resultado – a rejeição de um governo de esquerda”. “Que outra coligação além da NFP encarnaria a alternância que os franceses queriam e seria mais ‘estável’? Nenhuma”, disse.

Responsáveis partidários condenam decisão e já apelaram aos franceses para reagirem nas ruas com “marchas” pelo respeito pela democracia

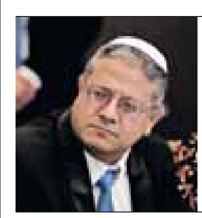
Ben-Gvir repete o apelo à oração no Pátio das Mesquitas e faz nomeações polémicas na polícia

Ivo Neto

Ministro fez nomeações de polícias próximos, motivando críticas de que estará a tentar controlar as autoridades

O ministro da Segurança de Israel, Itamar Ben-Gvir, reiterou o apelo para que os judeus sejam autorizados a rezar no Pátio das Mesquitas, em Jerusalém, atraindo fortes críticas por inflamar as tensões numa altura em que ainda decorrem negociações para um cessar-fogo na Faixa de Gaza. Ben-Gvir viu ainda uma nomeação para a polícia bloqueada pela procuradora-geral e uma outra alvo de críticas.

“A política permite orações no Monte do Templo, há direitos iguais entre judeus e muçulmanos – eu construiria uma sinagoga lá”, disse Ben-Gvir à Rádio do Exército. O gabinete do primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu, emitiu, segundo escreve a agência Reuters, imediatamente uma declaração reafirmando a posição oficial israelita, de que aceita as regras de décadas que restringem a oração de não-muçulmanos no complexo da mesquita, conhecido como Monte do Templo para os judeus, que o veneram como o local de dois templos antigos. O complexo, na Cidade Velha de Jerusalém, é um dos locais mais sensíveis do Médio Oriente, sagrado tanto para muçulmanos quanto para judeus.



Ben-Gvir assume algumas das posições mais extremadas do Governo de Benjamin Netanyahu

Os comentários de ontem foram entretanto condenados por alguns dos seus próprios colegas de gabinete, mas a dependência de Netanyahu do apoio do partido de Ben-Gvir para manter unida a sua coligação de direita, já numa situação fragilizada, significa que é pouco provável que o ministro seja demitido ou sofra qualquer sanção significativa. Os comentários são feitos menos de duas semanas depois de ter provocado indignação ao visitar o complexo com centenas de apoiantes, muitos dos quais pareciam estar a rezar abertamente, desafiando os acordos em vigor.

Com os mediadores a tentar chegar a um acordo para pôr fim aos combates em Gaza e trazer de volta 109 reféns, com Israel a atacar o enclave palestiniano diariamente e com as tensões em alta com o movimento Hezbollah, apoiado pelo Irão, no Sul do Líbano, os comentários de Ben-Gvir foram criticados por enfraquecerem a posição de Israel.

“Desafiar o *statu quo* no Monte do Templo é um acto perigoso, desnecessário e irresponsável. As acções de Ben-Gvir põem em perigo o Estado de Israel e o seu estatuto internacional”, declarou, numa declaração no X, o ministro da Defesa, Yoav Gallant, que se tem confrontado repetidamente com Ben-Gvir.

Nomeações polémicas

O ministro extremista esteve envolvido noutras polémicas, desta vez relacionadas com nomeações para a polícia. Primeiro, viu bloqueada a promoção de um agente da polícia, feita na semana passada, ao cargo de superintendente-chefe pela procuradora-geral. O agente em causa, Meir Suissa, foi acusado no mês passado de ter lançado uma granada de atordoamento contra manifestantes antigovernamentais durante protestos em Março de 2023, provocando ferimentos em várias pessoas.

Ainda segundo o diário *Haaretz*, Ben-Gvir empossou um novo comissário da polícia nos últimos dias, Daniel Levy, que era responsável pelo controlo da polícia no distrito costeiro. Segundo o diário israelita, na *newsletter* enviada no domingo, existe uma grande proximidade entre o ministro e o polícia, sendo esta nomeação “o colapso final da independência da polícia israelita e a sua completa subjugação a Ben-Gvir”.

O jornal refere ainda que, durante o tempo em que o polícia esteve no distrito costeiro, houve um aumento das taxas de homicídios e de outras formas de crimes violentos, tendo este, ao invés, concentrado as suas acções noutro tipo de acções: a violência sobre os protestos contra o governo de Netanyahu. Já depois da cerimónia, que se realizou ontem, e que oficializou a nomeação, o jornalista Josh Breiner questionava mesmo quem era a pessoa mais feliz. Se o novo comissário da polícia ou o próprio Ben-Gvir. “Além de Levy e da sua família entusiasmada, era claro para todos os presentes quem era a pessoa mais feliz na sala: o ministro da Segurança Nacional, Itamar Ben-Gvir, que, nos seus 18 meses de mandato, conseguiu controlar com sucesso a Polícia e o Serviço Prisional de Israel”, apontava o jornalista. **com Reuters**

Campanha eleitoral em Moçambique abre com uma quarta via para a presidência

António Rodrigues

Mondlane pode baralhar as contas a 9 de Outubro. Veto de Nyusi à revisão da lei eleitoral ajuda a Frelimo a manter-se no poder

A Frelimo está empenhada por todos os meios em assegurar que a comemoração dos 50 anos de independência do país em 2025 seja também a festa do seu meio século de poder em Moçambique. A campanha eleitoral começou no sábado sem a possibilidade de os tribunais distritais poderem ordenar a recontagem de votos, alteração à legislação eleitoral que foi vetada pelo Presidente, Filipe Nyusi, e com mais um candidato a tentar romper o panorama tripartido dos últimos anos: Venâncio Mondlane avançou com a sua candidatura à presidência depois de não lhe ter sido permitido entrar na disputa para concorrer pela Renamo.

Apesar de não ter conseguido que o seu partido, a Coligação Aliança Democrática, fosse autorizado pela Comissão Nacional de Eleições (CNE) a concorrer ao Parlamento nacional e às assembleias provinciais a 9 de Outubro, Mondlane manteve-se na corrida presidencial, afirmando-se como o "candidato do povo" e tendo recebido o apoio de dois partidos sem assento parlamentar, o Podemos e a Revolução Democrática (RD).

O populismo de Mondlane, alicerçado no seu bom desempenho como candidato da Renamo em Maputo (onde chegou a dar-se como ganhador nas autárquicas do ano passado e, ao que tudo indica, terá sido mesmo, apesar da afirmação contrária da CNE), pode não ser suficiente para ameaçar o poder da Frelimo, mas deverá causar mossa no resultado da Renamo, que volta a candidatar o seu líder, Ossufo Momade. E também empurrar para último o candidato do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), Lutero Simango, a quem falta o carisma do irmão, Daviz Simango (morto em 2021), e um discurso capaz de mobilizar o descontentamento do eleitorado.

A jornada é longa e os 45 dias de campanha eleitoral começaram a meio gás, com um candidato presidencial fora do país (Momade) e outro que o deixou pouco depois (Mondlane), mas o desfecho deverá ser o mesmo de todos os pleitos realizados até agora desde as primeiras eleições multipartidárias em 1994: a vitória da Frelimo e do seu candidato presidencial, neste caso Daniel Chapo, ex-governador de Inhambane, escolhido por Nyusi para seu sucessor, depois de uma forte luta interna.


DR

Daniel Chapo, o candidato da Frelimo, na campanha eleitoral

O veto de Nyusi à revisão da lei eleitoral, aprovada por consenso a 30 de Abril no Parlamento, acabou por fazer cair a possibilidade de os tribunais distritais ordenarem a recontagem de votos em casos de denúncia de fraude. A nova versão, aprovada em Agosto, excluiu essa hipótese, o que, para Edson Cortez, presidente do Consórcio Eleitoral Mais Integridade, levanta "dúvidas de que haverá transparência nas eleições".

"Não é compreensível que, num cenário onde, de forma contínua, as eleições são uma fonte de tensão política, social e até económica, os actores políticos tomem decisões que inviabilizam a credibilização de todo o processo", afirmou Cortez na recente conferência anual do Observatório do Meio Rural. "Esse tipo de decisões só pode ser entendido num contexto de ganhos e trocas de benefícios entre as elites que defendem o sistema."

Para o consórcio de observação do processo eleitoral, ainda antes mesmo de começar a campanha, já todo o processo suscitava "sérias questões sobre a transparência, imparcialidade e credibilidade das instituições eleitorais", devido a "uma CNE sujeita a influências políticas" que excluiu o partido de Mondlane já depois de ter aceitado a inscrição e publicado a decisão no *Boletim da República*.

"Esta reviravolta revela a existência de inconsistências nas deliberações, o que compromete a credibilidade da CNE e levanta questões sobre a transparência e a integridade do processo eleitoral", refere a Mais Integridade no seu boletim.

Às eleições deste ano concorrem 37 partidos e coligações, a lutar pelo voto de mais de 17,1 milhões de eleitores. "A maior parte das formações políticas que concorrem nas sétimas eleições legislativas e presidenciais à porta existem apenas no papel", escreve Alexandre Chiure no *Savana*, "não têm nenhuma representação a nível das províncias, nem sequer instalações para a sua sede em Maputo". Existem a cada eleição para usufruírem do acesso ao fundo eleitoral do Estado para financiamento de campanha: este ano são 260 milhões de meticais (3,6 milhões de euros).

No total, estas eleições vão custar 19,9 mil milhões de meticais, o equivalente a 263,3 milhões de euros – mais 42 milhões de euros do que as eleições em Espanha, por exemplo –, dos quais, a menos de 48 horas do arranque da campanha, a CNE tinha apenas 6,9 mil milhões de meticais (95,6 milhões de euros), de acordo com o semanário *Zambeze*.

Rússia castiga a Ucrânia por incursão de Kursk

João Ruela Ribeiro

Moscovo lançou um dos maiores ataques aéreos contra a Ucrânia, causando danos graves ao sistema energético ucraniano

A Rússia lançou ontem um dos maiores ataques aéreos contra o território ucraniano desde o início da invasão ao país vizinho. Foram lançados cerca de cem mísseis e cem *drones* que visaram sobretudo a infra-estrutura energética ucraniana, mas que também fizeram vítimas entre a população civil.

Pelo menos cinco pessoas morreram na sequência dos bombardeamentos russos que foram descritos como os mais violentos das últimas semanas. O Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, denunciou "um dos maiores ataques" contra a Ucrânia e disse ter envolvido "mais de cem mísseis de vários tipos e cerca de cem [*drones* de fabrico iraniano] Shaheds".

Apelando à intervenção directa por parte dos seus parceiros ocidentais para travar ataques aéreos inimigos, Zelensky declarou que "a hora para acções decisivas é agora". "Por toda a Ucrânia, poderíamos fazer muito mais para proteger vidas se a aviação dos nossos vizinhos europeus trabalhasse em conjunto com os nossos F-16 e com os nossos sistemas de defesa antiaérea. Se essa unidade se mostrou eficaz no Médio Oriente, deverá resultar na Europa também", afirmou o Presidente ucraniano.

A Ucrânia recebeu recentemente os primeiros caças F-16 e a expectativa é que os primeiros voos destas aeronaves cedidas pelos membros da NATO ocorram ainda durante o Verão.

Os apelos de responsáveis ucranianos junto dos aliados ocidentais de Kiev também foram reforçados pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Dmitro Kuleba, que pediu a tomada de duas decisões que podem ajudar a Ucrânia a "travar a Rússia". "Primeiro, apoiar os bombardeamentos de longo alcance ucranianos contra todos os alvos legítimos em território russo. Segundo, concordar na utilização das capacidades de defesa aérea dos nossos parceiros para abater mísseis e *drones* perto do seu espaço aéreo", afirmou Kuleba.

Países como os EUA e outros membros da NATO têm avisado a Ucrânia para não utilizar armamento ocidental para atacar alvos em território russo, receando que isso possa suscitar uma resposta directa de Moscovo, aumentando as hipóteses de desencadear uma guerra mais ampla.



Ataques aéreos russos atingiram alvos civis em várias regiões ucranianas, matando cinco pessoas

O pesado bombardeamento russo de ontem surge após a incursão ucraniana na província de Kursk, que permitiu às forças de Kiev, pela primeira vez desde que Moscovo lançou a invasão, ocupar parte do território russo. A operação, que decorre há quase três semanas, foi recebida como uma surpresa, tanto por parte das autoridades russas como pelos parceiros ocidentais da Ucrânia.

No domingo à noite, Zelensky anunciou que as forças ucranianas capturaram mais localidades na região fronteiriça e, até ao início da semana passada, Kiev controlava mais de 1200 quilómetros quadrados de território russo.

Para Kiev, o objectivo desta incursão é sobretudo psicológico, ambicionando forçar a Rússia a travar a ofensiva na Ucrânia e aceder às exigências ucranianas em futuras negociações de paz. Depois de passar meses a tentar resistir às ofensivas russas no Donbass, a Ucrânia conseguiu retomar a iniciativa com o ataque a Kursk. Antes disso, as forças ucranianas já tinham realizado ataques aéreos contra alvos na Rússia, mas nunca tinham tentado uma incursão terrestre.

Em entrevista à britânica BBC Radio 4 a partir de Moscovo, a professora de Relações Internacionais da The New School em Nova Iorque, Nina Krushcheva, dizia que a guerra na Ucrânia passou a estar "na mente" dos russos após a incursão em Kursk. "Há menos produtos, os preços aumentaram, há muito mais retórica militar vinda de todo o lado."

Novas taxas de IRS trazem alívio mais significativo em Setembro e Outubro

Haverá taxas mais baixas durante dois meses; e outras, definitivas, para Novembro e Dezembro. Há quem fique com retenção de 0%, temporariamente

Pedro Crisóstomo

As novas tabelas de retenção do IRS na fonte aprovadas pelo Governo para desagravar a cobrança mensal do imposto aos salários e pensões nos últimos meses do ano já estão publicadas no Portal das Finanças.

Haverá dois conjuntos de tabelas: um para aplicar só em Setembro e Outubro (para contrabalançar o imposto cobrado nos primeiros meses do ano); outro, para Novembro e Dezembro (para vigorar em definitivo, embora em Janeiro é expectável que voltem a mudar).

As primeiras tabelas – que as empresas, o Estado, as instituições de solidariedade social e todas as entidades que pagam pensões devem aplicar em Setembro e Outubro – trazem uma descida maior do IRS do que haveria em condições normais, porque o executivo pretende "compensar as retenções já efectuadas" nos meses anteriores à redução das taxas, justifica a secretária de Estado dos Assuntos Fiscais, Cláudia Reis Duarte, num despacho assinado ontem.

Como a cobrança mensal realizada nos primeiros meses do ano (de Janeiro a Agosto e ainda sobre o subsídio de férias) reflectia o esquema dos escalões de IRS inicialmente previsto para este ano e, afinal, a tabela que servirá de base ao cálculo ao IRS de todo o rendimento de 2024 é outra (a que foi aprovada pelo Parlamento em Junho), o Governo de Luís Montenegro criou um mecanismo especial que traz um alívio mais acentuado durante um período específico de dois meses.

Depois, em Novembro e Dezembro, as retenções na fonte voltam a mudar, passando a vigorar as definitivas, isto é, as que pretendem corresponder ao novo figurino dos escalões de IRS. Aí, as taxas serão superiores às de Setembro e Outubro, mas inferiores às de Agosto (às que estão em vigor neste momento).

Com a reformulação, o Governo tenta aproximar o imposto cobrado directamente nos salários e nas pensões ao valor do IRS final. E, tanto nas tabelas de Setembro-Outubro como nas de Novembro-Dezembro, as taxas procuram reflectir as várias alterações que o Parlamento fez ao Código do IRS, não apenas a descida das taxas do primeiro ao sexto escalão de rendimentos, mas também o ajustamento no cálculo do mínimo de existência (a regra que isenta de IRS total ou parcialmente quem tem rendimentos mais baixos) e o aumento da dedução específica (da fatia de rendimento que não entra para o bolo dos valores que são tributados em IRS).

A diferença é que, na segunda fase, em Novembro e Dezembro, as taxas desenhadas procuram decalcar o figurino final do IRS; e, nos meses especiais de Setembro e Outubro, reflectir a diferença entre o figurino inicial e o final, daí que a descida seja mais significativa, com taxas mais baixas do que as do início e as do final do ano.

Um exemplo: neste momento, um trabalhador (solteiro e sem filhos) que receba um salário bruto de 1000 euros fica sujeito a uma taxa de retenção efectiva de 8,2% (entrega 82 euros); em Setembro e Outubro, a sua taxa de retenção será de 0%; mas, em Novembro e Dezembro, já volta a pagar: fica sujeito a uma taxa efectiva de 7,6%, pois só terá de entregar ao Estado 76 euros em cada um dos meses, menos seis euros do que acontecia até Agosto.



NELSON GARRIDO

Empresas, Estado e instituições de solidariedade social e entidades que pagam pensões têm de aplicar as novas taxas

> **Quem é trabalhador por conta de outrem e ganha até 1175 euros brutos mensais não fará retenção no período transitório**

Neste e noutros casos, há alguns trabalhadores que em condições normais retêm IRS e que agora poderão não fazer qualquer retenção na fonte (isto é, a taxa passa para 0%, o que significa que temporariamente não terão de entregar ao Estado qualquer rendimento).

Quem é trabalhador por conta de outrem e ganha até 1175 euros brutos mensais não fará retenção neste período transitório de Setembro e Outubro, quando, neste momento, o limiar da isenção é mais baixo. Nalguns casos, o tecto é mais alto, dependendo da situação familiar concreta (por exemplo, vai até aos 1394 euros para trabalhador casado, mas em que é o único membro do casal a trabalhar). No caso dos pensionistas, o limiar também é mais alto, podendo abranger quem recebe 1202 ou 1487 euros brutos, consoante a circunstância específicas. Depois, em Novembro e Dezembro, alguns destes contribuintes poderão voltar a reter IRS e outros permanecem isentos se continuarem abrangidos na totalidade pela regra do "chamado mínimo de existência".

Vejamos agora outro exemplo, a de um trabalhador que ganha 1500 euros: se nos primeiros meses do ano a retenção mensal era de 203 euros, em Setembro e Outubro baixa para apenas 12 euros, mas nos últimos dois meses do ano volta a aproximar-se daquela ordem, embora se

Um ano, três tabelas para cobrar o IRS



Trabalhador, solteiro sem filhos

Salário bruto mensal	820€	900€	1000€
De Janeiro a Agosto	0€	38€	82€
Em Setembro e Outubro	0€	0€	0€
Em Novembro e Dezembro	0€	37€	76€

Salário bruto mensal	1500€	2000€	2500€
De Janeiro a Agosto	203€	349€	531€
Em Setembro e Outubro	12€	40€	100€
Em Novembro e Dezembro	189€	330€	509€



Pensionista

Pensão bruta mensal	820€	900€	1000€
De Janeiro a Agosto	0€	26€	58€
Em Setembro e Outubro	0€	0€	0€
Em Novembro e Dezembro	0€	17€	57€

Pensão bruta mensal	1500€	2000€	2500€
De Janeiro a Agosto	190€	335€	533€
Em Setembro e Outubro	11€	37€	114€
Em Novembro e Dezembro	177€	318€	512€

Nota: A simulação para um pensionista solteiro ou casado com uma pessoa que também aufere rendimentos. Relativamente a Outubro, só está a ser contabilizado o pagamento da pensão regular, não o suplemento extraordinário pago nesse mês.

Fonte: Tabelas de retenção na fonte do IRS e PÚBLICO (cálculos próprios) PÚBLICO

fique pelos 189 euros. Se inicialmente a taxa efectiva era de 13,5%, com o mecanismo especial decresce para 0,8% e, por último, fica nos 12,6%.

Para um pensionista a quem também são atribuídos 1500 euros brutos por mês, o cenário é parecido. Olhemos para a simulação de um reformado solteiro ou casado com uma outra pessoa que também aufere rendimentos. Enquanto nos primeiros meses a retenção mensal era de 190 euros, na fase transitória o valor cai para 11 euros cada um dos dois meses e, em Novembro e Dezembro, tem de entregar ao Estado 177 euros mensais.

Mês com "extra" nas pensões

Embora o Governo determine às entidades pagadoras de salários e pensões (como a Segurança Social e Caixa Geral de Aposentações) que apliquem as novas tabelas especiais em Setembro e Outubro, quem já não o conseguir fazer a tempo do pagamento dos rendimentos de Setembro deve aplicar essa tabela especial imediatamente a seguir, ou seja, terá de o fazer em Outubro e Novembro (aplicando em Dezembro a tal segunda que corresponde à retenção normal).

Embora o IRS só seja calculado no ano seguinte quando o fisco souber qual é o rendimento anual, é através da retenção mensal do imposto na fonte que cada trabalhador por conta de outrem e cada pensionista vai adiantando ao Estado o pagamento do IRS, através de uma cobrança directa no salário e na pensão.

Esse valor será depois tido em consideração no final. O fisco faz o cálculo do IRS e subtrai a parcela do imposto que já foi paga. E, em função desse resultado, o contribuinte poderá obter um reembolso, ter de pagar imposto em falta, ou nada ter de entregar ou receber.

Como, em Outubro, os reformados com pensões até 1527,78 euros irão receber o pagamento do suplemento de pensões, o rendimento líquido em Outubro é maior por duas razões: quer pelo extra do "bónus", quer pela redução das retenções. Nesse mês, o suplemento será tributado de forma autónoma. A Segurança Social e a Caixa Geral de Aposentações, para saberem qual é a taxa que irão aplicar, não irão somar esse valor à pensão regular. O que farão é aplicar a taxa de retenção correspondente à pensão e, à parte, essa mesma taxa ao suplemento. E como nesse mês a taxa é menor, o rendimento líquido será maior.

Impacto repartido

O Governo calcula que, ao todo, o impacto da redução adicional do IRS de 2024 em relação ao imposto que estaria em vigor caso as três novas medidas fiscais não existissem é de 1100 milhões de euros, divididos em 2024 e 2025, já que há uma parte que vem das duas reduções das tabelas de retenção este ano (cerca de 650 milhões de euros) e o restante do acerto do imposto em 2025 no momento da entrega das declarações de rendimento, explicou fonte governamental.

O peso orçamental é mais do dobro do que o executivo de Luís Montenegro previa inicialmente, porque a sua proposta só dizia respeito ao desagravamento das taxas e o Parlamento acabou por aprovar também a actualização da dedução específica e do limiar do chamado "mínimo de existência".

Avaliação bancária sobe pelo oitavo mês e fixa-se em 1638 euros por m2

Rafaela Burd Relvas

Os valores medianos de avaliação bancária aumentaram por todo o país, em particular na Madeira

A avaliação bancária voltou a aumentar em Julho, pelo oitavo mês consecutivo. Os dados foram divulgados, ontem, pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), que dá conta de que, em Julho, a avaliação bancária atingiu um valor mediano de 1638 euros por metro quadrado (m2), o que representa um aumento de 1,24% em relação ao mês anterior e uma subida de 7,4% face ao mesmo mês do ano passado.

O movimento foi idêntico nos apartamentos e nas moradias. No primeiro caso, a avaliação bancária aumentou mais de 7% em termos anuais e fixou-se num valor mediano de 1818 euros por metro quadrado em Julho, naquela que foi a primeira vez que se ultrapassou a fasquia dos 1800 euros por m2 neste segmento.

Já nas moradias, a avaliação subiu mais de 8%, para 1281 euros por metro quadrado, também o valor mais elevado já registado desde que foi iniciada esta série estatística do INE, em 2011.

Estes valores são registados num mês em que se contabilizaram 32.619 avaliações bancárias, mais cerca de 31% em relação a Julho do ano passado. "Esta variação reflecte o menor número de avaliações realizadas em Julho de 2023, mês em que se registou uma redução homóloga de 13,1%. Em comparação com o período anterior, realizaram-se mais 899 avaliações bancárias, o que corresponde a um acréscimo de 2,8%", detalha o INE.

A tendência foi, de resto, transversal a todo o país. Em termos mensais, os valores medianos de avaliação bancária aumentaram em quase todas as regiões, à excepção do Alentejo, onde se registou uma queda de 1,1% em relação a Junho deste ano. Já a Madeira registou o maior aumento, de 2,2%, seguindo-se o Norte (mais 1,4%).

Já em termos anuais, a maior subida volta a verificar-se na Madeira, onde a avaliação bancária aumentou em quase 17% (1928 euros/m2).

A Grande Lisboa, por seu lado, manteve-se como a região mais cara do país, com uma avaliação bancária mediana de 2411 euros por metro quadrado em Julho, um aumento de 5,7% face ao mesmo mês do ano passado.

Países Baixos multam Uber em 290 milhões por violar regras de privacidade dos condutores

A Autoridade de Protecção de Dados dos Países Baixos multou ontem a Uber em 290 milhões de euros por ter transferido dados de condutores europeus para a sua sede nos EUA sem respeitar as regras de privacidade.

Trata-se da sanção mais elevada aplicada até à data, explica a autoridade num comunicado, no qual esclarece que a Uber recolheu dados de localização, fotografias, dados de pagamento e documentos de identidade e que em alguns casos foram também recolhidos dados criminais e médicos dos condutores.

A autoridade de Países Baixos (DPA, de Dutch Data Protection Authority, em inglês) considera também que a Uber, cuja sede europeia está localizada nos Países Baixos, transmitiu os dados à sua empresa-mãe durante mais de dois anos, sem os proteger adequadamente, apesar de ter reconhecido que tomou medidas no final de 2023 para deixar de violar as regras em vigor. E classifica esta transferência como uma "violação grave" do Regulamento Geral sobre a Protecção de Dados (RGPD) da Europa.

A autoridade "iniciou a investigação sobre a Uber depois de mais de 170 condutores franceses se terem queixado ao grupo francês de defesa dos direitos humanos Ligue des droits de l'Homme (LDH)".

"Nos termos do RGPD, as empresas que processam dados em vários Estados-membros da UE têm de lidar" com uma só autoridade de protecção de dados, a do país em que a empresa tem a sua localização principal. E, recorda a DPA, a "sede europeia da Uber está sediada nos Países Baixos". **PÚBLICO/Lusa**



ORDEM DOS PSICÓLOGOS PORTUGUESES

CONVOCAÇÃO DE ELEIÇÕES PARA OS ÓRGÃOS NACIONAIS E REGIONAIS

Mandato 2025-2028

Nos termos e para os efeitos do disposto no n.º 3 do artigo 20.º do Estatuto da Ordem dos Psicólogos Portugueses, aprovado pela Lei n.º 57/2008, de 4 de setembro, com a redação dada pela Lei n.º 72/2023, de 12 de dezembro (doravante "Estatuto"), e do n.º 1 do artigo 17.º do Regulamento Eleitoral da Ordem dos Psicólogos Portugueses (na versão dada pelo Regulamento n.º **272-A/2024**, publicado na 2.ª Série do *Diário da República* em 08 de março de 2024, doravante "Regulamento Eleitoral"), o Presidente da Assembleia de Representantes da Ordem dos Psicólogos Portugueses torna pública a **convocação de eleições para os órgãos nacionais (incluindo os órgãos das especialidades) e regionais da Ordem dos Psicólogos Portugueses para o dia 29 de Novembro de 2024**.

Mais se informa que:

a) Serão eleitos diretamente pelos membros da Ordem a Assembleia de Representantes, o Bastonário e a Direção Nacional, o Conselho Fiscal, o Conselho Jurisdicional, o Conselho de Supervisão, as Direções Regionais do Norte, do Centro, do Sul, da Região Autónoma dos Açores e da Região Autónoma da Madeira e os Conselhos de Especialidade de Psicologia Clínica e da Saúde, de Psicologia da Educação e de Psicologia do Trabalho, Social e das Organizações;

b) Estão impedidos de participar nas eleições os membros estagiários, correspondentes, honorários (que não sejam membros efectivos com capacidade eleitoral activa) e beneméritos, bem como os membros efetivos que se encontrem em situação de não pagamento de quotas por um período superior a seis meses (**art.º 2º n.º 2 do Regulamento Eleitoral**);

c) Os membros efetivos que tenham quotas em atraso podem proceder ao respetivo pagamento até ao 15.º dia após a convocatória, ou seja, até dia **11 de Setembro de 2024**, sob pena de não integração dos cadernos eleitorais;

d) No cumprimento do previsto no **Anexo I, 4.3 do Regulamento de Quotas e Taxas da Ordem dos Psicólogos Portugueses**, a atribuição do título de Psicólogo Especialista depende do pagamento do respectivo averbamento. Os membros a quem tenha sido deferido o pedido de atribuição do título de Psicólogo Especialista e que não tenham regularizado o averbamento, poderão fazê-lo até ao dia **11 de Setembro de 2024**, sob pena de não constarem dos cadernos eleitorais relativos às eleições dos Conselhos de Especialidade.

e) Os cadernos eleitorais com a indicação do nome dos eleitores, respetiva delegação regional e, se aplicável, respetiva especialidade, serão afixados no dia **12 de Setembro de 2024**, na sede da Ordem dos Psicólogos Portugueses, nas delegações regionais e no respetivo sítio eletrónico;

f) O critério de distribuição dos membros efetivos pelas delegações regionais é o da localização do domicílio profissional indicado por cada Psicólogo aquando da inscrição ou atualização do respetivo registo;

g) A Assembleia de Representantes elege 50 mandatos, distribuídos da seguinte forma pelos colégios eleitorais, sem prejuízo de essa distribuição **poder ser alterada** em função da publicação dos cadernos eleitorais após os procedimentos previstos nas alíneas c) e d) da presente Convocação:
   i. **Norte:** 16 mandatos;
   ii. **Centro:** 8 mandatos;
   iii. **Sul:** 22 mandatos;
   iv. **Açores:** 2 mandatos;
   v. **Madeira:** 2 mandatos.

h) As listas de candidatos devem dar entrada na sede da Ordem dos Psicólogos Portugueses na Av. Fontes Pereira de Melo, 19 D, em Lisboa até às **17 horas do dia 30 de Setembro de 2024**, em mão ou por correio registado;

i) As listas de candidatos devem respeitar, designadamente, o disposto no artigo 13.º do Estatuto e nos artigos 5.º, 18.º e seguintes do Regulamento Eleitoral;

j) As listas candidatas apenas se consideram válidas e completas com a apresentação de candidaturas a todos os órgãos nacionais e regionais submetidos a sufrágio, sem prejuízo da possibilidade de candidatura apenas aos órgãos regionais, nos termos do n.º 2 do artigo 5.º do Regulamento Eleitoral;

k) Cada candidatura deve apresentar uma lista subscrita por 100 membros efetivos;

l) A eleição para o Conselho de Supervisão é feita segundo um sistema de representação proporcional da média mais alta de Hondt, realizando-se separadamente apuramento da distribuição de mandatos dos membros referidos nas alíneas a) e b) do n.º 1 do artigo 11.º-A do Regulamento Eleitoral;

m) Nas listas candidatas ao Conselho de Supervisão devem ser apresentados candidatos a todos os mandatos referidos nas alíneas a) e b) do n.º 1 do artigo 11.º A do Regulamento Eleitoral.

n) As listas candidatas aos órgãos nacionais submetidos a sufrágio encontram-se dispensadas do cumprimento do requisito de proporção de pessoas de cada sexo, em virtude da percentagem dos membros do sexo menos representado ser inferior a 20% nos termos do n.ºs 4 e 5 do artigo 5.º do Regulamento Eleitoral.

o) Cada membro efetivo exerce o direito de voto eletronicamente, tanto à distância como presencialmente (os elementos de voto, PIN confidencial, ou outro código de acesso confidencial, e um folheto com as instruções para o exercício desse tipo de voto, são remetidos por correio postal e eletrónico, respetivamente, para a morada escolhida pelo membro efetivo para efeitos de receção de correspondência e para o endereço de correio eletrónico registados na base de dados da Ordem);

p) É vedado o voto por procuração;

q) O período de votação presencial tem início **às 10 horas** e termina às **20 horas**. Nos termos do artigo 32.º, n.º 6 do Regulamento Eleitoral, a votação à distância tem início às **08 horas** e termina às **20 horas**. Os períodos de votação têm por referência o horário de Portugal Continental.

r) Funcionarão 6 assembleias de voto, uma em cada uma das delegações regionais, e outra na sede nacional:
   i. **Norte** (Rua Álvares Cabral, N.º 2, 4000-529 Porto);
   ii. **Centro** (Torre do Arnado, Rua João de Ruão, N.º 12, 9.º C, 3000-229 Coimbra);
   iii. **Sul** (Avenida Fontes Pereira de Melo N.º 19 D, 1050-116 Lisboa);
   iv. **Açores** (Rua António Joaquim Nunes da Silva, N.º 55, 1.º, 9500-022, Ponta Delgada);
   v. **Madeira** (Rua da Carreira, N.º 63, 2.ºJ, 9000-042, Funchal);
   vi. **Sede Nacional** (Avenida Fontes Pereira de Melo, Nº 19 D, 1050-116 Lisboa).

s) Encontra-se disponível para consulta, nota informativa relativa às situações de inelegibilidade e incompatibilidade, bem como relativas à aplicação dos princípios de proporção de pessoas de cada sexo a considerar na elaboração das listas candidatas. O documento está disponível em https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/eleia_aoes_nota_informativa.pdf.

t) Para mais informações, pode ser consultado o Regulamento Eleitoral em https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/regulamento_nao_272_a_2024.pdf.

Em caso de dúvida, por favor contactar eleicoes@ordemdospsicologos.pt ou 213 400 250 (9h-13h / 14h-17h).

Lisboa, 27 de Agosto de 2024.

O Presidente da Assembleia de Representantes,
Samuel Silvestre Antunes – Cédula Profissional n.º 2



Torna-se público que foi publicado em *Diário da República*, 2.ª Série, procedimento concursal com vista ao recrutamento de titular de cargo de direção intermédia de 1.º grau para a Direção de Serviços de Documentação e Bibliotecas.

Consultar o aviso (extrato) n.º 18248/2024/2, publicado no *DR*, 2.ª Série, n.º 162, de 22 de agosto de 2024 e a oferta publicitada na BEP em www.bep.gov.pt (OE202408/0876).

A oferta está disponível pelo prazo de 10 dias úteis, a contar da data de publicação na BEP.

Edifício Sede – Rua General Norton de Matos, Apartado 4133 | 2411-901 Leiria – Portugal
ipleiria@ipleiria.pt | www.ipleiria.pt







Área de Gestão de Recursos Humanos

MINISTÉRIO DA SAÚDE
UNIDADE LOCAL DE SAÚDE DE SÃO JOSÉ, E.P.E.

AVISO

Nos termos do Decreto-Lei n.º 41/2024, de 21 de junho e do Despacho n.º 7097-A/2024, retificado pelo Despacho n.º 7459-A/2024, e por deliberação do Conselho de Administração da Unidade Local de Saúde de São José, E.P.E., de 25-07-2024, faz-se público que se encontra aberto procedimento concursal comum, destinado ao preenchimento de 7 (sete) postos de trabalho na especialidade de Medicina Interna, na categoria de assistente da carreira da carreira médica, do mapa de pessoal desta Unidade Local de Saúde, para constituição de relação jurídica de emprego, mediante celebração de contrato de trabalho sem termo, no âmbito do Código do Trabalho, cujo aviso de abertura foi publicitado pelo aviso n.º 18647/2024/2, inserto no *Diário da República*, 2.ª Série, N.º 164 de 26-08-2024, cujo prazo de entrega de candidaturas é de 5 (cinco) dias, contados da dia seguinte ao da publicação no *Diário da República*.

Para mais informações, consultar a página eletrónica da ULSSJosé, EPE, https://www.chlc.min-saude.pt/concursos-de-admissao-de-pessoal/, onde estão disponíveis as informações complementares para formalização do processo de apresentação de candidaturas.

Unidade Local de Saúde de São José, EPE, 26 de agosto de 2024

A Diretora da Área de Gestão de Recursos Humanos,
Maria Adelaide Canas



Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.

Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.

Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos:

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3 Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa
Telefones: 213 610 460 - Fax : 21 361 04 69 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Centro de Dia Prof. Doutor Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa
Telefone: 213 609 300 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim», Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia 2765-029 Estoril - Telefone: 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Horário de Atendimento: Quartas e sextas, entre as 9h e as 13h
Núcleo do Ribatejo da Alzheimer Portugal: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31 «A, 2080-114 Almeirim - Telefone: 243 000 087 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
Delegação Norte da Alzheimer Portugal: Centro de Dia «Memória de Mim», Rua do Farol Nascente n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Telefone: 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
Delegação Centro da Alzheimer Portugal: Centro de Dia do Marquês, Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal - Telefone: 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão - Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org
Delegação da Madeira da Alzheimer Portugal: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 Funchal, Telefone: 291 772 021 - Fax: 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org

---

Meta Capital Prestamistas, Lda.

LEILÕES CANCELADOS

A META CAPITAL PRESTAMISTAS, LDA., vem por este meio comunicar que os Leilões que íria efetuar no dia 29 de Agosto de 2024, pelas 10H30, 10H35 e 10H40, na Rua Arco Marquês do Alegrete, n.º 6 - A, 1100-034 Lisboa, foram cancelados.

Lisboa, 27 de Agosto de 2024.

A Gerência

www.casacreditopopular **Ligue Grátis 800 208 186**



ANÚNCIO M/F

Torna-se público que se encontra aberto processo de recrutamento para a contratação de um Técnico Superior, na modalidade de Contrato de Trabalho a termo resolutivo certo, ao abrigo do Código do Trabalho, na Universidade do Minho, sob **Ref.ª CTTRC-PTAG-105/24-EEG(1)**

REQUISITOS DE ADMISSÃO:

a) Possuir grau de Licenciatura em Ciência Política, Economia, Gestão, Administração Pública, Relações Internacionais, Marketing e Estratégia, Negócios Internacionais, Contabilidade, Línguas, ou áreas afins.

b) Não estar vinculado à Universidade do Minho através de um contrato de trabalho por tempo indeterminado, ao abrigo do Código do Trabalho, na mesma carreira.

O prazo para a apresentação das candidaturas decorre no período de 28/08/2024 a 10/09/2024.

O texto integral do processo de recrutamento e seleção encontra-se disponível em https://intranet.uminho.pt/Pages/Documents.aspx?Area=Procedimentos%20Concursais

A Diretora de Serviços, *Aleida Lopes Vaz Carvalho*



ANÚNCIO M/F

Torna-se público que se encontra aberto processo de recrutamento para a contratação de um Técnico Superior, na modalidade de Contrato de Trabalho a termo resolutivo incerto, ao abrigo do Código do Trabalho, na Universidade do Minho, sob **Ref.ª CTTRI-PTAG-101/24-CIED(1).**

REQUISITOS DE ADMISSÃO:

a) Possuir grau de Licenciatura em Línguas e Literaturas Europeias.;

b) Não estar vinculado à Universidade do Minho através de um contrato de trabalho por tempo indeterminado, ao abrigo do Código do Trabalho, na mesma carreira.

O prazo para a apresentação das candidaturas decorre no período de 28/08/2024 a 30/08/2024.

O texto integral do processo de recrutamento e seleção encontra-se disponível em https://intranet.uminho.pt/Pages/Documents.aspx?Area=Procedimentos%20Concursais

A Diretora de Serviços, *Aleida Lopes Vaz Carvalho*



ANÚNCIO M/F

Torna-se público que se encontra aberto processo de recrutamento para a contratação de dois Técnicos Superiores, na modalidade de Contrato de Trabalho a termo resolutivo incerto, ao abrigo do Código do Trabalho, na Universidade do Minho, sob **Ref.ª CTTRI-PTAG-95/24-CALG(2).**

REQUISITOS DE ADMISSÃO:

a) Possuir grau de Licenciatura em Gestão, Contabilidade, Administração Pública ou áreas afins;

b) Não estar vinculado à Universidade do Minho através de um contrato de trabalho por tempo indeterminado, ao abrigo do Código do Trabalho, na mesma carreira.

O prazo para a apresentação das candidaturas decorre no período de 28/08/2024 a 03/09/2024.

O texto integral do processo de recrutamento e seleção encontra-se disponível em https://intranet.uminho.pt/Pages/Documents.aspx?Area=Procedimentos%20Concursais

A Diretora de Serviços, *Aleida Lopes Vaz Carvalho*



ANÚNCIO M/F

Torna-se público que se encontra aberto processo de recrutamento para a contratação de um Técnico Superior, na modalidade de Contrato de Trabalho a termo resolutivo incerto, ao abrigo do Código do Trabalho, na Universidade do Minho, sob **Ref.ª CTTRI-PTAG-107/24-USDB(1).**

REQUISITOS DE ADMISSÃO:

a) Possuir grau de Licenciatura em qualquer área;

b) Não estar vinculado à Universidade do Minho através de um contrato de trabalho por tempo indeterminado, ao abrigo do Código do Trabalho, na mesma carreira.

O prazo para a apresentação das candidaturas decorre no período de 28/08/2024 a 10/09/2024.

O texto integral do processo de recrutamento e seleção encontra-se disponível em https://intranet.uminho.pt/Pages/Documents.aspx?Area=Procedimentos%20Concursais

A Diretora de Serviços, *Aleida Lopes Vaz Carvalho*



ANÚNCIO M/F

Torna-se público que se encontra aberto processo de recrutamento para a contratação de dois Técnicos Superiores, na modalidade de Contrato de Trabalho a termo resolutivo incerto, ao abrigo do Código do Trabalho, na Universidade do Minho, sob **Ref.ª CTTRI-PTAG-111/24-USDB(2).**

REQUISITOS DE ADMISSÃO:

a) Possuir grau de Licenciatura em qualquer área;

b) Não estar vinculado à Universidade do Minho através de um contrato de trabalho por tempo indeterminado, ao abrigo do Código do Trabalho, na mesma carreira.

O prazo para a apresentação das candidaturas decorre no período de 28/08/2024 a 10/09/2024.

O texto integral do processo de recrutamento e seleção encontra-se disponível em https://intranet.uminho.pt/Pages/Documents.aspx?Area=Procedimentos%20Concursais

A Diretora de Serviços, *Aleida Lopes Vaz Carvalho*

Estudo revela alteração no sangue que prevê se a doença de Crohn vai aparecer

A doença inflamatória intestinal, que inclui a doença de Crohn e a colite ulcerosa, afecta mais de cinco milhões de pessoas no mundo e 25 mil em Portugal. Ensaio em doentes de Crohn arranca em 2025

Filipa Almeida Mendes

Um estudo recente, coordenado pelo Instituto de Investigação e Inovação em Saúde da Universidade do Porto (i3S), descobriu uma alteração no sangue que prediz o aparecimento (ou não) da doença de Crohn, uma doença intestinal inflamatória crónica e imunomediada que causa inflamação do tracto digestivo.

O trabalho foi realizado por uma equipa internacional de investigadores, liderada por Salomé Pinho, do i3S, e publicado na revista *Nature Immunology*. Em comunicado, o i3S destaca que os cientistas descobriram "uma assinatura única de glicosilação em anticorpos – moléculas do sistema imunitário – que é detectável no sangue muitos anos antes do desenvolvimento de sintomas e do diagnóstico clínico da doença de Crohn", acrescentando que "a identificação desta glicoforma alterada de anticorpos poderá ser responsável pelo início da inflamação até seis anos antes do diagnóstico e da sintomatologia". Para isso, a equipa centrou-se especificamente na caracterização da composição de glicanos (açúcares complexos) que modificam os anticorpos que temos em circulação.

A doença de Crohn, cujos sintomas mais comuns são a diarreia, dor abdominal, fadiga, perda de peso, entre outros, pode afectar todos os grupos etários, mas tipicamente é diagnosticada em adolescentes e adultos jovens. Salomé Pinho destaca ao PÚBLICO que "há dois picos de incidência da doença inflamatória intestinal [que inclui a doença de Crohn e a colite ulcerosa]: entre os 15 e os 30 anos e por volta dos 60 a 80 anos".

CORTESIA DE LEI ZHOU

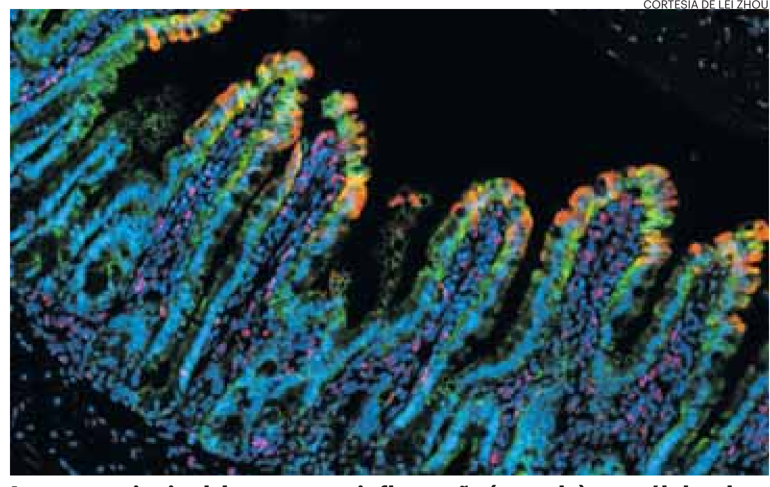


Imagem principal demonstra a inflamação (a verde) nas células do intestino; em baixo, a cientista Salomé Pinho



A cientista portuguesa destaca que, nos últimos anos, a incidência de várias doenças auto-imunes tem "vindo a aumentar" a nível global, incluindo da doença inflamatória intestinal, que afecta mais de cinco milhões de pessoas em todo o mundo e cerca de 25 mil pessoas em Portugal.

Embora existam vários tratamentos disponíveis que têm como objectivo travar a resposta inflamatória exacerbada que caracteriza esta patologia, a doença inflamatória intestinal ainda não tem cura. Em muitos casos, segundo o comunicado do i3S, "consegue-se controlar a doença, evitando que as pessoas tenham crises durante longas temporadas". "Contudo, continua a ser uma doença com um enorme impacto na qualidade de vida dos doentes, com uma proporção de indivíduos a não responder aos tratamentos actualmente disponíveis e a necessitar de cirurgia, o que realça a importância de se investigarem novos paradigmas, nomeadamente o de diagnosticar precocemente a doença e prevenir o seu início ou as suas complicações", sublinha a nota.

O grupo de investigação do i3S, liderado por Salomé Pinho, "já há vários anos" que se dedica ao estudo desta patologia, com os resultados da investigação a apontarem para "alterações na composição de famílias complexas de açúcares à superfície da mucosa do intestino que pareciam ter um papel importante na indução e na patogénese dos processos inflamatórios que estão subjacentes à exacerbação da resposta inflamatória que caracteriza estes doentes".

Este estudo em particular surgiu, conta a investigadora, de uma colaboração internacional com o Departamento de Defesa dos EUA que permitiu à equipa ter acesso a um repositório de cerca de 13 mil soros provenientes de amostras de sangue de militares numa fase pré-clínica, até seis anos antes do desenvolvimento e diagnóstico de doença de Crohn, tendo contado ainda com a colaboração do Hospital Monte Sinai (EUA).

As amostras foram recolhidas em quatro momentos temporais – um mais próximo do diagnóstico e os outros dois, quatro e seis anos antes do diagnóstico. A equipa analisou também amostras de sangue de doentes com a doença já estabelecida, assim como de familiares em primeiro grau de doentes com doença de Crohn e de indivíduos saudáveis, obtidas em colaboração com os serviços de gastrenterologia do Centro Hospitalar Universitário de Santo António (no Porto), do Hospital Beatriz Ângelo (em Loures) e do Hospital da Luz (em Lisboa).

Em colaboração com investigadores da Croácia, nota o comunicado do i3S, foi feita a caracterização do perfil de glicosilação de anticorpos em circulação, com recurso a tecnologia avançada. Os investigadores encontraram uma alteração única na composição de glicanos desses anticorpos circulantes, tendo verificado que essa alteração é detectável até seis anos antes do diagnóstico e que se mantém constante durante todo o período que antecede os sintomas clínicos.

Salomé Pinho destaca que os sinais "apontam para que estas alterações sejam um dos mecanismos que levam à ignição do processo inflamatório", pelo que acredita que a tal alteração no sangue que prediz o aparecimento da doença de Crohn possa ser detectada até mesmo dez anos antes do início dos sintomas.

Os investigadores descobriram também que especificamente os anticorpos anti-*Saccharomyces cerevisiae* (ASCA, na sigla em inglês), que normalmente são detectados em 40% a 60% dos doentes com doença de Crohn e que se pensava não terem influência no desenvolvimento da doença, têm uma glicoforma que é patogénica e que começa a montar a resposta inflamatória muitos anos antes do diagnóstico da doença.

No âmbito do projecto europeu *GlycanTrigger*, também liderado por Salomé Pinho, e com base nestas descobertas, a equipa vai arrancar no início de 2025 com um ensaio clínico, no Hospital da Luz (em Lisboa), com indivíduos com a doença de Crohn que removeram cirurgicamente parte do intestino. "São considerados como estando livres de doença, mas existe uma percentagem significativa destes doentes que pode recidivar", afirma a investigadora.

O objectivo, diz Salomé Pinho, é "interceptar o alvo molecular" agora identificado, "modulando-o e fazendo uma suplementação com glicanos específicos por forma a prevenir o desenvolvimento da doença".

DIREITO DE RESPOSTA

"Pseudociência na universidade", publicado a 24 de Agosto de 2024

Tem a direcção editorial do jornal PÚBLICO o direito inalienável de escolher os seus colunistas. Não pode, porém, surpreender-se depois de perder leitores e de ter um prejuízo anual de 4,5 milhões de euros, por insistir em considerar publicáveis opiniões de uma pessoa como Pedro Abreu, um professor felizmente já jubilado, por assim já não dar mais maus exemplos aos alunos, e um professor infelizmente já jubilado, pois tem assim tempo para se entreter a difamar.

No seu artigo "Pseudociência na universidade" (24/8/2024), Pedro Abreu decidiu zurzir num mestrado da Nova SBE, cujo "infeliz" (para ele) autor teve a ideia de comparar lideranças entre a Suécia e Portugal durante a pandemia. Pedro Abreu mete "ao barulho" um falecido simpatizante da ditadura brasileira, o ex-juiz Rui Castro (associado ao Habeas Corpus) e, hélas, surge, em estranha "boleia", o jornal Página Um, apelidado como um dos "periódicos digitais de desinformação negacionista".

Da visão patológica de Pedro Abreu já não se pede nem espera muito.

Mas já deveria esperar-se maior responsabilidade do jornal que o acoita. Ao fim de quase três anos de existência do Página Um, compreendemos cada vez melhor que haja quem deseja descredibilizar um jornalismo isento, independente e, sobretudo, livre de influências externas.

À luz da evolução científica e até sociológica, tentar colagens ideológicas absurdas é, obviamente, difamante, mas mostra-se sobretudo cada vez mais ridículo.

Aliás, veja-se a razão pela qual Pedro Abreu se lembrou de verter a sua cloaca de ódio: sete textos usados pelo novo mestre são artigos do Página Um. Mas são apenas sete entre as 133 referências bibliográficas nesta dissertação de mestrado. Sete! Já artigos do próprio PÚBLICO usados nesta tese a ser "queimada na pira da desinformação" são 10.

Se o ridículo matasse, estaríamos a rezar agora pela triste alma de Pedro Abreu. Ou do PÚBLICO.

Pedro Almeida Vieira, director do Página Um

Cinema Ideal comemora dez anos rodeado de uma Lisboa que vai desaparecendo

Em 2014, o Ideal abria portas em busca da vida de bairro no Chiado. Hoje, no meio da avalanche turística, quem o frequenta fá-lo com mais esforço e "por simpatia"

Teresa Serafim

Rua acima, rua abaixo, entre o Largo de Camões e a Bica, há um turbilhão de turistas que vai passando imparável. Um ou outro lá pára e entra no número 15 da Loreto: muitos deles só querem a indicação que se pode obter de uma porta aberta. "Sabe onde posso encontrar uma farmácia?", questiona um. A funcionária da bilheteira presta os esclarecimentos. Sai o visitante e entram no espaço do Cinema Ideal Edite Cruz e Ágata Mandillo, que sabem bem ao que vêm. Procuram o que é anunciado em cartaz na fachada: bilhetes para o documentário *Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você*.

As amigas foram jantar a um restaurante ali próximo e agora esperam pela sessão da noite. Frequentam o Ideal desde o seu novo início, há dez anos, e continuam a vir pela programação. E pelo sítio: "Se não tiver de atravessar um centro comercial para ir ao cinema, prefiro", argumenta Edite Cruz, de 41 anos, que vive em São João do Estoril. A sua localização tão central na cidade é outro dos motivos para que venha, mas já sente que ficou demasiado turística. No restaurante, diz, o funcionário tinha mais facilidade em explicar a ementa em inglês.

Ágata Mandillo, que vive há 15 anos nas proximidades da Praça das Flores, vê "coisas boas e más" na intensificação do turismo. "Temos de aceitar", diz a empresária do sector da restauração, com 41 anos. No vaivém que faz pelas ruas da zona, o Ideal é um chamariz, pois gosta dos filmes independentes que constam da sua programação. "Vou a passar e, se estou livre e gosto do filme, entro e vejo", conta, frisando que até já tinha vindo ver *Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você* e está só a acompanhar a amiga. Ágata Mandillo, normalmente, vem ao Ideal uma vez por mês.

Já João Santos, que também espera a sessão da noite, diz que vem pelo menos uma vez de seis em seis meses, dependendo do cartaz. Mora no Areeiro e desloca-se à Rua do Loreto para vir propositadamente ao Ideal: "Antes ia ao King [que fechou em 2013] e agora passei para aqui." Vem pela programação, razão que o leva também ao Cinema Fernando Lopes, na Universidade Lusófona, no Campo Grande, ou ao Nimas, na Avenida 5 de Outubro. "São os resistentes", considera o engenheiro agrónomo de 31 anos. Nessa noite, além de João Santos, assistiram ao documentário 18 pessoas. Na noite anterior, tinham sido 41 numa sala que tem lugar para 200 pessoas.

É neste ambiente que o Ideal comemora o décimo aniversário esta semana: o espaço, que teve sessões de cinema desde o início do século XX, reabriu a 28 de Agosto de 2014 com uma nova identidade. Antes, teve várias vidas ao longo de mais de 100 anos e chegou a chamar-se Salão Ideal, Piolho do Loreto, Cine Camões ou Cine Paraíso.

Em tom de comemoração, num *email* enviado pelo Ideal, é-se convidado para a "Programação do 10.º Aniversário", que coincide depois de amanhã com a estreia do documentário *Verdade ou Consequência?*, de Sofia Marques, sobre a vida (e o teatro) de Luis Miguel Cintra. Nessa espécie de "convite" é deixada uma nota sobre a atmosfera citadina em que esteve rodeado nestes dez anos: "Vamos comemorá-los, não por serem dez anos, mas por serem dez anos nas circunstâncias terríveis que são", lê-se. São as circunstâncias de estar num bairro onde o turismo cresceu desenfreado.

"Se não tiver de atravessar um centro comercial para ir ao cinema, prefiro", diz Edite Cruz, que vive em São João do Estoril

"Antes ia ao King [que fechou em 2013] e agora passei para aqui", refere João Santos

Um público "por simpatia"

Num balanço sobre estes dez anos, Pedro Borges, produtor e distribuidor da Midas Filmes, dirige a conversa para um centro de Lisboa que tem mudado com o turismo ao leme. Por volta de 2012, pouco antes da inauguração do espaço, que foi recuperado com um projecto do arquitecto José Neves, aquela ainda era uma zona, às portas do Bairro Alto, onde havia vida em comunidade. "Só podia correr bem ter um cinema aqui", lembra o impulsionador da reabertura. Contudo, enquanto se faziam as obras no edifício da Casa da Imprensa, que é senhoria do espaço, "insensivelmente a cidade estava a mudar".

Se essas mudanças já se sentiam de alguma forma quando o Ideal reabriu, hoje são plenas e Pedro Borges fala de uma vida de bairro que tem desaparecido. "Havia todo o comércio e o cinema era mais uma loja", resume, mencionando o talho ou os alfarrabistas que foram fechando. Mas também as pessoas que se foram indo embora, exemplificando: "O arquitecto José Neves tinha um atelier a uns metros. O prédio em que estava, que tinha uma editora, dois ateliers de arquitectura e habitantes, hoje está cheio de AL [alojamento local]."

A uns metros, na Calçada do Combro, há outra "resistente": a Letra Livre, um alfarrabista que vai sobrevivendo. Há ainda algo em comum entre o cinema e esta livraria que abriu em 2006 – Eugénia Gomes, uma das donas, é espectadora fiel do Ideal. "Só vou a este cinema", assume, sublinhando que o faz pela programação. Mora na Ajuda, mas, sobretudo aos sábados, vai a umas sessões. E lamenta que, às vezes, a sala não esteja com muito público.

Bem mais perto do Ideal, na Biblioteca Camões, que integra a rede municipal de Lisboa, há marcas do cinema. Numa das salas, há cartazes de filmes pedidos ao Ideal, a propósito da exposição de ilustração para a infância *3x3²* feita, em 2017, quando Lisboa foi a Capital Ibero-americana da Cultura. Depois, foram ficando por lá seis deles, incluindo os de *Silêncio* ou *Na Via Láctea*.

Lithales Soares, o programador cultural da biblioteca, refere que só "pontualmente" se fazem parcerias com o Ideal. Por exemplo, no âmbito do festival IndieJúnior, em 2017 e 2018, criou-se uma biblioteca itinerante e fizeram-se actividades baseadas em personagens de filmes no espaço do cinema, conta. Também Lithales Soares é um dos seus espectadores. Vive ali perto, em Santa Catarina, desde 1998, e considera que o espaço trouxe "cinema de qualidade" à zona. As idas dependem da programação, mas, se for a passar,



MIGUEL MANSO

CATARINA PÓVOA



BRUNO LISITA



O Ideal tem à porta um vaivém contínuo de turistas; poucos ali entram, diz Pedro Borges

Para Pedro Borges, Lisboa precisa de um cinema como o Ideal: "Uma âncora para a vida urbana e em comunidade"

gostar do cartaz e tiver tempo, entra e vê o filme.

Mesmo em frente ao Ideal, na Farmácia Barreto, que está nesta localização pelo menos desde 1880, sentiu-se o impacto da sua abertura. "Notamos que aparecem pessoas que não são da zona", indica José Pedro Silva. O director técnico da farmácia, que trabalha ali há 35 anos, considera que a sala é "um pólo diferenciador" num "bairro já tão desvirtuado".

José Pedro Silva faz parte de um público que Pedro Borges diz vir ao cinema (ou não vem, mas gosta dele) "por simpatia". Após dez anos, o produtor considera que a dinâmica de quem frequenta o Ideal mudou: "Quem quer vir vem na mesma, mas não vem com a mesma disponibilidade." Mais uma vez, atribui essa mudança às agitações turísticas. "Continuam a vir as mesmas pessoas, mas vêm de outra forma e, se calhar, com um bocadinho de esforço. Se vêm e saem ali no Metro no Chiado, ficam logo no meio de uma avalanche de turistas e *tuk-tuks*."

Outra zona da cidade?

Quanto aos moradores que já ali viviam quando o cinema abriu, o produtor diz que os "pouquinhos" ainda vêm ao cinema. Sobre se novos habitantes o frequentam, refere que a excepção são os franceses e, mesmo assim, "muito pouco". "Os franceses são pessoas habituadas desde crianças a que o cinema seja uma 'obrigação' semanal", indica, embora refira que o facto de a sala não ter assim tantos filmes em francês e ainda menos em inglês possa ser um impedimento para irem mais vezes. Os turistas também não são um impulso para a sala de cinema: há alguns que já assistiram lá a filmes, mas de forma muito residual. "Ninguém faz turismo para se fechar num cinema", justifica.

E quantas pessoas frequentaram mesmo o Ideal? No primeiro ano em pleno do cinema, em 2015, contabilizaram-se 35.015 espectadores, de acordo com números enviados por Pedro Borges ao PÚBLICO . Se forem retiradas as sessões realizadas no âmbito de festivais, ciclos e mostras, foram 28.473 pessoas, segundo o Instituto do Cinema e Audiovisual (ICA). O melhor ano foi o de 2019, que contou com 40.989 espectadores – 35.635, se não forem tidas em conta as tais sessões em festivais. No ano passado, em 2023, depois da pandemia de covid-19, que levou a constrangimentos na actividade normal, foram vendidos 30.258 bilhetes.

Passados dez anos, Pedro Borges continua com a certeza de que Lisboa precisa de um cinema como o Ideal, que tenha como um dos objectivos fazer parte da vida de bairro. "Do ponto de vista de loja de bairro, tem em si qualquer coisa de especial em relação a outro tipo de actividade comercial: é uma âncora para a vida urbana e em comunidade", nota. O produtor justifica-o por, no cinema, as pessoas partilharem uma experiência durante cerca de duas horas e isso lhes dar uma ligação informal e inconsciente. Ao fim de uns anos, vão-se cruzando, tal como acontece noutros espaços.

Neste momento, a questão que surge a Pedro Borges não é se faz sentido continuar, mas sim em que parte da cidade: "Se pudesse, teletransportava este prédio para Alvalade, para a Alameda ou para o Campo Pequeno, onde ainda existe um bocadinho da cidade de Lisboa."

Artista Khaleb Brooks fará o memorial aos escravizados de Londres

Lucinda Canelas

Obra deverá ser inaugurada em 2026. Portuguesa Grada Kilomba está entre os cinco artistas que foram preteridos na fase final

Khaleb Brooks ganhou o concurso para a criação de um memorial às vítimas do tráfico transatlântico de escravizados, que deverá ser inaugurado em Londres dentro de dois anos, noticia o *Art Newspaper*.

The Wake, assim se chama o projecto que será construído no Cais das Índias Ocidentais, na zona das Docas, uma área junto ao rio Tamisa onde ainda existem edifícios que foram usados para armazenar bens, como o açúcar, vindos de plantações das Índias Ocidentais onde trabalhavam homens, mulheres e crianças que tinham perdido a sua liberdade e eram tratados como mercadoria, e que é uma instalação em forma de concha de búzio, feita em bronze e com quase sete metros de altura.

Brooks foi a escolha de um painel de consultores composto, entre outros, por Zoé Whitley, directora da Galeria Chisenhale, e pela artista Glory Samjolly, e deixa para trás outros artistas que estavam na corrida a esta obra, que conta já com um financiamento camarário de 590 mil euros. Desse naipe de artistas preteridos já na fase final do processo, composto por Alberta Whittle, Helen Cammock, Hew Locke e Zak Ové, faz ainda parte a portuguesa Grada Kilomba, que também já concorrera a um memorial com objectivos semelhantes em Lisboa, monumento esse que em 2020 acabou por ser confiado ao angolano Kiluanji Kia Henda e que, passados anos e vários avanços e recuos em torno da sua localização, ainda não saiu do papel.

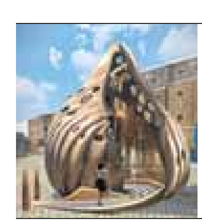
Khaleb Brooks, que nasceu em Chicago e é descendente de escravizados no Mississípi, quer que *The Wake* lembre àqueles que o contemplarem e nele entrarem que a história da escravatura é partilhada por todos, não apenas pelos negros, e que o comércio de seres humanos durante séculos não é uma coisa só do passado, porque tem implicações profundas no mundo em que vivemos hoje.

"Quando falamos do comércio transatlântico de escravos, estamos a falar da história das pessoas e não apenas da história dos negros", disse Brooks na apresentação do projecto vencedor, citado pelo *The Guardian*. "É a história de toda a gente nesta terra, independentemente do nosso envolvimento."

O memorial será construído próximo do local onde, até 2020, esteve uma estátua que homenageava Robert Milligan, um proprietário de escravos do século XVIII, retirada depois dos protestos contra o racismo que levaram dezenas de milhares de pessoas às ruas de Londres, integrando uma onda internacional que condenou a brutalidade policial que redundou na morte de George Floyd, em Mineápolis, nos EUA.

"A intenção subjacente a este trabalho não é apenas recordar histórias e esperanças individuais, mas também contrariar a história de esquecimento incorporada no colonialismo", acrescentou Brooks, aqui em declarações retiradas da página em que a câmara de Londres apresentou o projecto. "No Museu das Docas de Londres há uma lista de navios, capitães, proprietários e destinos que participaram no comércio de escravos, mas não há nomes de indivíduos escravizados. As vítimas são frequentemente excluídas dos arquivos."

Para combater o esquecimento a que foram remetidas, Brooks criou uma instalação em forma de concha de búzio – usada como moeda no tráfico, rapidamente se tornou símbolo da exploração da vida humana – na qual se pode entrar e ficar.



The Wake é uma instalação em forma de concha de búzio, feita em bronze e com quase sete metros de altura

O memorial, que teve o nome do artista por ele responsável divulgado a 23 de Agosto, Dia Internacional da Memória do Tráfico de Escravos e da sua Abolição, tem uma rampa de acesso com versos da escritora Yrsa Daley-Ward, a autora de *Bone*, e no seu interior há listas nas paredes com nomes de pessoas escravizadas e espaços em branco em reconhecimento de todos aqueles que, tendo sido também traficados, foi impossível até hoje identificar.

"*The Wake* representa a perseverança, a prosperidade e a beleza enraizadas na herança e na diáspora africanas", escreveu Brooks na sua conta da rede social Instagram, esperando que esta instalação, que deverá ser inaugurada em 2026, sirva também como lugar de reflexão sobre o peso do racismo na vida social britânica.

Eriksson, a saga de um v

Sven-Göran Eriksson (1948-2024) Antigo treinador do Benfica morreu aos 76 anos, depois de uma carreira que o levou aos quatro cantos do mundo, antes do regresso às origens



Obituário

Augusto Bernardino

Sven-Göran Eriksson perdeu ontem de manhã a luta contra o cancro, despedindo-se da tribo do futebol nos seus próprios termos, ao extrair do último ano de vida o que de mais positivo havia para experienciar. Foi brindado com homenagens em Anfield, no Estádio da Luz, em Gotemburgo e em Génova, a par de tantas outras manifestações de admiração e respeito que ajudam a validar um antigo provérbio das gentes de Värmland, terra do treinador sueco: "Tudo se resolve... e se não se resolver, não importa."

Aos 76 anos, depois de ter encaixado com o *fair-play* que lhe granjeou uma imagem de autêntico *gentleman* num mundo pejado de alçapões, Mr. Eriksson despediu-se com a garantia de que será recordado como um homem honesto, que tentou fazer o seu trabalho, conforme sugeriu na última conferência de imprensa do Mundial de 2006, em que a selecção de Inglaterra caiu nos quartos-de-final, frente a Portugal.

Depois, "Svennis" – como lhe chamava "Lasse", o benjamim da família – regressou a casa e caiu num silêncio semelhante ao que agora se instala junto ao gelado Friken, uma espécie de lago privado que nos últimos meses o ajudou a reflectir sobre uma vida inteira dedicada ao futebol.

A notícia da morte do treinador das palestras de dois minutos é sempre um choque, não obstante o sueco ter revelado ao mundo, em Janeiro, que lhe restava cerca de um ano de vida. Durante uma corrida, Eriksson desmaiou e foi impelido a fazer exames. Além de um AVC, os exames revelaram uma sentença ainda mais cruel. Um cancro do pâncreas. Fatal.

Da padaria para o Benfica

De Eriksson, o jovem treinador sueco em quem o Benfica apostou em 1982 para substituir o húngaro Lajos Baróti, poucos ignorarão um currículo de que constam 19 títulos, três internacionais e 16 em competições domésticas.

Só no Benfica foram três campeonatos, uma Taça de Portugal e uma Supertaça Cândido de Oliveira, sem esquecer as finais da Taça UEFA (com Anderlecht, 1982/83) e da Taça dos Campeões Europeus (com AC Milan, 1989/90).

Tudo depois de um início de carreira improvável na III Divisão sueca, ao serviço do Degerfors IF, de onde saltou para o semiprofissional IFK Gotemburgo para conquistar duas Taças da Suécia, um campeonato e uma impensável Taça UEFA, frente ao poderoso Hamburgo (HSV), precisamente a que lhe abriria as portas da Luz.

Entre Portugal e as Filipinas, onde em 2019 deu por encerrada a aventura da vida de treinador/dirigente, Eriksson levou o seu "revolucionário" 4x4x2 a Itália (Roma, Fiorentina, Sampdoria e Lazio), Inglaterra (selecção, Manchester City, Notts County e Leicester), México, Costa do Marfim, Tailândia, Emirados Árabes Unidos e China.

Na sala de troféus, a par da Taça UEFA e das conquistas no Benfica, cintilam uma Supertaça Europeia (Lazio), uma Taça das Taças (Sampdoria), um *"scudetto"* (Lazio), quatro Taças de Itália (Roma, Sampdoria e duas na Lazio), duas Supertaças de Itália (Lazio) e ainda a League Two (Notts County, como responsável máximo de um projecto falhado).

Eriksson conta, na primeira pessoa, esta viagem no livro *Sven-Göran Eriksson, A Minha História* – em que aborda episódios com jogadores, mulheres e ainda os fracassos financeiros que o deixaram à beira da ruína.

Apesar de ter cursado Economia e trabalhado numa seguradora, Eriksson garante sempre ter tido uma relação desprendida no que dizia respeito ao dinheiro, pelo que (não) viu o consultor financeiro Samir Khan apropriar-se de metade da sua fortuna, tendo acabado por se declarar insolvente no processo ganho pelo treinador sueco, sem conseguir recuperar grande parte dos cerca de dez milhões de euros "desviados".

"Roubou-me metade da fortuna. Aparentemente, tenho uma casa nos Barbados. Dizem-me que ao lado da do Wayne Rooney", conta no livro que acaba com uma reflexão e um sentimento de tristeza: "Para onde foram os anos? Os meus filhos? Amigos? Mulheres? Tempo? Magoa olhar para trás."

Durante mais de três décadas, a obsessão era outra: o futebol! Primeiro como atleta "pequeno e magricela", banal, sem um talento especial para além de um decente pé direito, que lhe valeu um lugar a defesa-lateral numa equipa da II Divisão. Tudo consolidado pela força de vontade, empenho e dedicação. Insuficiente para garantir a subsistência, pelo que se candidatou à Escola Sueca de Desporto e Ciências da Saúde, acumulando mais tarde a carreira de jogador e professor de Educação Física.

Depois, como treinador precocemente lançado, após receber um telefonema do seu antigo técnico, Tord Grip, a convidá-lo para adjunto. E esse é mesmo o capítulo central da vida de Eriksson, com raízes na adolescência, quando, no Verão, enquanto aprendiz de padeiro na Nova Padaria de Torsby, conviveu com o dono e, simultaneamente, treinador das equipas seniores locais de futebol e de hóquei.

Durante o serviço, as conversas derivavam sempre para o futebol, com estratégias desenhadas no chão enfarinhado da padaria. Uma visão romântica que aos 27 anos ganhou contornos reais, quando aceitou o repto de Tord Grip.

Depois, mesmo sem licença de treinador, novo desafio: render Grip, que em 1977 recebera convite para trabalhar como adjunto na selecção principal da Suécia. Grip aconselhou os dirigentes do Degerfors a apostarem em Eriksson... e o resto é história, com a conquista do campeonato e o convite do IFK Gotemburgo.

Bella Italia e arrependimento

Seguir-se-ia o Benfica e o capítulo italiano, iniciado em Roma, no melhor campeonato da altura, após recusar o Barcelona. Eriksson não escondeu o arrependimento, embora tivesse cometido o mesmo erro um ano depois, ao recusar a proposta da Juventus, que levou Agneli a dizer-lhe que o via como um óptimo treinador, mas ignorava que fosse "um homem pouco inteligente", ao ponto de lhe ter dado um inusitado "não".

Ainda na Roma, com o AC Milan de Silvio Berlusconi a reclamar a hegemonia em Itália, o treinador sueco perdeu a oportunidade de assumir os *"rossoneri"*. Tudo porque, na reunião secreta com o magnata da comunicação, depois de discutidos os honorários, Berlusconi percebeu que teria de "roubar" o treinador ao senador Dino Viola, pois Eriksson ainda tinha contrato com a Roma.

As ambições políticas de Berlusconi falaram mais alto e Sven voltou a passar ao lado de um grande projecto. Facto compensado uma década mais tarde – depois de passagens por Fiorentina, de novo Benfica e Sampdoria –, pelos anos de Lazio, onde se tornou no *"Il Mitico"*, depois de ter recusado uma proposta do Bayern Munique.

O reinado de Inglaterra

Uma ligação interrompida pelo sonho de levar a selecção de Inglaterra ao topo do futebol mundial. Na Suécia, ainda adolescente, Eriksson herdou do

verdadeiro *gentleman*

DYLAN MARTINEZ/REUTERS



pai a inexplicável paixão pelo futebol inglês e pelo Liverpool, em particular. Ainda hoje, o pai não perde um jogo dos *"reds"* na TV.

O que ninguém suspeitava era de que Sven viesse a converter-se no primeiro estrangeiro a assumir a selecção dos "três leões" e no primeiro a vencer os primeiros cinco jogos ao leme de Inglaterra, superando a marca de Walter Winterbottom.

Apesar dos resultados (em quase seis anos perdeu apenas três jogos oficiais, tirando as eliminações com Portugal, nos penáltis, no Euro 2004 e no Mundial 2006) e da goleada em Munique (1-5) à Alemanha, besta-negra dos ingleses, acabaria por ser despedido pela primeira vez na carreira em 2006, na sequência de uma armadilha com um falso xeque dos Emirados Árabes Unidos, numa maquinação de um tablóide sensacionalista. Até então (2001), os alemães apenas tinham perdido um jogo em casa, em Estugarda, frente a Portugal, e Inglaterra passara de 17.ª a quarta do ranking mundial.

Nesse período, conheceu Roman Abramovich. A pedido do magnata russo, que pretendia comprar um clube da Rússia, aconselhou o CSKA de Moscovo, mas recusou proposta para assumir o cargo de treinador. A cena repetiu-se depois de o sueco lhe sugerir a compra do Chelsea, em detrimento do Tottenham. Não por vontade de Eriksson, que esteve na iminência de assinar contrato, mas por uma fuga de informação que levou a federação inglesa a intervir e a prolongar-lhe o vínculo até 2008.

Antes, logo após a chegada à selecção inglesa, na sequência do anúncio de "reforma" de Alex Ferguson, assinou mesmo contrato com o Manchester United, "rasgado" após o recuo de Ferguson, com quem manteve uma relação turbulenta enquanto foi seleccionador inglês.

Entre o legado e a fraude

Eriksson abriria novos capítulos: o mais entusiasmante no Manchester City, detido por Tahaksin Shinawatra, um ex-primeiro-ministro da Tailândia, que comprara o clube por 80 milhões de libras. Isto, depois de diversas abordagens da Ásia e Médio Oriente, do Qatar e até do Dínamo de Kiev.

Em Manchester, teve de lidar com políticos sem a mínima noção do fenómeno futebol. Acabou mal. Voltaria, depois, a ser seleccionador, primeiro do México e posteriormente da Costa do Marfim (Mundial 2010).

O aliciante projecto de reabilitação do histórico Notts County, sustentado por um membro da família real do Bahrein, convenceu-o a suspender a carreira de treinador para ser o director-geral. Mas foi traído e vítima de fraude, com episódios rocambolescos à mistura, como uma viagem surrealista à Coreia do Norte. Nesse período, recusara um convite para ser o seleccionador da Suécia... Estava focado numa obra, num legado que não passava de um logro.

Teve tempo ainda para encerrar o reinado inglês no Leicester, também detido por um magnata tailandês. Depois, uma breve experiência em Banguecoque e nova missão no Dubai, para organizar o Al-Nasr, antes de voltar a assumir uma equipa, na China, onde foi desafiado a descobrir um clube para um investidor tailandês.

De Mandela a Alfred Nobel

Durante esse processo, acabou por treinar o Guangzhou, o Shanghai SIPG e o Shenzhen FC, antes de concluir mais de 40 anos de carreira, nas Filipinas. Anos em que conheceu algumas das figuras mais relevantes dos tempos contemporâneos, como o Papa João Paulo II, Nelson Mandela ou a rainha de Inglaterra, antes de regressar às origens.

Foi a casa que voltou para viver os últimos dias na propriedade comprada em 2001, onde nasceu e viveu Selma Lagerlöf, a primeira mulher a ganhar o Nobel da Literatura, em 1909, com a *Saga de Gösta Berling*, a história de um padre exonerado, um jovem brilhante, galante e sedutor, líder nato que conquista os corações de todas as mulheres... "Retrato" que podemos facilmente confundir com a história de Sven-Göran Eriksson.

Reacções

"Muito para além dos títulos, a marca de Eriksson no futebol foi a de um revolucionário, de um treinador à frente no seu tempo"
Comunicado do Benfica

"Um treinador profundamente marcante para o futebol português"
Fernando Gomes
Presidente da FPF

"Deixa um legado inesquecível, gravado na memória de todos os que tiveram o privilégio de trabalhar consigo"
Comunicado da LPFP

"Estamos tão gratos pelas suas proezas, por aquilo que fez no IFK e no futebol sueco"
Comunicado do IFK

"Será justamente reconhecido e para sempre lembrado pelo seu trabalho significativo com a selecção inglesa"
Mark Bullingham
Director executivo da FA

"A primeira palavra que nos vem à cabeça quando pensamos nele é dignidade. O tempo pode passar, mas quem põe o coração ao serviço da Sampdoria nunca morre"
Comunicado da Sampdoria

Cristiano Ronaldo: "Quando deixar a selecção, não avisarei ninguém"

Nuno Sousa

Capitão da selecção portuguesa considera que foi razoável a prestação no Euro 2024 e pretende jogar a Liga das Nações

Cristiano Ronaldo não planeia deixar a selecção a curto prazo e, quando decidir fazê-lo, não avisará antecipadamente. Numa entrevista concedida ao canal Now, que pertence a um grupo de *media* que tem o jogador como accionista, o avançado português deixou claro que ainda se sente capaz de ajudar Portugal, que dentro de uma semana iniciará a participação na Liga das Nações, e que o mais provável é vir a terminar a carreira na Arábia Saudita.

A prestação da selecção no Euro 2024 terminou em desilusão, com exibições pouco convincentes e o afastamento nos quartos-de-final, frente à França, no desempate por penáltis. O jogador admite que os resultados ficaram aquém, mas relativiza: "O balanço não é o que as pessoas esperavam, que seria Portugal ter ganho, mas é *average*. Tirámos uma lição importante do Euro e vejo um futuro risonho para esta nova geração. Temos de acreditar sempre que Portugal poderá fazer melhor nos próximos torneios."

E para que a selecção possa entrar com o pé direito na Liga das Nações, já na próxima semana, diante da Croácia, Ronaldo conta dar o seu contributo. "Tenho mais de 20 anos de selecção e um orgulho imenso em representar as nossas cores. Quando decidir deixar a selecção, não avisarei ninguém antes, será uma decisão muito espontânea, mas muito pensada também, mas o que eu quero é poder ajudar a selecção nos próximos compromissos."

Depois de ter reconhecido que "Espanha foi, sem dúvida, a melhor equipa do Europeu", o mais internacional dos jogadores portugueses olha para o abandono do futebol ainda com algum distanciamento. "O fim de carreira não sei se será daqui a dois ou três anos, mas provavelmente será no Al-Nassr, equipa onde estou bem, estou feliz, sinto-me bem no país, na Liga. Estou feliz aqui e quero continuar."

E depois disso? Bem, depois Cristiano Ronaldo tem pelo menos uma convicção. "Ser treinador não passa pela minha mente. Não vejo o meu futuro a passar por aí, vejo-me a fazer outras coisas fora do futebol."



JOSE COELHO/LUSA

Ronaldo: "Tenho orgulho imenso em representar as nossas cores"

Maxi Araújo vai assinar por cinco anos pelo Sporting

Nuno Sousa

Internacional uruguaio é mais uma solução para o corredor esquerdo e deverá custar aos "leões" 14 milhões de euros

Maxi Araújo deverá hoje ser oficializado como reforço do Sporting para 2024-25. O extremo uruguaio já está em Lisboa, onde ontem realizou os exames médicos, e prepara-se para se juntar ao plantel orientado por Ruben Amorim. Depois do guarda-redes Kovacevic e do central Debast, será a terceira contratação dos "leões" para a nova temporada.

Internacional pela selecção do Uruguai em 14 ocasiões, com três golos marcados, Maximiliano Araújo é um jogador que pode fazer todo o corredor esquerdo e que servirá, à partida, de concorrente directo para a posição que tem sido ocupada por Nuno Santos. Canhoto, é forte nos movimentos verticais e sai com facilidade da marcação para criar situações de cruzamento.



O esquerdino Maxi Araújo jogou nas últimas temporadas na Liga mexicana e vai estrear-se no futebol europeu

Durante a formação, destacou-se no Wanderers, de Montevideo, antes de se transferir para o México, concretamente para o Puebla. Em três épocas e meia, chamou a atenção do Toluca, que o contratou por 5,6 milhões de euros, e rapidamente agarrou o lugar: fez 63 jogos na última temporada e meia (com 11 golos e nove assistências), convencendo o Sporting a avançar.

Os "leões" preparam-se para desembolsar cerca de 14 milhões de euros pelo passe deste esquerdino de 24 anos, que irá assinar um contrato válido por cinco temporadas, tornando-se, assim, no oitavo jogador de origem uruguaia a representar o Sporting.

"Venho para ser campeão. Para tentar dar o melhor, para ajudar", afirmou Maxi Araújo à chegada ao aeroporto Humberto Delgado, admitindo que está a cumprir um sonho, que falou com Paulinho (agora no Toluca) sobre o clube e que está feliz com este salto na carreira, na primeira aventura na Europa.

Penálti mal assinalado no Algarve

Análise



Pedro Henriques

A 4.ª jornada da Liga 2024-25 ficou globalmente marcada por boas decisões das equipas de arbitragem nos jogos que envolveram os candidatos ao título. A excepção foi o lance que esteve na origem do segundo golo do Sporting diante do Farense, no Estádio do Algarve.

Farense-Sporting

Minuto 37: árbitro assinala penálti e mantém a decisão mesmo após o VAR o ter chamado ao monitor para reverter a decisão. Tiago Martins entendeu que a abordagem de Lucas Áfrico foi arriscada ao ter o seu braço mais aberto, contudo, a bola vem de um ressalto acima da coxa de Pedro Gonçalves e só depois vai ao braço esquerdo do jogador do Farense, que o tinha em posição natural e normal para o gesto técnico que estava a realizar e que era o de estar a marcar por trás o adversário. Uma bola de ressalto, de perto, inesperada e que, no meu entender, não era passível de castigo máximo. Decisão incorrecta.

Minuto 63: Lucas Áfrico iniciou o contacto sobre Gyökeres, braço direito sobre ombro esquerdo, fora da área, e manteve-o, embora com menos intensidade, ao entrar na área. Lance de risco, contudo sem intensidade e consequência, ou seja, pareceu manifestamente insuficiente esta acção para ser assinalado o castigo máximo.

Minuto 65: no terceiro golo dos "leões", no início da jogada, não houve qualquer infracção de Morita sobre Talys. O golo foi legal.

Minuto 90: Cláudio Falcão, que já tinha um cartão amarelo, deveria ter visto o segundo e, com efeito, ter sido expulso, por uma entrada negligente sobre Nuno Santos. Na ocasião, chegou tarde à bola e pontapeou de forma dura o joelho do jogador leonino.

FC Porto-Rio Ave

Minuto 17: faltou um cartão amarelo para Patrick William, que acertou com a mão direita na cara de Namaso, num gesto deliberado e antidesportivo.

Minuto 22: bem mostrado o amarelo a Patrick William, que à entrada da sua área, com o braço esquerdo, puxa o braço esquerdo de Iván Jaime, cortando desta forma um ataque prometedor.

Minuto 43: Patrick William, na disputa de bola, acaba por não parar o movimento e, de sola e com os pitons do pé direito, pisa o pé esquerdo de Nico González. Um pisão muito duro e negligente, em que não teve em conta o perigo e as consequências do seu acto na forma como abordou o lance.

Minuto 45+2: bem anulado o golo a Namaso, que fez falta atacante antes de recuperar e rematar a bola. Na ocasião, com o braço esquerdo puxou o braço esquerdo de Aderlan Santos, acção que, junto com um toque por trás nas pernas, o fez cair.

Benfica-Estrela da Amadora

Minuto 19: no golo de Kokçu, Pavlidis, que fez a assistência, não estava em fora de jogo por 11 cm. Bem o assistente ao deixar seguir e ao validar a jogada.

Minuto 39: Carreras, que dois minutos antes tinha sido advertido por comportamento antidesportivo, arriscou a ver um segundo amarelo caso o árbitro tivesse assinalado uma falta que cometeu sobre Danilo, quando – numa tentativa de apenas parar e destruir a transição ofensiva do jogador estrelista – cometeu a chamada falta táctica, também designada como falta útil.

Minuto 45+2: bem anulado o golo a Pavlidis, por pontapear a bola que já estava na posse do guarda-redes, que a tinha agarrada entre as mãos. A lei 12, página 108, é muito clara quando penaliza com livre indirecto quem tocar a bola quando está na posse do guarda-redes – quando este a detém nas mãos, quando se encontra prensada entre a mão e qualquer superfície, quando está na palma da mão ou quando a faz ressaltar no solo ou a atire ao ar. Em todas estas circunstâncias nenhum adversário pode disputar a bola.

Ex-árbitro

Dominic Thiem despede-se definitivamente do US Open

Pedro Keul

Austríaco foi afastado na primeira ronda por Ben Shelton. Coco Gauff iniciou defesa do título feminino sem problemas

Quatro anos depois de conquistar o seu único título do Grand Slam sem público nas bancadas devido às restrições causadas pela pandemia de covid-19, Dominic Thiem regressou ao Arthur Ashe Stadium para a despedida. A derrota na primeira ronda do US Open colocou ponto final à participação do tenista austríaco em torneios do Grand Slam, mas foi com um sorriso que disse adeus ao público norte-americano.

"Foi há já dez anos que joguei aqui pela primeira vez. Este é um momento mesmo importante para mim. Tive o meu maior sucesso neste *court*, em 2020, em condições estranhas e diferentes. Foi um momento fantástico, mas também muito triste. Estou supercontente por ter jogado o meu último encontro no US Open neste *court*. Agora posso passar mais tempo com vocês e compensar o que perdemos há quatro anos", afirmou Thiem no *court*, antes de receber como recordação um quadro com várias fotos da sua passagem pelo Open.

ROBERT DEUTSCH-USA TODAY SPORTS



Dominic Thiem perdeu na primeira ronda por 6-4, 6-2, 6-2

"Foi há dez anos que joguei aqui pela primeira vez. Estou contente por ter jogado o último encontro no US Open neste *court*"

O austríaco de 30 anos tinha anunciado em Maio que iria retirar-se do circuito profissional no final do ano, depois de três anos marcados por uma persistente lesão no pulso direito, sofrida em 2021, que nunca o deixou voltar ao topo da forma. Até se retirar, provavelmente no torneio de Viena, Thiem espera atingir as 350 vitórias em mais de 560 encontros – faltam apenas duas.

Na final do US Open de 2020, o austríaco venceu o alemão Alexander Zverev, por 2-6, 4-6, 6-4, 6-3 e 7-6 (8/6), tornando-se o primeiro campeão do US Open a ceder os dois *sets* iniciais desde 1949. Foi o mais importante e último dos 17 títulos de Thiem que, até então, era considerado o segundo melhor tenista do mundo em terra batida, depois de ter disputado a final de Roland Garros em 2018 e 2019, derrotado em ambas por Rafael Nadal. Em 2020, tinha sido finalista no Open da Austrália.

Thiem é um dos últimos campeões a bater a esquerda a uma mão – pancada ameaçada de extinção, mas que tem ainda futuro assegurado por mais alguns anos, através de Stefanos Tsitsipas e Lorenzo Musetti. Mas no confronto de gerações com Ben Shelton, não teve argumentos para evitar a derrota, por 6-4, 6-2 e 6-2.

Em contraponto com Thiem, Shelton está a iniciar uma carreira que se adivinha brilhante desde que despontou na equipa da Universidade da Florida. No ano passado, o tenista de 21 anos avançou até às meias-finais do US Open e regressa este ano no seu melhor ranking de sempre, 13.º – em Abril chegou a ser o melhor tenista dos EUA na tabela ATP.

A maturidade de Shelton confirmou-se na altura dos festejos: em vez do habitual "desligar do telefone", com que costuma celebrar, dirigiu os aplausos ao adversário, apontando para Thiem. "Parabéns pela carreira no Grand Slam, quatro finais e um título, algo com que todas as crianças sonham, como eu há alguns anos. Não podia ter acontecido a melhor pessoa", disse o mais jovem americano a somar seis vitórias nos primeiros oito encontros realizados no US Open desde Andy Roddick, em 2002.

O êxito de Shelton foi pouco depois secundado por dois compatriotas. Taylor Fritz (12.º) eliminou Camilo Ugo Carabelli (93.º), por 7-5, 6-1, 6-2, e Coco Gauff tornou-se na mais jovem jogadora a vencer oito encontros consecutivos no US Open desde Maria Sharapova entre 2006 e 2007 e a somar 15 vitórias desde Caroline Wozniacki em 2010. A campeã de 2023 precisou somente de 66 minutos para ultrapassar a francesa Varvara Gracheva (66.ª): 6-2, 6-0.

Em frente seguiram igualmente Alexander Zverev (4.º) - que cedeu um *set* ao também alemão Maximilian Marterer (100.º): 6-2, 6-7 (5/7), 6-3 e 6-2 -, Casper Ruud (8.º) e a recente campeã olímpica Qinwen Zheng (7.ª). A tenista chinesa deixou os pais levarem para casa a medalha de ouro para se focar no torneio, que iniciou vencendo Amanda Anisimova (50.ª), por 4-6, 6-4 e 6-2.

Portugal "preparado para competir" nos Jogos Paralímpicos

É já amanhã que é dado em Paris o tiro de partida para os Jogos Paralímpicos 2024. E os atletas portugueses estarão em França para "competir e não apenas para participar", garante o presidente da Comissão de Atletas Paralímpicos, destacando a importância da equiparação das condições de preparação à dos olímpicos no actual ciclo.

"A missão está motivada, vamos para competir, ninguém vai lá só para participar", garantiu o nadador Daniel Videira, que lidera a comissão de atletas desde 2023, lembrando que em Paris2024 os 27 portugueses da comitiva "vão estar a competir com os melhores dos melhores".

Daniel Videira disse estar certo de que "os atletas estão preparados" e considerou que os Jogos Paris2024 vão ser especiais, mesmo para os atletas que estiveram há três anos no Japão. "Os Jogos Tóquio2020 [disputados em 2021] foram muito condicionados pela pandemia de covid-19, portanto, na verdade, estes vão ser os verdadeiros primeiros Jogos."

O presidente da comissão de atletas, que somará em Paris a sua segunda participação paralímpica, considera que a equiparação das condições de preparação à dos olímpicos no ciclo Paris2024 foi uma mais-valia e permitiu um maior foco na preparação para a competição.

"A preparação ter sido ao mesmo nível dos atletas olímpicos no que diz respeito a bolsas e prémios ajudou muito a que os atletas possam perceber que isto pode ser uma forma de vida e se possam focar no seu desporto", afirmou Daniel Videira.

O nadador do GesLoures considerou que a equidade entre atletas olímpicos e paralímpicos, que tem vindo a ser feita de forma gradual e que neste ciclo foi completada, permite que os atletas possam também planear o seu futuro.



Filipe Marques representará Portugal na prova de triatlo

"Sabemos que o desporto não pode ser sempre a este nível ao longo da vida. Mais tarde ou mais cedo, acaba, mas enquanto somos atletas, podemos pensar no nosso futuro e trabalhar para atingir os nossos objectivos", acrescentou.

"Aumentar a base"

Daniel Videira junta-se ao apelo, já feito por vários responsáveis do Comité Paralímpico de Portugal (CPP), da necessidade de renovação no desporto paralímpico. "Agora, com as condições equiparadas, o grande desafio é o trabalho de base, que permita o aparecimento de novos atletas. Apareceram alguns novos, mas não sabemos se são casos esporádicos ou fruto de um trabalho de base", afirma.

A quatro anos dos Jogos Paralímpicos de Los Angeles, em 2028, Daniel Videira deixa o alerta de que "só aumentando a base podem vir os resultados", ciente de que as "medalhas e os diplomas" pelos quais "todos vão querer lutar em Paris2024" são uma "montra" para que mais pessoas com deficiência cheguem ao alto rendimento.

O contrato-programa de preparação para os Jogos Paralímpicos Paris2024 tem um valor global de 9,2 milhões de euros e as bolsas pagas aos atletas paralímpicos, bem como os prémios pela conquista de medalhas, são iguais às dos atletas olímpicos, valendo uma medalha de ouro um prémio de 50.000 euros, uma de prata 30.000 e uma de bronze 20.000. **Lusa**

Diário de Um Cientista



As fêmeas de milheirinha preferem amarelo. Agora sabemos porquê

A extraordinária e variada coloração das aves é produto da selecção sexual. A história da milheirinha, o parente mais próximo do canário, comprova-o. As fêmeas preferem mesmo os machos mais amarelos

Página 23

Paulo Gama Mota Texto
André Carrilho Ilustração

A milheirinha (*Serinus serinus*) é uma pequena ave europeia, muito comum em Portugal, e o parente mais próximo do canário, que se pode encontrar em jardins e parques, hortas e campos agrícolas. É fácil de observar, especialmente na Primavera, quando os machos cantam intensamente, chegando a acompanhar o canto com rápidos voos acrobáticos, numa autêntica coreografia cantada. São aves que se distinguem pela coloração amarela que se pode observar sobre a cauda em machos e fêmeas e que se apresenta com intensidade na cabeça e no peito dos machos, e os torna muito visíveis, apesar do seu tamanho reduzido.

O amarelo intenso das suas penas deve-se à deposição de um pigmento, um carotenóide, durante a sua formação. A natureza é muito colorida. As cores resultam ou da presença de pigmentos que absorvem partes do espectro electromagnético a que chamamos “luz visível”, ou da forma como as estruturas reflectem a luz, ou de uma combinação das duas. Nos animais, as cores amarelas, laranja e vermelhas resultam da presença de carotenóides nos tecidos ou em estruturas como as penas das aves.

A minha decisão de investigar esta ave foi um daqueles momentos definidores que têm uma parte de escolha intencional e uma parte de acaso. No Outono de 1990, procurava, com um dos meus orientadores de doutoramento, Tim Birkhead, da Universidade de Sheffield (Inglaterra), uma espécie cujo comportamento pudesse estudar e fosse interessante para os objectivos que tínhamos. Idealmente uma ave, porque são fáceis de observar e de marcar com anilhas coloridas, que nos permitem saber quem é quem à distância de uns binóculos. Precisávamos que fosse comum,



A origem das ideias, o caminho percorrido até elas ganharem forma, as notas de campo e os objectos de estudo: 26 cientistas contam as suas histórias — sobre lobos e cavalos-marinhos, víboras e morcegos, gatos-bravos, sobreiros e muito mais. Um projecto inédito da associação científica Biopolis e do Azul, que junta cientistas e jornalistas para falar de ciência de uma forma diferente. **Façam todos os dias um *quiz*, para saber mais sobre o mundo vivo que nos rodeia, e ouça o *podcast* em publico.pt/interactivos/diario-de-um-cientista**

porque é sempre importante ter um bom tamanho de amostra, que fosse fácil de capturar e de acompanhar a sua actividade reprodutiva, posturas e desenvolvimento das crias e que fosse possível obter ADN para análises de paternidade.

A minha passagem por Sheffield deu-se num período complicado. A guerra no Iraque levou a um grande aumento de tensão, com prisões e encerramentos da actividade de iraquianos que viviam nas ilhas britânicas. Foi o que sucedeu ao dono da pizaria onde eu comprava pizas, nos meus regressos nocturnos do departamento, apenas porque era iraquiano, ao que soube.

Foi também a altura em que a doença das vacas loucas apareceu nos tablóides e gerou um grande pânico social, já que mostrava sinais de passagem para os humanos, por consumo de carne de bovino contaminada, de uma encefalopatia espongiforme intratável que deixava o cérebro cheio de buracos e acabava com toda a possibilidade de raciocínio. Matou centenas de pessoas e levou ao abate de centenas de milhares de animais. Assustador, especialmente porque, como qualquer bolseiro sem recursos, eu recorria regularmente a refeições de hambúrgueres. Deixei de comer hambúrgueres sem saber se ainda ia a tempo...

Ave com pouco mais de dez gramas

A escolha recaiu sobre a milheirinha porque nos pareceu preencher os requisitos que definimos. Mas poderíamos ter escolhido outra espécie. Não imaginava então como esta escolha iria definir a maior parte da minha vida científica, que foi passada, em grande medida, a explorar o comportamento destas aves. Estou hoje em crer que provavelmente a jornada teria sido menos interessante e mais curta se a escolha tivesse sido outra.

O estudo do comportamento animal tem um pouco de voyeurismo científico. Foram milhares de horas no campo a seguir estas aves, numa área de estudo que escolhi próximo do paul de Arzila, a poucos quilómetros de Coimbra, a observar o seu comportamento, a anilhar, medir, recolher amostras, de adultos e crias, para no final termos um quadro detalhado do seu comportamento.

Surpreendeu-me a intensa luta que estas pequenas aves, com pouco mais de dez gramas, travam contra as adversidades do ambiente, enfrentando a fortíssima predação que atinge mais de 70% dos ninhos e que deita tudo a perder, para recomeçarem uma e outra vez até atingirem o objectivo último de passar os seus genes para as gerações seguintes.

Durante esses três anos de trabalho de campo intenso, entre 1991 e 1993, houve dois aspectos do seu comportamento que despertaram o meu interesse, por serem muito espectaculares e visíveis e por haver uma teoria geral sólida para os investigar e explicar. Estávamos numa altura em que fervilhavam hipóteses alternativas que pediam para ser testadas no mundo real. O canto foi o primeiro desses comportamentos que decidi estudar imediatamente a seguir.

A milheirinha tem um canto extremamente complexo, constituído por uma sucessão rapidíssima de sons, por vezes ascendentes e descendentes em simultâneo, como um pianista pode fazer, mas não um flautista, num virtuosismo vocal extraordinário, sendo uma das aves que produzem mais sons por unidade de tempo.

O segundo aspecto que me interessou foi a coloração. Os machos apresentam um amarelo intenso bem perceptível na cabeça, no pescoço e ao longo do peito, as partes do corpo que uma ave exibe quando está face a face com outra. Tinha todas as características de um sinal. Um sinal sexual, porque só os machos são assim tão coloridos.

Dar razão a Darwin 100 anos depois

A ideia de que este tipo de sinais mais ou menos exuberantes e presentes em um só sexo, especialmente comuns em aves e em alguns peixes, como a presença de cores vibrantes, ou de caudas longas, como no pavão, estariam envolvidos em competições por acasalamento foi originalmente avançada por Darwin, em 1871. Surpreendia-o que características que comprometiam a sobrevivência dos animais pudessem ter sido seleccionadas; parecia um contra-senso para a teoria de selecção natural.

A explicação que Darwin propôs era a de que o custo de ter tais sinais seria mais do que compensado pelo maior sucesso na reprodução, ao serem preferidos pelas fêmeas da sua espécie, que os considerariam mais atractivos. Esta ideia revelou-se demasiado "fora da caixa" e nunca foi levada a sério pelos académicos seus contemporâneos, que achavam absurdo imaginar que as fêmeas dos animais pudessem escolher os machos.

Tivemos de esperar 100 anos para dar razão a Darwin, quando novos estudos começaram a provar que as fêmeas escolhiam realmente os machos, especialmente os que tinham características mais exóticas.

Aplicando a teoria de selecção sexual às milheirinhas, a minha hipótese era a de que as fêmeas preferiam os machos com amarelo mais intenso. Avancei para testar a hipótese.

Primeiro, era necessário ter uma medida quantitativa da sua cor, que é devida a um tipo de carotenóides presente no grupo dos canários, chamados "xantofilas de canário". A cor não é uma propriedade dos objectos, pois depende da luz incidente. Uma maçã vermelha ao meio-dia não tem a mesma cor ao fim da tarde.

Além disso, as aves não vêem exactamente como nós. Conseguem ver mais cores, por terem quatro cones na sua retina, o que lhes permite ver nos ultravioleta. A retina dos nossos olhos tem apenas três tipos de cones que designamos por azul, verde e vermelho, porque captam a luz em três regiões do espectro electromagnético, mas não dá para ver no ultravioleta.

Então, para medir a cor das milheirinhas e determinar se esta era objecto de selecção, capturámos adultos dos dois sexos que trouxemos para o Laboratório de Etologia do Cibio, na Universidade de Coimbra, para realizar experiências controladas.

Medimos a coloração dos machos com um espectrofotómetro de reflexão e separámo-los em mais e menos coloridos. De seguida, apresentámos um macho de cada grupo a diferentes fêmeas para avaliar se elas escolhiam alguns, em detrimento de outros. Cada fêmea tinha dois machos à sua frente para escolher. E a escolha foi clara: os machos mais amarelos eram os preferidos. Ficava explicado por que eram os machos mais coloridos que as fêmeas nestas aves: as fêmeas preferiam mais amarelo.

A hipótese do macho saudável

Nesse momento, como é frequente em ciência, a resposta que tivemos deu origem a novas perguntas. As fêmeas preferem o amarelo; mas porquê? Qual a vantagem de as milheirinhas preferirem machos mais amarelos? Seria por eles serem mais saudáveis ou terem uma melhor qualidade genética, que, de alguma forma, se expressa na intensidade da cor do sinal, ou talvez seja só porque são mais vistosos e isso é atraente para as fêmeas?

Estas perguntas enunciam algumas das novas possíveis respostas que faziam sentido do ponto de vista da teoria evolutiva. Uma vez que se sabe que os carotenóides contribuem para reforçar o sistema imunitário na nossa e em outras espécies, preferimos testar a hipótese do macho saudável. Segundo esta, a coloração seria um sinal indicador da condição imunitária dos machos, e os mais saudáveis seriam preferidos pelas fêmeas.

Para realizar uma experiência que respondesse a estas perguntas, que foi parte central do doutoramento pela Universidade de Coimbra da minha aluna Sandra Trigo, tínhamos de ir mais longe. Precisávamos de manipular a coloração que os machos conseguiam produzir. Tal como todos os vertebrados, as milheirinhas não conseguem produzir carotenóides. Têm de os obter nas sementes que comem e depois podem ou não transformá-los e usá-los na coloração. Era, portanto, uma questão de manipular a sua dieta.

Fomos, de novo, para o campo capturar machos e fêmeas de milheirinha. Trouxemo-los para o laboratório e medimos a coloração dos machos e a sua condição imunitária. Sujeitámo-los depois a dois regimes de alimentação, seguindo um procedimento experimental comum: se queremos saber se algo é a causa de um fenómeno, procuramos manter tudo igual menos esse factor e ver se há diferenças causadas pela diferença de tratamento. Metade dos machos foi colocada num regime sem carotenóides e a outra metade recebeu doses suplementares de carotenóides. Depois esperámos que realizassem a muda das penas e voltámos a medir a sua coloração e sua condição imunitária.

No início da experiência, os dois grupos de machos não diferiam na cor nem na condição imunitária. Mas, no final da experiência, os machos com suplemento de carotenóides eram mais coloridos e tinham uma condição imunitária muito superior. Os machos com acesso aos carotenóides tinham conseguido produzir cores mais intensas e também estavam mais saudáveis do que os outros. Para uma prova definitiva, submetemo-los à escolha das fêmeas. E estas, como antes, preferiram os mais amarelos. Desta vez, tínhamos uma explicação para a escolha que as fêmeas fazem na natureza: escolhem os machos mais coloridos porque é um sinal de eles serem mais saudáveis.

A história completou-se. Ou talvez não, porque, entretanto, outras perguntas surgiram. Por exemplo, como é que a coloração pode ser um sinal indicador fiável da condição imunitária do animal? Será porque os carotenóides são escassos na natureza e há a necessidade de dosear o seu uso em diferentes funções? Poderá a transformação metabólica dos carotenóides ser um indicador da condição e capacidade de funcionamento celular do animal? A busca de respostas continua.

Paulo Gama Mota

Líder de grupo de investigação

Biólogo, professor associado da Universidade de Coimbra de evolução e comportamento animal e humano e



investigador do Biopolis-Cibio. Os meus interesses científicos são em evolução do comportamento. Dirigi vários museus, incluindo o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, considerado o melhor museu de ciência da Europa em 2008. Amante de livros, gosto de fazer caminhadas, nadar no mar e andar de bicicleta. As férias para descomprimir têm de incluir boa literatura e mar.

Grupo de Investigação no Biopolis-Cibio
Ecologia Comportamental (BE)

Mistérios por arquivar



Chamaram-lhe "monstro", mas afinal seria outro

A morte de um menino de três anos escandalizou a sociedade de Lima nos anos 1950. Um homem foi considerado culpado e executado, mas as dúvidas persistem: terá sido mesmo ele?

João Pedro Pincha Texto
José Alves Ilustração

Chamava-se Jorge Villanueva Torres, mas o seu verdadeiro nome ainda hoje dirá pouco à maioria dos peruanos, mais habituados a ouvirem falar dele como o "monstro de Armendáriz", cognome infame com que passou à história. Quase 70 anos depois de ser fuzilado por um crime que sempre disse não ter cometido, há muito quem pense que talvez estivesse a dizer a verdade e que o monstro, afinal, era outro.

Na noite de 7 de Setembro de 1954, um rapaz de três anos chamado Julio Hidalgo Zavala desapareceu da vista dos pais. O seu corpo já sem vida seria encontrado alguns dias depois por estudantes em Armendáriz, um enorme vale que divide dois bairros de Lima: Miraflores e Barranco. O cadáver do menino apresentava sinais de morte violenta. A teoria da polícia, baseada na autópsia, foi a de que Julio tinha sido raptado, golpeado na cabeça, vítima de abuso sexual e estrangulado, vindo a morrer por asfixia.

O caso escandalizou a sociedade limenha e a imprensa dedicou-lhe uma extensa cobertura, relatando que os pais não queriam deixar os filhos sair à rua desacompanhados, que a polícia vasculhou tudo quanto era tabernas e pardieiros em busca de um culpado e que a cidade assistiu por diversas vezes a manifestações em que se exigia justiça para o menino.

Eram os anos finais da ditadura militar de Manuel Odría (1948 a 1956), que Mario Vargas Llosa retratou no monumental *Conversa n'A Catedral*. A esta distância, juristas, jornalistas e dramaturgos que posteriormente se debruçaram sobre o caso dizem que a forma como os acontecimentos se desenrolaram não se pode dissociar do classismo, do racismo e da corrupção que então dominavam as altas esferas do Peru, apostadas em encontrar rapidamente um responsável e em desviar atenções da decadência política e económica em que o país vivia.

A dada altura, um vendedor ambulante de torrões disse à polícia que "um indivíduo negro e alto" lhe tinha comprado doces "para o menino". Ulderico Salazar garantiu que conseguia reconhecer o tal homem e, perante as fotografias que a polícia lhe pôs à frente, identificou imediatamente Jorge Villanueva Torres.

Então com 35 anos e a alcunha de "Negro Torpedo", Villanueva não era desconhecido das autoridades, uma vez que realizava pequenos furtos em Miraflores e Barranco. O testemunho de Salazar e o facto de o pequeno Julio ter sido encontrado perto da barraca em que Villanueva vivia, em Armendáriz, fizeram com que fosse acusado formalmente.

Foi então que a imprensa lhe deu o apodo pelo qual ainda hoje é conhecido. O "monstro de Armendáriz" negou sempre ter cometido aquele crime e exaltou-se em tribunal mais do que uma vez, clamando inocência. Uma fotografia do jornal *El Comercio* mostra-o na sala de audiências, de gravata e casaco com losangos, a testa franzida e o olhar dirigindo-se ao alto, demonstrando incredulidade. Na última sessão do julgamento, em que foi considerado culpado de rapto e homicídio (a violação não ficou provada), proferiu uma frase que lhe ficou colada: "Eu cometi muitos delitos, fui um homem mau, mas este crime não me pertence."

Jorge Villanueva Torres viria a ser executado por fuzilamento a 12 de Dezembro de 1957 na Penitenciária de Lima. Oito guardas republicanos dispararam sobre ele, enquanto no exterior se reunia numerosa multidão e havia venda de comes e bebes e de fotografias do suposto criminoso. Gritou uma última vez que era inocente, o que mereceu este título do jornal *La Crónica*: "Até no fuzilamento o monstro se mostrou cínico." Na edição vespertina de *El Comercio* podia ler-se, a página inteira: "Fuzilaram o monstro. Pagou com a sua vida o crime abominável que cometeu na Quebrada de Armendáriz."

Já depois da execução de Villanueva, começaram a surgir relatos de supostas contradições no testemunho de Ulderico Salazar, que ainda terá declarado publicamente um desejo que acicatou muita especulação: "Espero que a sociedade me dê um trabalho estável para manter os meus três filhos."

Passados 50 anos do crime, em 2004, o director da morgue de Lima à data dos factos revelou que as perícias médico-legais então feitas continham erros e que, por isso, a teoria policial estava errada desde o princípio. A sua versão era a de que o menino fora atropelado por um automobilista e caíra pela ribanceira abaixo – e que isso, sim, lhe tinha provocado a morte.

A pena de morte só viria a ser abolida no Peru em 1979. Este caso manteve-se vivo na memória colectiva do país, de tal forma que em 2017, quando em Lima estreou uma peça de teatro nele baseada, um responsável do poder judicial declarou que se poderia fazer uma revisão processual e talvez absolver Jorge Villanueva Torres postumamente. Até ao momento, isso não aconteceu.

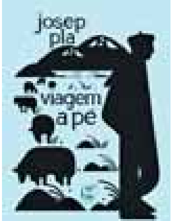
Leituras

publico.pt/leituras



Sugestões

Daqui para ali por atalhos e veredas



Viagem a Pé
Autoria: Josep Pla (Trad.: Helena Pitta; Editora: Tinta-da-China; 198 págs.; 19,90€. Já nas livrarias)

O escritor, jornalista e viajante Josep Pla (1897-1981) é considerado, por muitos, o mais importante autor da literatura catalã; e também um dos mais profícuos — a totalidade da sua obra ronda a meia centena de volumes.

Em *Viagem a Pé*, publicado em 1949 — sete anos depois da publicação de *Viagem de Autocarro* —, o escritor catalão aconselha os mais jovens, aqueles que estão “no umbral da porta da vida”, a fazerem viagens a pé, que passem de uma povoação rural para outra, mas não por caminhos principais e estradas, antes pelos “caminhos municipais e por atalhos e veredas”; e que parem nas casas agrícolas, onde se guardam o gado e as alfaias, e daí olharem as paisagens que os camponeses “constroem todos os anos”, depois passear e falar com as pessoas. Mas sempre por pequenas povoações, pois estas “vivem num estado de abandono indescritível, inexplicável e angustiante”.



Sublinhe-se que Josep Pla escreveu este livro em finais da década de 1940, quando a Espanha ainda não se tinha refeito da tragédia da Guerra Civil (provavelmente, nunca se refez). Mas não são esses danos o que interessa a Pla. São antes as pequenas coisas, os pormenores, do mundo rural que já tinha começado a transformar-se, e que parecia cheio de sinais que mostravam que estava condenado a desaparecer. “É a viagem ao encontro de um mundo votado ao abandono que o empurra para o pó dos caminhos”, escreve no prefácio Carlos Vaz Marques, coordenador desta colecção de livros de viagem.

Ao lermos agora este *Viagem a Pé*, sete décadas depois de ter sido escrito, não deixa de ser curioso notar como, afinal, esse mundo rural ainda foi sobrevivendo, subsistindo. Estranhamente — e ressalvando os efeitos do progresso industrial e as alterações na estrutura social —, muito pouco mudou, pelo menos em Portugal; o abandono, esse, acentuou-se bastante. Este livro poderia ter sido escrito há 20 anos ou talvez menos, fosse o caminhante português.

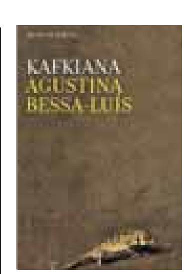
A escrita de Josep Pla é límpida. Nos intervalos entre os vários diálogos, não despojados de ironia, que reproduz (em que por vezes se intui alguma ficção), o escritor catalão dá rédea solta ao seu talento para descrever detalhes, por vezes em tom poético.

“A luz amarelada, outonal, de pincelada espessa, já a vimos talvez em Vermeer, a descer pelas vidraças, a tocar numa seda violácea, a transfigurar uma parede, um espelho de água, o volume alto de umas árvores... E essa luz constituiu, todos os anos, o que acaba por ter mais intimidade na minha deslocação pedestre.” **José Riço Direitinho**



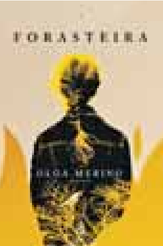
A Parede
Autoria: Marlen Haushofer (Trad.: Gilda L. Encarnação; Editora: Antígona; 292 págs.; 17,50€. Já nas livrarias)

É o terceiro livro do “Sementes de Dissidência”, um projecto apoiado pelo programa Europa Criativa, da União Europeia — os outros romances já publicados, foram *Caruncho*, de Layla Martínez, e *Niels Lyhne*, de Jens Peter Jacobsen — que promove a circulação de obras literárias europeias. *A Parede*, da austríaca Marlen Haushofer (1920-1970), é um clássico redescoberto, um romance a que alguns chamaram “ecofeminista”. Escrito em plena Guerra Fria (publicado em 1963), narra a história de uma mulher, numa casa de campo nos Alpes austríacos, que se depara com uma barreira invisível que a isola do mundo e que a leva a acreditar ser a única sobrevivente de uma catástrofe. Um comovente livro de culto.



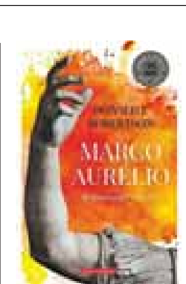
Kafkiana
Autoria: Agustina Bessa-Luís (Editora: Relógio d’ Água; 76 págs.; 15€; Já nas livrarias)

“Os textos aqui reunidos não constituem capítulos avulsos duma biografia de Kafka; apenas compõem um breve quadro de meditações literárias sobre a situação do homem kafkiano face ao mundo e a ele próprio”, escreve Alberto Luís numa breve advertência no começo desta colectânea, que foi originalmente publicada em 2012. São quatro textos sobre Franz Kafka, autor que não ocupava o topo da preferência de Agustina: “Não sou uma ardente admiradora de Kafka, pois prefiro o estilo maravilhado ao pedagógico.” Mas, ao longo dos textos, o génio de Agustina vai interpretando (intui-se o seu divertimento) a imagem tradicional do escritor checo, aquela que se foi construindo, deixando-a “de pernas para o ar”.



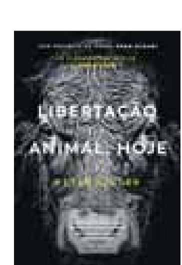
A Forasteira
Autoria: Olga Merino (Trad.: Margarida A. Acosta; Editora: Quetzal; 220 págs.; 17,70€. Já nas livrarias)

Um romance que se integra na mais recente corrente literária (incluindo a prosa e a poesia) das letras espanholas: o “neorruralismo”. É o retorno ao campo, às aldeias abandonadas, às casas meio derruídas, às paisagens campesinas que já só guardam as memórias dos trabalhos agrícolas de outros tempos, às histórias telúricas de onde a dimensão mágica não está ausente — os recentes (em português) *Caruncho*, de Layla Martínez, e *Eu Canto e a Montanha Dança*, de Irene Solà, são outros dois exemplos desta corrente literária. Em *A Forasteira*, de Olga Merino (n. 1965), conta-se a história de Angie, que vive com os seus dois cães numa aldeia do Sul de Espanha, no meio dos seus fantasmas e numa encruzilhada entre o presente e o passado.



Marco Aurélio — O Imperador Estóico
Autoria: Donald J. Robertson (Trad.: Mário Dias Correia; Editora: Temas & Debates; , 238 págs.; 18,80€. Já nas livrarias)

O imperador romano Marco Aurélio (121-180) esforçou-se por conciliar a sua filosofia estóica, e os seus valores morais, com as pressões políticas de ser imperador em Roma. Neste livro, o escocês Donald J. Robertson analisa a sua atitude em relação à escravatura e ao dilema moral colocado pelos guerreiros capturados em combate. Analisa ainda a sua atitude em relação às mulheres, o papel da filosofia estoica na resposta à ameaça de guerra civil e ainda ao tratamento dado aos cristãos sob a sua governação. Christopher Gill, da Universidade de Exeter, escreveu: “Fica muito clara a importância que o estoicismo teve para Marco Aurélio durante toda a vida, bem como a inter-relação entre filosofia, política e guerra.”



Libertação Animal, Hoje
Autoria: Peter Singer (Trad.: Desidério Murcho; Edições 70; 404 págs.; 25,90€. Já nas livrarias)

O australiano Peter Singer (n. 1946) é considerado um dos filósofos vivos mais influentes do mundo. É professor de Bioética na Universidade de Princeton e na Universidade de Melbourne, sendo autor de uma vasta obra sobre Ética Prática. Tornou-se conhecido na década de 1970 com a publicação de *Libertação Animal* — livro acerca do desrespeito sistemático dos humanos pelos animais não-humanos. Com esta edição actualizada, Singer leva o leitor para o tempo presente, enunciando reformas importantes na União Europeia e em alguns estados norte-americanos. Mostra-nos também como o efeito destas medidas tem sido diminuído pela explosão industrial.

Cinema



Um Sinal Secreto

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt



Porto

Cinema Trindade
R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425
Sonata de Outono M12. 14h15; **Ritual** 16h; **Geração Low-cost** M14. 16h30, 19h30; **Sobretudo de Noite** M12. 14h30; **A Torre Sem Sombra** M12. 21h; **Motel Destino** M14. 17h30, 19h; **O Abismo Prateado** 21h30;
Cinemas Nos Alameda Shop e Spot
R. dos Campeões Europeus 28 198. T. 16996
Gru 4 M6. 11h, 13h20, 15h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h30, 16h10, 19h10 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 14h30, 17h30, 20h50; **Oh Lá Lá!** M12. 13h40, 16h; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h40, 15h30, 18h30, 21h30; **O Corvo** M16. 12h30, 15h10, 18h, 21h; **Alien: Romulus** M16. 18h20, 21h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h50, 15h40, 18h50, 21h50; **Um Sinal Secreto** M14. 18h40, 21h10; **Terra Queimada** M12. 21h40

Covilhã

Cineplace - Serra Shopping - Covilhã
C.C Serra Shopping, Avenida Europa, Lt 7.
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h (VP); **Gru 4** M6. 12h30 (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** 21h30; **Divertida-Mente 2** M6. 14h30, 16h30 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 16h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 18h30, 21h20; **O Corvo** M16. 17h, 21h40; **Alien: Romulus** M16. 19h; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 19h, 21h20; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 13h (VP); **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 15h, 17h (VP); **Um Sinal Secreto** M14. 15h, 19h30; **Terra Queimada** M12. 14h10

Figueira da Foz

Cinemas Nos Foz Plaza
C. C. Foz Plaza, R. Condados. T. 16996
Na Terra de Santos e Pecadores 13h20, 16h; **Divertida-Mente 2** M6. 13h50, 16h15 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 18h30, 21h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h10, 17h, 19h50, 22h40; **O Corvo** M16. 14h, 16h40, 19h20, 22h; **Alien: Romulus** M16. 19h, 21h40; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h30, 17h10, 19h40, 22h20

Gondomar

Cinemas Nos Parque Nascente
Praceta Parque Nascente, nº 35. T. 16996
Gru 4 M6. 11h, 12h30, 15h25, 18h15 (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** 19h45, 22h30; **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h20, 16h, 18h40 (VP), 21h40, 00h10 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h50, 15h50, 19h, 22h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h10, 21h, 00h05; **Armadilha** M12. 20h20, 22h50; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h40, 15h40, 18h50, 22h; **O Corvo** M16. 13h15, 16h, 19h, 21h50, 00h30; **Alien: Romulus** M16. 15h20, 18h20, 21h20, 00h25; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h20, 13h40, 15h10, 16h30, 18h, 19h20, 21h15, 22h30, 00h20; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 11h, 14h05, 17h (VP); **Um Engate do Pior** M12. 20h50, 23h10; **Um Sinal Secreto** M14. 12h35, 15h15, 17h45, 21h30, 00h15; **Príncipes do Deserto** M12. 15h, 17h30

Guarda

Cineplace La Vie - Guarda
C.C. La Vie. T. 271212140
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h (VP); **Gru 4** M6. 13h (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** 21h50; **Divertida-Mente 2** M6. 12h20, 14h30, 16h30 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 16h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 18h40, 21h20; **O Corvo** M16. 17h, 21h40; **Alien: Romulus** M16. 19h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 19h, 21h20; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 15h, 17h (VP); **Um Sinal Secreto** 15h, 19h30; **Yupumá** M12. 13h; **Terra Queimada** M12. 14h40

Estreias

Terra Queimada
De Thomas Arslan. ALE. 2024. 101m. Thriller. M12.
Depois de um golpe malsucedido o ter forçado a fugir de Berlim doze anos antes, Trojan, um criminoso, decide regressar. Como precisa de dinheiro, aceita fazer parte de uma equipa de assaltantes para roubar um museu.

A Linha
De Ursula Meier. BEL/SUI/FRA. 2022. 102m. Drama. M12.
Margaret tem problemas de autocontrolo. Quando uma discussão com a mãe sobe de tom ao ponto dela a agredir fisicamente, a polícia é chamada a intervir. Como consequência, é-lhe atribuída uma ordem de restrição.

Na Terra de Santos e Pecadores
De Robert Lorenz. IRL. 2023. 106m. Thriller, Acção.
Na época dos conflitos na Irlanda do Norte, Liam Neeson é um veterano da Segunda Grande Guerra transformado em assassino profissional que volta ao activo quando um bombista do IRA aparece na sua aldeia.

O Corvo
De Rupert Sanders. EUA/GB/FRA. 2024. 111m. Drama. M16.
Após o trágico assassinato de Eric e Shelly, a alma dele é incapaz de descansar. Movido por um indomável desejo de vingança, ele é ressuscitado por um corvo e guiado de volta ao mundo dos vivos para castigar, da pior maneira possível, cada um dos responsáveis.

Um Sinal Secreto
De Zoë Kravitz. EUA. 2024. 102m. Thriller. M14.
Frida arranjou trabalho como empregada de mesa num evento de angariação de fundos de Slater King, um milionário. Qual não é o seu espanto quando ele a convida para uma festa numa ilha privada com um grupo de amigos. Lá, apesar de tudo parecer perfeito, há algo que lhe cria uma sensação de desconforto que não consegue traduzir em palavras.

Ozi: A Voz da Floresta
De Tim Harper. EUA/FRA/GB/Índia. 2023. 87m. Ani. M6.
Ozi, uma pequena cria de orangotango, vivia feliz no interior da Amazónia até ali ter chegado uma empresa que destruiu tudo à sua volta. Separada dos pais, ela é resgatada por humanos e colocada num abrigo de animais selvagens, onde faz muitos amigos.

Breves Encontros
De Kira Muratova. URSS. 1967. 67m. Drama, Romance. M12.
Nadia, uma jovem recém-chegada à cidade, vai trabalhar como empregada em casa de Valya, sem que ela saiba que a rapariga está apaixonada por Maksi, seu marido.

Motel Destino
De Karim Aïnouz. BRA. 2024. 115m. Thriller. M14.
A história segue Heraldo, um jovem oriundo de famílias pobres que aparece no Motel Destino após ter passado algum tempo numa casa de correcção.

Um Engate do Pior
De Casper Christensen, Anthony Hines. EUA. 2023. 93m. Comédia Romântica. M12.
Em 2032, as tarefas perigosas são executadas por robôs. Apesar de isso se ter generalizado, o seu uso privado é proibido. É neste contexto que conhecemos Charles, que mandou fazer, de forma ilegal, uma cópia exacta de si próprio, que usa em várias circunstâncias do dia-a-dia - entre elas, a difícil incumbência de seduzir mulheres.

O Longo Adeus
De Kira Muratova. URSS. 1971. Drama.
Yevgeniya foi abandonada pelo marido e criou sozinha Sasha, que se tornou na sua única razão de viver. Mas agora, que ele é já um adolescente com vontade própria, sente um grande desejo de visitar o pai, que vive do outro lado do país.

Príncipes do Deserto
De Éric Barbier. FRA. 2023. 105m. Aventura. M12.
Zodi, um rapaz berbere, encontra um dromedário bebé no deserto, que adopta e a quem chama Tehu. Os dois tornam-se inseparáveis e, ao saber que todos os anos decorre uma corrida de dromedários em Abu Dhabi, Zodi decide inscrever-se.

As estrelas P

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Alien — Romulus	★★☆☆☆	—	★★☆☆☆
Armadilha	—	—	★★☆☆☆
Banel & Adama	★★★☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Breves Encontros	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
A Ilha Vermelha	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★☆☆☆☆
A Linha	★★★☆☆	★★☆☆☆	★★☆☆☆
O Longo Adeus	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Motel Destino	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Nas Sombras	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Na Terra de Santos e Pecadores	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Sobretudo de Noite	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Um Sinal Secreto	★☆☆☆☆	—	—
Terra Queimada	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
A Torre sem Sombra	★★★☆☆	★★★★☆	★★★☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Guimarães

Castello Lopes - Espaço Guimarães
25 de Abril, Silvares. T. 253539390
Gru - O Maldisposto 4 M6. 14h15 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h45, 17h (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 18h45, 21h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 15h50, 18h30, 21h10; **O Corvo** M16. 13h30, 16h45, 21h35; **Alien: Romulus** M16. 19h05; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 14h35 (VP); **Um Sinal Secreto** 16h30, 19h15, 21h30
Castello Lopes - Guimarães Shopping
Lugar das Lameiras. T. 253520170
Gru - O Maldisposto 4 M6. 16h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h25, 18h45, 21h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 15h50, 18h30, 21h10; **O Corvo** M16. 14h45, 19h15, 21h35; **Alien: Romulus** M16. 19h; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h20, 16h45, 21h35, 19h10; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 13h40, 17h05 (VP); **Um Sinal Secreto** M14. 14h30, 16h45, 21h30

Maia

Castello Lopes - Mira Maia Shopping
Lugar das Guardeiras. T. 229419241
Divertida-Mente 2 M6. 14h15, 16h30 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 15h55, 21h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h15, 18h40; **O Corvo** M16. 14h35, 16h55, 19h15, 21h35; **Alien: Romulus** M16. 18h45, 21h30; **Balas e Bolinhos** 14h20, 16h45, 19h10, 21h35
Cinemas Nos MaiaShopping
C.C. Maiashoping, Lj 2.43. T. 16996
Divertida-Mente 2 M6. 13h20, 16h10 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 21h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h40, 15h30, 18h30, 21h20; **O Corvo** M16. 12h50, 15h20, 18h, 21h; **Alien: Romulus** M16. 19h; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h10, 15h50, 18h40, 21h30, 22h; **Um Sinal Secreto** M14. 13h, 15h40, 18h10

Matosinhos

Cinemas Nos MarShopping
Av. Dr. Óscar Lopes, Leça da Palmeira.
Harold e o Lápis Mágico M6. 11h (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 10h20, 12h40, 15h10 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h30, 16h10, 19h (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 12h20, 15h40, 18h30, 21h20, 00h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h, 15h, 18h, 21h10, 00h10; **O Corvo** M16. 13h40, 16h30, 19h10, 21h50, 00h25; **Alien: Romulus** M16. 17h40, 20h40, 23h40; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h30, 15h20, 18h10, 21h, 21h40, 23h50, 00h10; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 10h40, 13h, 15h50 (VP); **Um Sinal Secreto** M14. 18h20, 20h50, 23h30; **O Corvo** M16. Sala Imax - 12h50, 15h30; **Alien: Romulus** Sala Imax - 18h40, 21h30, 00h15
Cinemas Nos NorteShopping
C.C. Norteshopping, Lj 1117. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h10, 12h50, 15h30 (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** Sala Atmos - 22h10, 00h25; **Divertida-Mente 2** M6. Sala Atmos - 10h50, 11h20, 13h50, 16h20, 19h (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 19h15; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala - NOS XVISION - 12h10, 15h10, 18h10, 21h10, 00h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h20, 15h20, 18h20, 21h20, 00h20; **O Corvo** M16. Sala Atmos - 13h55, 16h30, 19h10, 21h50, 00h35; **Alien: Romulus** M16. Sala SCREENX - 14h30, 17h30, 20h30, 23h10; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h10, 16h, 18h, 18h50, 20h50, 21h40, 23h40, 00h30; **Um Sinal Secreto** M14. 14h, 16h40, 18h, 20h35; **Alien: Romulus** 13h, 15h50, 18h40, 21h30, 00h25

Paços de Ferreira

Cinemas Nos Ferrara Plaza
Ferrara Plaza, Rua da Carvalhosa. T. 16996
Na Terra de Santos e Pecadores 13h20, 15h40; **Divertida-Mente 2** M6. 14h30, 16h50 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 18h20, 21h; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h10, 15h50, 19h, 21h40; **O Corvo** M16. 13h, 15h30, 18h, 20h50; **Alien: Romulus** M16. 19h10; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h30, 16h10, 18h40, 21h20, 22h, 24h

Penafiel

Cinemax - Penafiel
Ed. Parque do Sameiro. T. 255214900
Gru 4 M6. 13h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 15h10, 17h20 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 15h, 21h10; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h10, 14h40, 17h30, 19h30, 21h30, 22h, 23h50, 00h20, 00h30

Lazer

EXPOSIÇÕES

Rede Portuguesa de Arte Contemporânea a Norte
ONLINE www.rpacnorte.pt. Grátis
A Casa do Design e a Casa da Arquitectura (Matosinhos), o Museu Bienal de Cerveira (Vila Nova de Cerveira), a Fundação Serralves e a Fundação Marques da Silva (Porto), o Lugar do Desenho – Fundação Júlio Resende (Gondomar), o Centro de Arte Oliva (São João da Madeira), o Museu Internacional de Escultura Contemporânea de Santo Tirso, o Museu do Surrealismo - Fundação Cupertino de Miranda (Vila Nova de Famalicão), o Centro Internacional das Artes José de Guimarães (Guimarães), o Museu Municipal Amadeo Souza-Cardoso (Amarante), o Museu de Arte Contemporânea de Chaves e o Centro de Arte Contemporânea Graça Morais (Bragança). São estas as 13 entidades que compõem a Rede Portuguesa de Arte Contemporânea a Norte (RPAC), que se propõe a mostrar à distância as mais de 11 mil obras de arte que totalizam as colecções de cada espaço, a par de informações sobre a história dos edifícios. Promovida pela Direcção Regional de Cultura do Norte, em colaboração com o Turismo do Porto e Norte de Portugal, a iniciativa visa reforçar a oferta turística e cultural de cada município e vem acompanhada por outro momento importante: a inclusão de 14 exposições digitais, disponibilizadas em versões em português, inglês, espanhol e francês, na página que a plataforma Google Arts & Culture dedica à RPAC – Norte.

FESTIVAL

Dar a Ouvir: O Som de Todas as Coisas
COIMBRA Convento de S. Francisco e Salão Brazil. De 18/7 a 1/9.
Concertos, conversas, exposições, oficinas e *performances* sonoras dão corpo à oitava edição do festival, organizado pelo Serviço Educativo do Jazz ao Centro e focado na "investigação artística e académica em torno do som". Neste arquivo sonoro estão representados cinco países: Portugal, Brasil, Eslovénia, Espanha e Suécia. Mais informações em www.facebook.com/daraouvir.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos



EuroDreams


1.º Prémio 20.000€/mês x 30 anos
Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Lotaria Clássica




1.º Prémio 600.000€
Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Cruzadas 12.535

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

HORIZONTAIS: 1. Com epicentro em Sines, serve como "alerta" para investir na preparação e na investigação do risco em Portugal. Finda. **2.** Alguma. Nivelar. **3.** Mágoa. Trabalha muito (fig.). Remo em sentido contrário para retroceder. **4.** (...) Sven-Göran (...), foi um verdadeiro gentleman no futebol (1948-2024). **5.** Empresa Pública. Espanha (Internet). Hélio (s. q.). **6.** Traje tradicional e típico da mulher indiana. Cerca de metade dos candidatos às Forças Armadas falham nelas. **7.** Cabide em que o alfaiate põe o fato feito. **8.** Um dos ditongos da língua portuguesa. Relativa ao ouvido ou à audição. **9.** Meio saco. Suspiro. Curral de ovelhas. **10.** Protagonista do filme "Cidade de Deus". **11.** Partes centrais. Redução de maior.
VERTICAIS: 1. Ponto do horizonte visual entre sul e oeste. Na moda. **2.** O âmago. Montmartre é um famoso bairro que fica no ponto mais alto desta cidade. **3.** Cure. Relações Internacionais. Abecedário. **4.** Troça (pop.). Universidade de Lisboa. **5.** Lançaram versões perdidas de canções de culto e deixam fãs a crer numa reunião. Por um triz. **6.** Combinação numérica que permite desbloquear um cartão de comunicação móvel. Casto. **7.** Fileiras. Soberano. Elas. **8.** Cálcio (s. q.). "Lágrimas com pão, ligeiras (...)". Conjunto das primeiras posições numa classificação. **9.** Recanto ou enseada na costa do mar. Movimento oscilatório. **10.** Dobra que se cose na orla do tecido. Observei. **11.** Argola. Trepar.

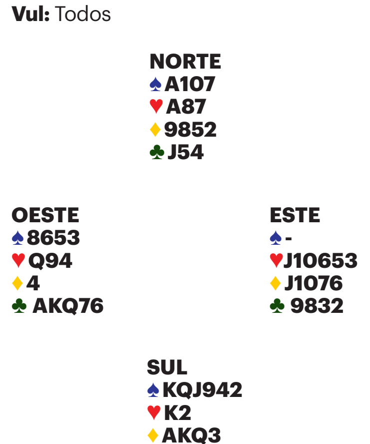
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1						■					
2				■							
3				■				■			
4		■									■
5			■			■	■		■		
6					■						
7								■		■	
8			■								
9	■			■			■				
10		■								■	
11								■			

Solução do problema anterior:
HORIZONTAIS: 1. Albuquerque. **2.** Mear. Nu. Uri. **3.** Eucaliptal. **4.** III. Aar. **5.** Abas. Atitar. **6.** Isola. **7.** Almeida. **8.** Saí. Lo. Cena. **9.** Professores. **10.** Messias. **11.** Ruelas. Elsa.
VERTICAIS: 1. Ameia. Aspar. **2.** Leu. Bolar. **3.** Bacia. Míope. **4.** Urais. **5.** Li. Dilema. **6.** Uni. Doses. **7.** Eupatia. Ss. **8.** Tais. Cose. **9.** Quarto. Eril. **10.** URL. Alíneas. **11.** Ei. Pra. Assa.

Bridge

João Fanha
fanhabridge.pt

Dador: Sul
Vul: Todos





Leilão: Qualquer forma de Bridge. 1 — Splinter, curto a paus e uma mão com ambição de cheleme; 2 — Controlo a copas, mas nega o controlo a ouros; 3 — duas chaves de cinco possíveis: quatro ases e o Rei de espadas

Carteio: Saída: A♣. Oeste joga também o Rei de paus, que Sul corta. Como continuaria?

Solução: Sempre que os ouros estiverem divididos 3-2 teremos doze vazas: seis trunfos, duas copas e quatro ouros. A questão está no que pode ser feito caso os ouros estejam 4-1. Será necessário criar uma situação de aperto (squeeze) para a defesa, e existem duas situações possíveis: 1) o adversário em Este ter quatro ouros e seis copas; 2) Oeste ter a Dama de paus. A execução deste squeeze não é complicada, depois de cortar a segunda vaza, tire os trunfos e encaixe o Ás e o Rei de ouros. O adversário em Este, neste caso, irá ficar a guardar os ouros. Tire também a Dama de ouros e depois tire os dois trunfos que ainda restam em Sul, baldando primeiro o 9 de ouros. Isto irá forçar Oeste a ficar com três copas e a Dama de paus. Quando apresentar o último trunfo, Oeste estando a ver o Valete de paus no morto irá baldar uma copa da sua mão, para guardar a Dama de paus. Nessa altura, baldamos o Valete de paus. O que pode fazer o pobre Este? Se ele baldar o Valete de ouros, o 3 de ouros de Sul ficará bom. Por outro lado, ao baldar uma copa não será melhor, porque nesse momento as copas na defesa ficarão divididas 2-2 e batendo o Rei e o Ás de copas fará com que o 8 de copas fique firme.
O que aconteceria se fosse Oeste a ter quatro cartas a ouros? Nesse caso seria necessário que a Dama de paus estivesse também na sua mão e o procedimento seria diferente. Depois de destrunfar e tirar Ás e Rei de ouros, não pode jogar já a Dama de ouros mas sim os dois trunfos restantes, baldando desta feita um ouro e uma copa do morto, depois o Rei e o Ás de copas. Nessa altura iremos perceber o que é que irá ficar bom, se o Valete de paus ou o quarto ouro.

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
		passe	?

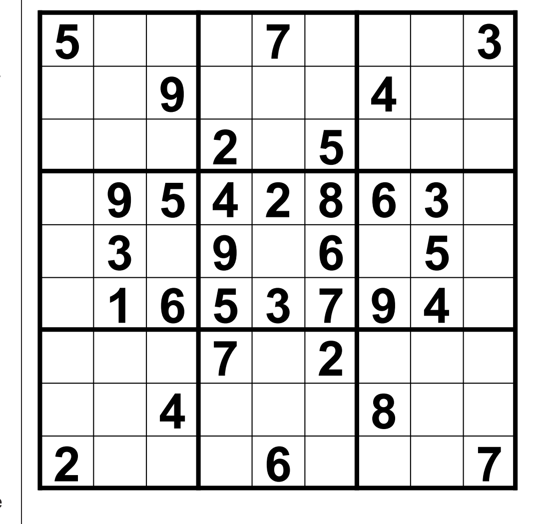
O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠K106 ♥Q96543 ♦J ♣A107

Resposta: Passe. Não é um naipe adequado para abrir em 2C , especialmente em segunda posição que é a mais exigente de todas. 10 pontos e apenas 9 cartas nos dois naipes mais compridos soma apenas 19 pela regra dos 20, não chega para justificar uma abertura ao nível de um (pelo menos em primeira ou em segunda posição, já em terceira ou quarta podemos aligeirar a regra e já é possível abrir numa copa).

Sudoku

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

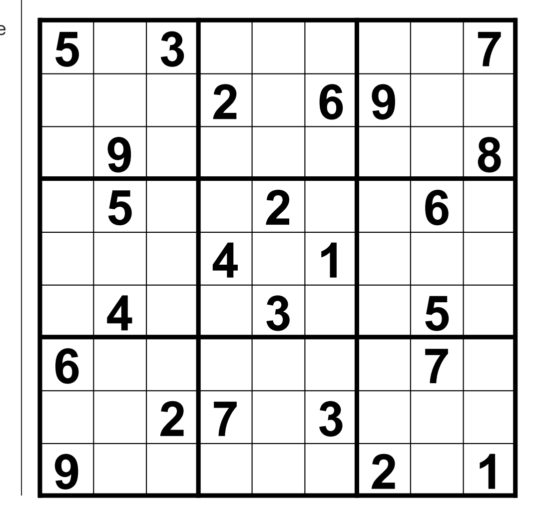
Problema 12.834 (Fácil)



Solução 12.832

3	9	6	7	1	8	5	4	2
2	8	4	6	3	5	9	7	1
5	7	1	2	9	4	8	6	3
1	3	7	8	6	2	4	9	5
8	2	9	4	5	1	6	3	7
4	6	5	3	7	9	2	1	8
7	1	8	9	2	6	3	5	4
6	4	3	5	8	7	1	2	9
9	5	2	1	4	3	7	8	6

Problema 12.835 (Difícil)



Solução 12.833

4	6	2	5	9	7	3	8	1
1	9	7	3	8	4	2	6	5
5	8	3	2	6	1	9	7	4
3	7	1	6	5	2	8	4	9
8	4	6	7	1	9	5	3	2
2	5	9	4	3	8	6	1	7
9	1	5	8	7	3	4	2	6
7	3	4	9	2	6	1	5	8
6	2	8	1	4	5	7	9	3

CINEMA

Leonora Addio
RTP1, 01h23
Nascido em 1867, Luigi Pirandello foi um dramaturgo, poeta e romancista italiano, agraciado com o prémio Nobel de Literatura de 1934. Com a sua morte, a 10 de Dezembro de 1936, o Governo fascista de Benito Mussolini não permitiu que suas cinzas fossem devolvidas a Agrigento, sua terra natal, como era desejo do escritor. Após o fim do regime, já em 1947, com a aprovação do presidente do Conselho de Ministros, a sua urna foi levada do cemitério de Verano para Palermo, onde foi homenageado com um segundo funeral. As suas cinzas foram finalmente transportadas para Agrigento no ano de 1951. Datado de 2022, este foi o derradeiro filme de Paolo Taviani, que morreu este ano, e o único que não assinou a meias com o irmão Vittorio, desaparecido em 2018. Nele são usadas diversas filmagens de arquivo do próprio dramaturgo, que entretanto se misturam com cenas ficcionadas, para mostrar todo esse percurso.

SÉRIES

Balada de Nova Iorque
SIC Radical, 20h15
Depois de, nos anos 1980, ter co-criado *A Balada de Hill Street* e trazido uma nova forma de contar histórias, de polícias e não só, à televisão, Steven Bochco assinou, com David Milch – que viria depois a fazer *Deadwood* –, esta inovadora série policial dos anos 1990 que esticou os limites daquilo que se podia mostrar num canal generalista. A SIC Radical, que também tem mostrado *A Balada de Hill Street*, anda a passar a primeira temporada desta série, quando ainda era protagonizada por David Caruso, que deixou a série na segunda época e só voltou a ganhar destaque como actor quando encabeçou *CSI: Miami* e Dennis Franz.

Monarch
RTP1, 00h45
No Texas, a família Roman domina a música country, com uma editora e várias gerações. No topo estão o casal Albie (a estrela country da vida real Trace Adkins) e Dottie (Susan Sarandon), com os filhos Nicolette (Anna Friel), que também quer ser artista como os pais, Luke (Joshua Sasse), que é o cabecilha da editora, e Georgina (Beth Ditto, a vocalista da banda rock The Gossip). Dottie tem um diagnóstico de cancro e isso começa uma série de eventos inspirados em *Rei Lear*, a peça de Shakespeare. Uma criação de Melissa London Hilfers. Não convém criar grandes laços com as personagens: a série, um original da Fox, foi cancelada no final desta primeira temporada.

Televisão

Os mais vistos da TV

Domingo, 25

	%	Aud.	Share
Dilema	TVI	9,2	19,3
Dilema	TVI	8,8	21,8
Primeiro Jornal	SIC	8,5	25,4
Jornal da Noite	SIC	8,4	18,2
Jornal Nacional	TVI	7,9	17,3

FONTE: CAEM

RTP1 7,4%
RTP2 1,1
SIC 13,1
TVI 14,7
Cabo 43,2

RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.23** Amor Sem Igual **15.21** A Nossa Tarde **17.30** Portugal em Directo

19.06 O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.01 Portugueses Pelo Mundo — Comunidades **21.43** Joker **22.41** Taskmaster **0.41** Monarch

1.23 Leonora Addio



2.57 Terra Europa **2.57** Terra Europa **3.16** Amor Sem Igual

RTP2

6.00 A Fé dos Homens **6.32** Repórter África **7.00** Espaço Zig Zag **7.33** Espaço Zig Zag **13.09** Artes do Mar **13.34** A Conversa dos Outros **14.07** Enfermeira ao Domicílio **15.38** A Fé dos Homens **16.13** Essência Animal **17.03** Espaço Zig Zag **20.36** Heróis de Verde

21.30 Jornal 2

22.01 O Veterinário de Província **22.46** Folha de Sala

22.54 Das Boot: A Real Odisseia do Submarino 96



23.50 Regresso a Casa **1.18** Sangue em Viena **2.07** Vizinhas **3.00** Alma Flamenca **4.15** Grandes Quadros Portugueses **4.41** Super Diva — Ópera Para Todos **5.32** Nada Será Como Dante

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.10** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.25** Querida Filha **16.10** Júlia

18.35 Terra e Paixão

19.57 Jornal da Noite

22.05 A Promessa

22.55 Senhora do Mar

0.05 Nazaré

0.45 Papel Principal — A Vingança **1.00** Travessia **1.45** Passadeira Vermelha **3.00** Terra Brava

TVI

6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI — Em Cima da Hora **14.40** A Sentença **15.40** A Herdeira **16.35** Goucha **17.45** Dilema

19.57 Jornal Nacional

21.30 Dilema

22.10 Cacau

23.05 Festa É Festa



1.55 Autores **2.50** O Beijo do Escorpião **3.20** Sedução

TVCINE TOP

15.10 Ela Disse **17.15** Os Ricardos **19.25** O Livro de Clarence **21.30** Visões **23.30** Era Uma Vez Em... Hollywood **2.05** Forças do Mal **3.35** Perejil

STAR MOVIES

14.54 Anon **16.25** Procurado **18.06** Anjo da Vingança **19.32** G.I. Joe: Retaliação **22.15** O Batedor **22.48** Criminoso **0.41** Época das Bruxas **2.07** O Caçador

HOLLYWOOD

15.35 Need For Speed: O Filme **17.45** Crown Vic **19.40** O Sentinela **21.30** 1917 **23.30** Mad Max — As Motos da Morte **1.10** Mad Max 2 — O Guerreiro da Estrada **2.50** Mad Max 3: Além da Cúpula do Trovão

AXN

16.36 S.W.A.T.: Força de Intervenção **18.08** The Rookie **21.11** Hudson & Rex **22.54** Perdido em Marte **1.15** Hudson & Rex **2.47** S.W.A.T.: Força de Intervenção

STAR CHANNEL

17.18 Investigação Criminal: Los Angeles **18.55** FBI **20.29** Hawai Força Especial **22.15** Tracker **23.00** Chicago P.D. **0.40** FBI **2.05** Missão Impossível: Operação Fantasma

DISNEY CHANNEL

16.30 Miraculous — As Aventuras de Ladybug **17.15** Os Green na Cidade Grande **18.55** Monstros: Ao Trabalho! **19.15** Hamster & Gretel **20.00** Os Green na Cidade Grande **20.50** Miraculous — As Aventuras de Ladybug

DISCOVERY

16.25 Mestres do Restauro **19.07** Aventura à Flor da Pele XL **21.00** Maine Cabin Masters **22.44** Os Mestres do Restauro: o Workshop **0.38** Maine Cabin Masters **2.01** Tesla, o Génio

HISTÓRIA

14.18 Arnsberg: A Floresta de Extermínio Nazi **15.12** Os Supercarros de Hitler **16.01** Mistérios no Gelo **20.12** Mistérios na Selva **22.15** Mistérios do Museu **0.01** Os Maiores Mistérios da História Militar

ODISSEIA

15.22 Planeta Tubarão **17.58** O Universo **20.12** Clima Extremo Viral **21.41** Clima Letal **1.00** Clima Extremo Viral

COMÉDIA

Adam Sandler — Love You
Netflix, *streaming*
Estreia. Depois de *100% Fresh*, de 2018, que foi apenas o segundo especial de *stand-up* do cómico e actor, Adam Sandler está de volta para um misto de comédia e música. Não traz só as suas várias vozes e as suas guitarras, traz também músicos, amigos, interacção com o público e muitas bizarrias de bastidores. Foi realizado por Josh Safdie, metade dos irmãos Safdie, que fizeram com Sandler o filme *Uncut Gems*.

DOCUMENTÁRIO

Histórias do Desporto: O Ladrão de Sinais
Netflix, *streaming*
Estreia. A série documental que conta histórias de crime real no desporto estreia um novo episódio. Depois de ter contado o homicídio tenebroso da estrela de futebol americano da NFL Steve "Air" McNair, agora atira-se a um escândalo do ano passado no meio do futebol americano universitário. Centra-se em Connor Stalions, o responsável por "roubar sinais" dos rivais dos Michigan Wolverines, ou seja, de gravar e analisar ao pormenor, de forma ilícita, os sinais de mãos e indicações usados pelos treinadores dos oponentes para assinalar jogadas.

Das Boot: A Real Odisseia do Submarino 96
RTP2, 22h54
A história do submarino alemão da Segunda Grande Guerra U-96 foi ficcionada por Lothar-Günther Buchheim em *Das Boot*, o livro de 1973 e, depois, por Wolfgang Peterson no filme e na minissérie de 1981 e 1985, respectivamente. Deu ainda origem a uma série de 2018. Mas o que é que aconteceu na vida real? É a essa pergunta que este documentário assinado por Raphael Millet tenta responder.

Regresso a Casa
RTP2, 23h50
Neste documentário assinado por Erica Marie Daniels, mostram-se os bastidores da série canadiana *Little Bird*, exibida pela RTP2 em Março. É um olhar para o "*scoop*" dos anos 1960, que envolveu raptar crianças indígenas e dá-las para adopção para famílias brancas.

Meteorologia

PORTUGAL

Cidade	Mín.	Máx.
Viana do Castelo	15º	23º
Bragança	12º	33º
Braga	13º	29º
Vila Real	10º	30º
Porto	14º	24º
Aveiro	12º	24º
Viseu	9º	31º
Guarda	11º	34º
Coimbra	12º	26º
Castelo Branco	14º	34º
Leiria	15º	23º
Santarém	13º	32º
Portalegre	13º	32º
Lisboa	17º	28º
Setúbal	15º	28º
Évora	15º	34º
Sines	17º	22º
Beja	16º	34º
Sagres	18º	21º
Faro	21º	28º

Mar: 16º 1,2m; 17º 1,0m; 21º 0,5m

Açores

Corvo

Flores 21º 25º

26º 1,8m

Graciosa

São Jorge

Terceira 19º 26º

26º 1,2m

Faial

Pico

São Miguel 20º 27º

26º 1m

Ponta Delgada

Sta Maria

Madeira

Madeira

Funchal 19º 26º

24º 1m

Porto Santo 20º 26º

24º 1,8m

MARÉS

Preia-mar / Baixa-mar *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Preia-mar 09h50	2,7	Preia-mar 09h26	2,8	Preia-mar 09h25	2,7
Baixa-mar 16h15	1,3	Baixa-mar 15h55	1,4	Baixa-mar 15h36	1,3
Preia-mar 22h41	2,6	Preia-mar 22h18	2,6	Preia-mar 22h14	2,6
Baixa-mar 04h51*	1,4	Baixa-mar 04h31*	1,6	Baixa-mar 04h19*	1,5

PRÓXIMOS DIAS PORTO

	Quarta-feira, 28	Quinta-feira, 29	Sexta-feira, 30
Mín.	16º	16º	18º
Máx.	26º	27º	30º
Índice UV	Alto	Muito alto	Alto
Vento	Fraco	Fraco	Fraco
Humidade	93%	85%	84%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai

Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 18 Ago.	422,83
Há um ano	419,25
Há dez anos	396,92
Semana de 11 Ago.	422,42
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

- Excelente
- Razoável
- Mau
- Não é saudável
- Nada saudável
- Perigoso

Porto, Coimbra, Lisboa, Évora, Faro

SOL

Nascente 07h02 — Poente 20h13

LUA

- 3 Set. 02h55
- 11 Set. 07h06
- 18 Set. 03h34
- 24 Set. 20h52

Nascente 00h16 — Poente 16h08*

*de amanhã

EUROPA

Oslo, Estocolmo, Helsínquia, Talin, Riga, Copenhaga, Vílnius, Dublin, Londres, Amesterdão, Berlim, Varsóvia, Bruxelas, Praga, Paris, Genebra, Viena, Budapeste, Milão, Roma, Istambul, Lisboa, Madrid, Atenas

TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.		Mín.	Máx.
Amesterdão	14	24	Roma	21	35
Atenas	23	33	Viena	17	29
Berlim	15	28	Bissau	26	31
Bruxelas	14	26	Buenos Aires	10	16
Bucareste	20	33	Cairo	26	37
Budapeste	20	33	Caracas	19	30
Copenhaga	15	22	Cid. do Cabo	7	14
Dublin	13	21	Cid. do México	12	25
Estocolmo	14	21	Díli	22	33
Frankfurt	16	28	Hong Kong	27	34
Genebra	15	27	Jerusalém	20	32
Istambul	20	31	Los Angeles	18	30
Kiev	19	34	Luanda	20	25
Londres	15	25	Nova Deli	26	32
Madrid	21	35	Nova Iorque	22	31
Milão	20	31	Pequim	18	30
Moscovo	17	29	Praia	25	30
Oslo	14	19	Rio de Janeiro	14	20
Paris	14	28	Riga	12	23
Praga	15	26	Singapura	25	32

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

Como lidar

Como lidar, um *podcast* do P3 para ouvir às terças-feiras
Oiça em publico.pt

DR



A psicóloga Marta Rodrigues explica o que é o *love bombing* e como lidar com ele

Bombardeamento de amor: como lidar com esta armadilha?

Mariana Durães

Tudo parece mesmo muito (estranhamente?) bem. Presentes, promessas, palavras apaixonadas, a relação com que sempre sonhámos. Mas espera... só nos conhecemos há algumas semanas. Talvez seja tudo... demasiado intenso?

O *love bombing* é perigoso porque todos gostamos de nos sentir amados. Mas se alguém te bombardeia com amor, tem gestos exagerados e desproporcionais, cuidado: pode ser que mais tarde, quando disseres que não ou impuseres limites, te trate com frieza e indiferença. É o 8 e o 80. A psicóloga Marta Rodrigues ajuda-nos a entender o que é o *love bombing* e a identificar comportamentos preocupantes.

O que é o *love bombing*?

Love bombing significa, em português, bombardear de amor. É "uma dinâmica que acontece quando uma pessoa inunda a outra com demonstrações exageradas de amor, de atenção ou de afecto", começa por explicar a psicóloga. "O objectivo [de um *love bomber*] não é criar naturalmente uma ligação autêntica e vulnerável, mas sim – e isto acontece consciente e inconscientemente – gerar uma dependência emocional na outra pessoa", afiança Marta Rodrigues.

A ideia é "ganhar controlo" sobre a vítima e a relação. E, ainda que a "onda de amor e afecto" possa parecer apetecível, o bombardeamento vem acompanhado de "retiradas súbitas desse amor e afecto" e de uma "mudança radical de atitude que serve para manipular os sentimentos e comportamentos da outra pessoa".

A psicóloga faz uma analogia: "Uma relação saudável é um caminho que se faz a dois. Vamos juntos, de mão dada. Há altos e baixos, às vezes é preciso um puxar mais pelo outro, é preciso encontrar um equilíbrio e compromisso para se manterem juntos nesse caminho", começa por descrever. "O *love bombing*, por outro lado, é uma espécie de campo de minas a céu aberto e eu estou aqui, a outra pessoa está ali, mas ela é que tem o mapa. No início parece incrível, até que percebo que não é seguro e que o outro me foge e deixa pisar minas. Então, vou ficando dependente da outra pessoa, de estar de mão dada com ela, para sentir que consigo navegar melhor pelo campo de minas."

A que comportamentos devo prestar atenção?

O *love bombing* aparece sob a forma de "muitos presentes, muitas promessas exageradas, muita intensidade logo no início de um relacionamento". Importa prestar atenção aos "gestos exorbitantes de amor que não fazem muito sentido porque parecem desproporcionais à ligação que até então tinha sido construída", ou às "promessas e discursos" que, "apesar de serem muito agradáveis, parecem não estar muito adequados ao quanto nos conhecemos". Se conheces alguém há poucas semanas e essa pessoa já fala em casar contigo, talvez seja melhor desconfiares.

O avanço da relação "a um ritmo desenfreado, que nos faz sentir alienados da realidade", também é uma bandeira vermelha. Pode haver uma "cobrança excessiva e uma exigência de que seja tudo milimetricamente recíproco" ou a utilização do ciúme e desconfiança, "não só como forma de demonstrar que se ama, mas também para gerar culpa na outra pessoa, com o intuito de manipular e obter o que se quer". Outro sinal importante é que "o afecto e a estabilidade da relação são condicionais e dependem da satisfação das expectativas, necessidades ou desejos de quem pratica o *love bombing*". Quando isso não acontece, "há um comportamento completamente distante e frio".

Eis um exemplo de um ciclo: "Estou a sentir-me a pessoa mais amada, o meu namorado trata-me super-bem, estou na relação que sempre quis. De repente, ele faz-me uma sugestão ou pedido e eu recuso, algo normal nas relações. Ele afasta-se completamente, trata-me com frieza, muda completamente a postura. E eu, preocupada, instável, muitas vezes consumida pela culpa, acabo por ceder, porque quero voltar a sentir-me aquela pessoa especial que ele me faz sentir quando está bem."

Quem pratica *love bombing*?

Há alguns perfis mais propensos a este comportamento. Tendo por base uma "estratégia de manipulação", o *love bombing* pode ser mais comum em pessoas mais manipuladoras, também ligado ao narcisismo.

Mas a psicóloga salvaguarda que, ainda que possa acontecer, nem sempre este comportamento é consciente: "Não estamos a falar de um vilão com um plano estruturado. Na maior parte dos casos, pode vir de falta de empatia, de pessoas mais autocentradas, egocêntricas, egoístas, mas também de muita insegurança. Há pessoas que estão tão inseguras na relação que precisam de controlar, de fazer o outro depender de si."

Que consequências pode ter na vítima?

O relacionamento com um *love bomber* pode provocar "diminuição da auto-estima, dependência emocional, isolamento social", mas também uma sensação de "confusão": é comum perguntarem-se "estarei a ficar maluco?". Pode também levar à depressão, no caso de se desenvolver um relacionamento tóxico, perda de identidade, dificuldade em confiar nos outros, culpa e vergonha.

Como lidar?

Ter consciência é o primeiro passo. Depois, é importante "trabalhar a nossa relação connosco", numa óptica de prevenção: "Quanto melhor estivermos connosco, [mais facilmente] vamos conseguir impor limites, não perder a nossa identidade e sermos assertivos." Porque uma das formas de lidar é, precisamente, impondo limites.

É importante também "manter a atenção e falar com amigos", eles poderão ajudar a perceber se alguns comportamentos são normais ou estranhos. Pode ser necessário procurar ajuda profissional para "processar a experiência, recuperar a auto-estima, que pode ter ficado abalada, bem como recuperar independência emocional". Reconstruir a rede social, quando uma das consequências é o isolamento, é também crucial para a recuperação.

Questionário Pós-Proustiano

Que rede social mais usa? Já desistiu de alguma, e porquê?
Não tenho nenhuma, apenas Instagram, que uso pouco. Nunca desisti de nenhuma.
Já se arrependeu de alguma coisa que escreveu numa rede social? O quê?
Nunca. Escrevo pouco.
Tem a noção de quantos ex-amigos tem? Cinco? Dez? Ou nunca se zangou com um amigo?
Não faço ideia, a vida é um caminho. Já me zanguei e por vezes zangaram-se comigo.
Qual é o elogio que menos gosta que lhe façam?
Gosto de todos em geral.
Se pudesse viver no cenário de um romance literário, qual escolheria?
O jardim à noite em *Du côté de chez Swann*.
Fora de Portugal, qual é o lugar onde se sente em casa? E porquê?
Em Itália, apenas porque é uma evidência para mim. Os perfumes, o modo de ser.
Qual o melhor conselho que lhe deram na vida?
Eu esqueço os conselhos que me dão facilmente, não tenho muito boa memória.
Em que situações se considera uma "chata"?
Nunca. Os outros podem achar, sim, pois sou muito exigente em trabalho, mas eu não acho.
Tem algum vício que gostaria de não ter? E um de que se orgulhe?
Não tenho nenhum, acho eu.
Diga o nome de três portugueses vivos que admira (não vale a sua mãe nem o seu pai).
As minhas grandes amigas Carla Fano, Sofia Swen e Tico Moita.
Já teve algum ataque de ansiedade? Em que circunstâncias?
Sim, ao ler o início de um péssimo romance há uns meses. Não vou dizer qual.
E já se sentiu profundamente exausta? Foi *burnout*?
Sim, no último jantar social onde estive, há mais de 20 anos, e provavelmente sim, foi *burnout* instantâneo.
Se lhe pedissem conselhos para uma relação amorosa feliz, o que é que dizia?
Uma casa com janelas abertas, e cortinados brancos.
É vegetariana, *vegan*, faz alguma dieta especial? Porquê?
Não como nada depois das 19h, e entre as 20h e as 23h, só se for com um copo de vinho.
Qual foi o último filme que viu? E qual foi o último de que gostou?
Revi *Il Segno di Venere*, que adoro sempre rever.
Qual o seu maior arrependimento?
Não me ter inscrito a tempo nas listas eleitorais num certo ano.
Qual foi a última vez em que se surpreendeu?
Hoje, ao abrir o jornal da manhã.

MIGUEL MANSO



Leonor Baldaque

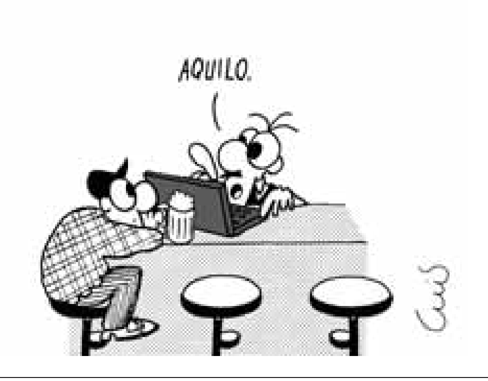
Tive um *burnout* instantâneo no último jantar social em que estive

BARTOON LUÍS AFONSO









A ascensão política e mediática de Pedro Tadeu Costa

O respeitinho não é bonito



João Miguel Tavares

Declaração de interesses: levo mais de 30 anos a embirrar com as elites lisboetas e a ascensão aristocrática de certas figuras que se dizem socialistas e republicanas. Dêem-me o desconto, se quiserem. Isto não se passa apenas no PS, mas passa-se sobretudo no PS, e nenhum governo foi tão longe quanto o de António Costa a enfiar filhos, filhas, irmãos, irmãs, maridos e mulheres dentro de um governo e de um partido.

Só que este nepotismo não é apenas político — ele é patrocinado e amplificado pelos *media*, e é isso que me traz aqui hoje, com o extraordinário exemplo de Pedro Tadeu Costa, filho do ex-primeiro-ministro António Costa, que anda a ser levado ao colo pela comunicação social até ao primeiro plano da política portuguesa. Talvez daqui a umas décadas ele venha a dizer, como João Soares disse há dias do pai Mário, que ser filho de António Costa foi tanto "uma sorte" como "um peso". Mas até agora é só mesmo sorte, porque não há ninguém com o seu peso a quem esteja a ser oferecida semelhante projecção mediática.



ANTÓNIO COTRIM/LUSA

Pedro Costa concedeu há dias uma entrevista ao *Observador* cujo título era: "Estou disponível para ser candidato a vereador em Lisboa." Pergunta número um: quantos candidatos a vereador costumam ser entrevistados em grandes órgãos de comunicação social? Pergunta número dois: e quantos ex-presidentes de junta de freguesia têm direito a serem comentadores políticos, com espaço próprio, na CNN Portugal? Resposta à pergunta número um e número dois: apenas Pedro Costa. Portanto, ou ele tem um talento desmesurado para a política e para o comentário, ou a única explicação para esta mediatização é o seu apelido.



Pedro Tadeu Costa anda a ser levado ao colo pela comunicação social até ao primeiro plano da política

Vejamos o currículo. Pedro Costa tem 34 anos e foi presidente da Junta de Freguesia de Campo de Ourique, que venceu por 25 votos em 2021. Saiu em Abril, antes do final do mandato, por entender que era "tempo de fechar um ciclo". Abandonou o cargo para que foi eleito dando a entender que Carlos Moedas estava a prejudicar a freguesia por ele ser filho de quem era – e entrou pela porta grande no sector privado, como director-geral do grupo de comunicação GCI, um desafio que abraçou "com muito entusiasmo". O entusiasmo não durou: três meses depois já está a assinalar o seu desejo de regressar à política autárquica em 2025.

Pedro Tadeu Costa não foi secretário de Estado, não foi deputado, não foi sequer chefe de gabinete. Foi presidente de junta e saiu antes do fim do mandato. É director de um grupo privado e mal entrou está a dizer que quer sair. Isto não é currículo que justifique a atenção que a comunicação social lhe dedica. Não justifica as entrevistas individuais. Não justifica os espaços de comentário. E não justifica que se leve a sério que Pedro Costa seja, como o *Expresso* noticiou, um dos nomes equacionados pelo PS, a par de Alexandra Leitão e Mariana Vieira da Silva, para concorrer contra Moedas em Lisboa.

"É sempre simpático ver que há um crédito na opinião pública associado às minhas hipóteses para a vida autárquica", disse Pedro Costa ao *Observador*. Só que não há crédito nenhum, e a opinião pública não tem nada a ver com isto. O que há, isso sim, é a criação de uma nova personagem política por osmose familiar – o rei António partiu para terras distantes e deixou-nos o príncipe Pedro –, com a comunicação social eternamente fascinada com a Monarquia Socialista Portuguesa, e sempre disponível para a promover. O país continua a ter Casa Real. Só não é a de Bragança.

Colunista

jmtavares@outlook.com









Os cavaleiros do céu voltam a brilhar a grande altitude

Há muito tempo ausentes do mercado português, as emocionantes e movimentadas aventuras de Tanguy e Laverdure, dois pilotos aviadores da Força Aérea francesa, regressam numa série de oito álbuns, devidamente recuperados e restaurados. É mais uma colecção de banda desenhada franco-belga, fruto da parceria entre o PÚBLICO e as Edições ASA.

Carlos Pessoa

1959 é uma espécie de "ano mágico" da banda desenhada franco-belga, data fundadora de uma publicação periódica e do aparecimento de heróis que se tornarão referências incontornáveis nos anos e décadas seguintes.

A publicação é a revista *Pilote*, com periodicidade semanal, que surge nos quiosques no dia 25 de Outubro de 1959. O impacto é gigantesco, com os seus 300 mil exemplares de tiragem e vendidos de forma fulgurante. Com altos e baixos, vai marcar o panorama editorial na segunda metade do século XX, aparecendo pela última vez em Novembro de 1989.

Regressemos a esse primeiro número, com 32 páginas, das quais uma dezena são ocupadas com bandas desenhadas - umas de duração efémera, outras prometendo um futuro bem auspicioso. Quanto a estas últimas, Patrick Gaumer, autor de um livro de referência sobre a revista (*Les Années Pilote 1959-1989*, Dargaud, 1996), dá-lhes o nome de "séries-vedeta": *Le Démon des Caraibes* (texto de Jean-Michel Charlier e desenho de Victor Hubinon); *Jaques Le Gall* (texto de Charlier, desenho de Mitacq); *Nicolas* (relançamento, com texto de René Goscinny e ilustrações de Jean-Jacques Sempé); *L'Évasion du 'Jean-Bart'*, desenhado por Gigi, primeira de uma série de duplas-páginas didácticas sobre temas históricos prefigurando os futuros Pilotoramas da revista; *Astérix e Obélix* (texto de Goscinny e desenho de Albert Uderzo); e, por último, mas não menos importante, *Tanguy e Laverdure* (texto de Charlier e desenho de Uderzo). Sem excepção, todas estas criações souberam encontrar o seu lugar próprio no coração dos leitores e na história da banda desenhada europeia e mundial.

Charlier é um apaixonado pela aviação, tendo mesmo trabalhado como piloto profissional para a transportadora aérea belga Sabena, no início dos anos 1950. Para o lançamento de *Pilote*, desenvolve *Tanguy e Laverdure*, uma série que se desenrola no mundo da aviação militar. Para não parecer uma duplicação de *Buck Danny*, série protagonizada pelo oficial homónimo da U. S. Air Force que desenvolve para a revista *Spirou* (desenho de Hubinon), Charlier situa a acção desta nova série no ambiente da Força Aérea francesa.

O comandante Michel Tanguy e o tenente Ernest Laverdure são dois pilotos aviadores e amigos. No entanto, não podiam ser temperamentalmente mais diferenciados, mas complementares: o primeiro é um personagem corajoso, sóbrio e reflectido, enquanto o segundo é muito espalhafatoso, fanfarrão e divertido (sem deixar de ser, obviamente, um co-piloto muito seguro e confiável).

Ao contrário de *Buck Danny*, a série *Tanguy e Laverdure* move-se sobretudo no espaço geo-político europeu, no quadro da guerra fria e da rivalidade entre as duas super-potências mundiais do século XX, da realidade pós-colonial e dos novos relacionamentos que a França estabelece com os povos africanos que acederam à independência. Profundamente conhecedor do meio aeronáutico, Jean-Michel Charlier documenta-se solidamente para a construção de cada uma das aventuras. Além disso, sabe, como poucos, tirar também partido da idiossincrasia dos dois protagonistas. Combinando habilmente estes dois elementos, constrói ao longo do tempo uma série de recorte clássico muito popular e bem-sucedida. A partir de 1967, Tanguy e Laverdure granjeiam uma notoriedade suplementar graças a uma adaptação para o pequeno ecrã (39 episódios, interpretados pelos actores Jacques Santi e Christian Marin).

Um ano antes, Uderzo abandonara a série, para se dedicar por inteiro a *Astérix*, cada vez mais um sucesso dentro e fora das fronteiras da França. É substituído por Jijé, que desenvolve a obra até à sua morte, em 1980. Charlier convida em seguida Patrice Serres para dar continuidade às aventuras dos Cavaleiros do Céu, o que acontece até 1988, ano em que um conflito entre o desenhador e o argumentista põe termo à parceria. Alexandre Coutelis é o desenhador que se segue. Charlier morre em 1989 e já não vê a difusão da segunda série do folhetim televisivo nem, entre 1996 e 2001, a publicação integral de *Tanguy e Laverdure*. A partir de 2002, a editora Dargaud relança a série com as *Nouvelles Aventures de Tanguy et Laverdure* (argumento de Jean-Claude Laidin e desenho de Yves Fernandez e Renaud Garreta).

Preparada no âmbito da parceria entre o PÚBLICO e as Edições ASA, a presente colecção inclui os primeiros oito álbuns, devidamente restaurados, respeitando a sequência cronológica original de publicação. Há muito tempo fora do mercado português (ver texto sobre a série em Portugal), as emocionantes e movimentadas aventuras de Tanguy e Laverdure são assim resgatadas ao esquecimento, para satisfação dos seus inúmeros admiradores portugueses.

BIOGRAFIAS DOS AUTORES

Jean-Michel Charlier
Argumentista
(1924-1989)

Jean-Michel Charlier nasceu no dia 30 de Outubro de 1924 em Liège (Bélgica). Ainda estudante de Direito na Universidade de Liège, Charlier começa a desenhar para a revista *Spirou*, na qual, em 1947, cria com Victor Hubinon e Georges Troisfontaines a série *Buck Danny*. É o autor dos argumentos, mas também dos aviões e barcos, enquanto Hubinon desenha as personagens.

Uma vez acabado o curso, instala-se em Bruxelas, apostando numa carreira a tempo inteiro na banda desenhada. Vive, durante algum tempo, em condições precárias, num alojamento que partilha com Hubinon e Albert Weinberg, outro importante criador de BD. Por sugestão de Jijé, troca o desenho pelos argumentos.

Depois de publicar três álbuns da série *Buck Danny*, decide aplicar as suas poupanças na obtenção do *brevet* profissional de piloto, conjuntamente com Hubinon. Durante a semana trabalha na banda desenhada, enquanto o fim-de-semana é consagrado a voar.

O sucesso de *Buck Danny* no final dos anos 1940 encoraja-o a criar outras personagens ou a retomar séries anteriores: *La Patrouille des Castors* (desenho de Mitacq), *Marc Dacier* (com Eddy Paape), *Mermoz, Surcouf* (ambas com Hubinon), *Les Aventures de Jean Valhardi* (com Joseph Gillain e depois Paape), entre muitas outras.

Conhece René Goscinny em Bruxelas & Albert Uderzo em Paris. Juntos, decidem trabalhar na promoção da BD. As suas actividades sindicais têm como consequência o seu despedimento, o que os leva a criarem uma pequena empresa especializada na comunicação e na banda desenhada - Édifrance/Édipresse. É no âmbito desta empresa que surge, em 1959, a mítica revista *Pilote*, cujo sucesso é fulgurante.

Entre 1957 e 1960, Charlier trabalha simultaneamente na Édifrance e para a revista *Spirou*, assinando os argumentos de quase uma dezena de séries. Para a revista *Pilote* concebe *Tanguy e Laverdure* (com Uderzo), *Barba Vermelha* (com Hubinon), *Jacques le Gall* (com Mitacq), *Guy Lebleu* (com Poivet)...

Viaja pelo mundo entre os anos de 1962 e 1965, com destaque para os Estados Unidos, descobrindo o Oeste americano e a sua história. A famosa série *Fort Navajo* (tenente Blueberry, desenho de Jean Giraud, também publicada na revista *Pilote*) é o resultado mais evidente dessa experiência americana. Até à sua morte, em Julho de 1989, mantém uma actividade incansável no domínio da BD, dando corpo a outros heróis, como é o caso de *Brice Bolt* (1970), *Jim Cutlass* (1976) e *Los Gringos* (1979).

Charlier não se fica pela BD. Desenvolve para a televisão a série *Chevaliers du Ciel* (39 episódios, a partir de 1967), inspirada em *Tanguy e Laverdure*. Seguem-se outros projectos, como *Dossiers Noirs* (1979), *Grandes Enquêtes* (1982-1985), assim como folhetins televisivos e telefilmes.

Albert Uderzo
Desenhador
(1927-2020)

Filho de emigrantes italianos, Albert Uderzo nasceu em Fismes (Marne, França) no dia 25 de Abril de 1927.

Falar de Uderzo é falar de *Astérix*, a sua mais famosa e bem- sucedida criação, à qual acabaria por dedicar-se integralmente, sobretudo após a morte de René Goscinny (1977), o seu grande amigo e co-autor, como argumentista, da série.

No entanto, seria extremamente injusto reduzir Uderzo, um artista autodidacta, à sua mais conhecida criação. É depois do fim da Segunda Guerra Mundial que a sua carreira ganha a dimensão que se lhe conhece hoje. Com o pseudónimo de Al Uderzo, colabora na revista *OK*, para a qual concebe *Arys Buck, Le Prince Rollin* e *Belloy l'Invulnérable*. Desenha *Captain Marvel Junior* para a revista *Bravo!* (1950). Por essa altura, conhece em Bruxelas Georges Troisfontaines, Victor Hubinon, Eddy Paape, Mitacq e um certo... Jean-Michel Charlier. Com este último, relança *Belloy* em 1951, ano em que conhece também Goscinny.

Em 1955, Uderzo, Goscinny, Charlier e Jean Hébrard decidem criar uma empresa que defenda os interesses dos criadores, no âmbito da agência World Presse, com a qual trabalhavam. São despedidos quando isso se sabe, avançando em seguida para a criação da Édifrance/Édipresse.

Em 1959, Uderzo começa a colaborar na revista *Tintin* com histórias completas e a série *Oumpah-Pah* (texto de Goscinny). É nesse ano que surge a revista *Pilote*, tendo nomeadamente como cartaz as séries *Tanguy e Laverdure* (texto de Charlier, desenho de Uderzo) e, sobretudo, *Astérix, o Gaulês* (texto de Goscinny, desenho de Uderzo). O sucesso desta última criação leva Uderzo a abandonar progressivamente outras criações, como é o caso de *Tanguy e Laverdure*.

Em 1979, dois anos após a morte de Goscinny, Uderzo cria as Éditions Albert-René para publicar e comercializar *Astérix* e as restantes criações de Uderzo. O irredutível gaulês tornou-se um fenómeno global no mundo da edição, com os seus álbuns traduzidos em dezenas de línguas ou dialectos, e prolongado nos filmes de animação e com actores reais, centenas de produtos derivados e um parque temático.

TANGUY E LAVERDURE EM PORTUGAL

A série *Tanguy e Laverdure* conta com um número significativo de admiradores portugueses, tendo sido objecto de diversas edições em álbum e divulgação em publicações periódicas, entre os anos 1950 e 1980.
Sem pretensão de exaustividade, e tomando como referência a inventariação realizada pelo *site* Bedeteca Portugal (http://bedetecaportugal.weebly.com, 2012-2016), apuraram-se as seguintes publicações (títulos em português e título original em francês):
Escola das Águias/Escola de Pilotos *(L'École des Aigles)*, 1959, Charlier (texto) e Uderzo (desenho), Zorro #83 a #96; Álbum Editorial Íbis; Jornal da BD #203; Álbum Meribérica.
Pela Honra da Esquadrilha/ Pela Honra dos Distintivos *(Pour l'Honneur des Cocardes)*, 1960, Charlier (texto) e Uderzo (desenho); Álbum Editorial Íbis; Jornal da BD #215; Álbum Meribérica.
Mirages a Oriente *(Mirage sur l'Orient)*, 1960, Charlier (texto) e Uderzo (desenho); Álbum Meribérica.
Céu de Glória *(Danger dans le Ciel)*, 1961, Charlier (texto) e Uderzo (desenho); Foguetão #1 a #13; e Cavaleiro Andante #511 a #554.
A Esquadrilha das Cegonhas *(Escadrille des Cigognes)*, 1962, Charlier (texto) e Uderzo (desenho); Jornal da BD #89 a #96; Álbum Meribérica.
O Alferes Bang-Bang *(Lieutenant Double-Bang!)*, 1968, Charlier (texto) e Jijé (desenho); Tintin #13 a 35/3.º ano.
Luta no Deserto *(Baroud sur le Désert)*, 1969, Charlier (texto) e Jijé (desenho); Tintin #29 a #51/4.º ano.
Os Vampiros Atacam à Noite *(Les Vampires Attaquent la Nuit)*, 1970, Charlier (texto) e Jijé (desenho); Tintin #38/5.º ano a 8/6.º ano.
O Terror Vem do Céu *(La Terreur Vient du Ciel)*, 1970, Charlier (texto) e Jijé (desenho); Tintin #37/7.º ano a #11/8.º ano.
A Misteriosa Esquadra Delta *(La Mystérieuse Escadre Delta)*, 1979, Charlier (texto) e Jijé (desenho); Álbum Meribérica.
Operação Trovão *(Opération Tonnerre)*, 1981, Charlier (texto), Jijé e Serres (desenho); Jornal da BD #147; Álbum Meribérica.
Plano de Voo para o Inferno *(Plan de Vol pour l'Enfer)*, 1982, Charlier (texto) e Serres (desenho); Jornal da BD #161 a #168; Álbum Meribérica.
O Espião que Vem do Céu *(L'Espion Venu du Ciel)*, 1984, Charlier (texto) e Serres (desenho); Selecções BD (1.ª série) #20 a #22; Álbum Meribérica.
Zona Interdita *(Survol Interdit)*, 1988, Charlier (texto) e Coutelis (desenho); Álbum Meribérica.

O MUNDO DOS AVIÕES DE COMBATE

Ao longo das suas aventuras, Tanguy e Laverdure têm o privilégio de pilotar um sem número de modelos de aeronaves, incluindo mesmo dois helicópteros.
Assim, na aventura *Escola de Pilotos* (álbum 1), os dois heróis chegam à basa de Meknès (e depois à base aérea 701) a bordo de um Fouga CM-170 Magister. A sua instrução como pilotos de caça prossegue num Lockheed T-33 Shooting Star. Em *Perigo no Céu* (álbum 3), quando são afectados à Base Aérea 110 (Creil), Tanguy e Laverdure pilotam aviões Dassault Super Mystère B2 supersónicos. Por ocasião de um ensaio de novos motores, Laverdure toma os comandos de um Max-Holste MH-1521 Broussard. A partir do álbum *Esquadrilha de Cegonhas* (álbum 4), os dois oficiais pilotam habitualmente Mirages III C (e por vezes B - bi-lugar), aparelhos da classe Mach 2 (velocidade duas vezes a velocidade do som).
Na aventura *Canhão Azul já não responde* (álbum 6), Tanguy e Laverdure são dos primeiros pilotos de combate a voar num Mirage III E, um modelo que integra, além de radar para disparo, um radar de navegação que confere capacidade permanente de ataque ao solo e a baixa altitude. Para procurar Laverdure, que foi feito prisioneiro, Tanguy recorre a um velho biplano de categoria não determinada. Finalmente, em *Piratas do Céu* (álbum 8), os dois heróis pilotam outros modelos que não os habituais Mirage III: um Broussard (Tanguy), um Supermarine Spitfire (Laverdure) e mesmo um Douglas DC-6 que Tanguy se vê na necessidade de pilotar depois do capitão Marceau ter sido atingido.











A SÉRIE VISTA POR OUTROS

"Quem diz Jean-Michel Charlier diz, evidentemente, aventura épica de arrepiar os cabelos e, sobretudo, bem inspirada. Basta mergulhar nas páginas [de uma história] para ficarmos convencidos do rigor artístico desse grande argumentista que não regateia nem no texto (muito palavroso), nem nas referências à actualidade do mundo e da aviação, e que recorre generosamente a um humor franco."
Sceneario.com

"Embora o contexto dos anos 1960 pese hoje na leitura desta banda desenhada, a combinação de aventuras, acrobacias aéreas e personagens complexas continua a passar muito bem."
Babelio.com

"*Tanguy e Laverdure* tiveram o mérito e a dificuldade de conferir novamente à Força Aérea francesa, em plena guerra da Argélia, uma nova imagem de marca. Incontestavelmente, Uderzo foi quem soube, a partir dos argumentos de Charlier, por vezes inspirado pelo seu *Buck Danny*, dar corpo e alma à série. Iremos a Marrocos em formação, com as Cegonhas, a Israel, na companhia de espiões, e com o Mirage como estrela, mesmo se vemos por lá um Broussard ou um Fouga."
Ligneclaire.info

"Albert Uderzo está realmente muito à-vontade (ou, pelo menos, assim dá a entender) (...). Só nos resta deleitarmo-nos com o seu trabalho, que confirma um talento inato para pôr em imagens de modo autêntico as trepidantes aventuras da dupla de pilotos franceses. O seu traço é sempre hábil, proporcionado, muito evocativo e apoiado, sem a menor dúvida, numa incontestável pesquisa documental."
Sceneario.com

ÁS DA BD... E DA AVIAÇÃO

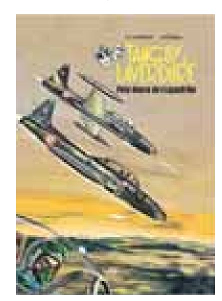
Mais de 500 bandas desenhadas, argumentos, folhetins para rádio e séries para televisão dão uma boa ideia da incansável actividade desenvolvida ao longo da sua vida por Jean-Michel Charlier. Mais do que a quantidade, é sobretudo a elevada qualidade dos heróis que criou e das histórias que escreveu que lhe garantiram um lugar de destaque na galeria dos artistas de eleição. *Barba Ruiva*, *Buck Danny*, *Tanguy e Laverdure* ou *Tenente Blueberry* são grandes clássicos da banda desenhada europeia de expressão franco-belga que continuam a ler-se hoje com o mesmo agrado que sentiram os leitores à data da sua publicação nas revistas de referência.
Uma das paixões de Charlier era a aviação - o que está plasmado de forma única nas suas criações com heróis dos ares. No final dos anos 1940, quando *Buck Danny* já era uma série de grande sucesso, e depois de ter tirado o *brevet* de piloto profissional, empreende uma carreira paralela como piloto aviador. É contratado em 1950 pela transportadora aérea belga Sabena, pilotando aparelhos DC 3 e Convair. A sua experiência durou um ano, após o qual se despediu por achar o trabalho muito monótono... Nunca se saberá se a aviação perdeu um grande profissional, mas do que não restam dúvidas é que o mundo da banda desenhada ganhou um grande argumentista e contador de histórias: a máquina de escrever passou a ser, definitivamente, a sua ferramenta essencial de trabalho. Criador prolífico, era conhecido pela dificuldade em honrar os compromissos com os autores e editores. Dito de outra forma mais prosaica, estava sempre atrasado na entrega dos argumentos e diálogos das histórias... Poucos anos depois da sua morte, o Festival Internacional de BD de Angoulême (França) prestou-lhe uma merecida homenagem. Durante uma sessão pública, alguns dos autores que trabalharam com ele evocaram episódios, situações e características pessoais e profissionais de Charlier. Um deles era Jean Giraud, que recordou um episódio hilariante. Perante o desespero do desenhador de uma das suas séries, a quem o argumentista tardava em dar mais material que lhe permitisse avançar no enredo da história, Charlier não se lembrou de mais nenhuma desculpa que não fosse dizer que tinha acontecido um acidente em casa: tinha as folhas com os diálogos empilhadas em cima da secretária do escritório, prontas para enviar, quando mão imprudente abriu uma janela, causando uma corrente de ar tão violenta e inesperada que lançou pela janela fora as preciosas páginas...

A COLECÇÃO Argumento de Jean-Michel Charlier e desenho de Albert Uderzo



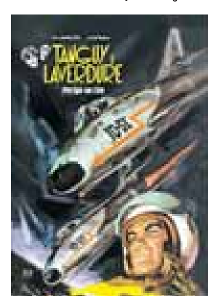
ÁLBUM 1
Escola de Pilotos
28 de Agosto

Acabados de sair da academia de pilotos aviadores, os tenentes Michel Tanguy e Ernest Laverdure são enviados para a famosa escola de Mèknes, em Marrocos, para aprofundarem as suas capacidades operacionais. Após alguma confusão e mal-entendidos iniciais, são treinados pelo tenente Darnier, um militar da velha guarda conhecido pelo seu mau feitio. Este submete-os a um teste de pilotagem – Laverdure é vigorosamente "apertado" e Tanguy passa pelos mesmos apuros depois de uma situação delicada envolvendo a aterragem abrupta de outro avião, pilotado pelo tenente Saint-Hélier –, do qual se saem muito bem. Os dois amigos são imediatamente aceites pelos seus camaradas de equipa, mas a atitude arrogante de Saint-Hélier tem como consequência expô-lo à acção do instrutor, que faz tudo para levar o jovem piloto a desistir. A grande oportunidade nesse sentido surge por ocasião do lançamento de uma ogiva experimental de longo alcance, que é alvo de uma tentativa de desvio por parte de uma misteriosa organização...



ÁLBUM 2
Pela Honra da Esquadrilha
4 de Setembro

Em busca dos seus camaradas que se despenharam nos territórios desérticos e nevados do Anti-Atlas, Tanguy e Laverdure enfrentam um aparelho inimigo em condições muito desfavoráveis e acabam por ter de fazer uma aterragem de emergência. Escapam por pouco a morrer afogados num lago gelado e, completamente encharcados, não têm outra solução senão pôr-se em marcha para a base. Inesperadamente, encontram Saint-Hélier (conseguiu localizar a ogiva ultra-secreta que toda a gente procura), cujo avião também tinha sido abatido, ferido e em estado que inspira sérios cuidados. Os dois amigos estão conscientes de que as hipóteses de sobrevivência são muito limitadas, pois a temperatura do ar é muito baixa e os seus adversários, que não andam muito longe, também não desistiram de se apoderar da ogiva. Será que a equipa de socorro proveniente da base de Meknès chegará a tempo de os salvar? E Saint-Hélier conseguirá sobreviver e explicar as razões para a sua grave conduta durante a operação?



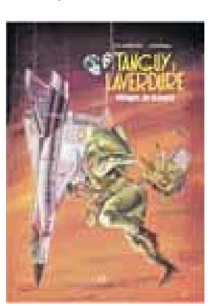
ÁLBUM 3
Perigo no Céu
11 de Setembro

Após umas curtas férias bem merecidas, os dois heróis dos ares abandonam a base marroquina de Meknès para serem afectados à 10.ª Esquadrilha de Creil, agora em território francês. Depois de uma entrada em falso, devido às confusões provocadas pelo temperamental Laverdure, os dois pilotos iniciam a sua nova fase de aprendizagem com brio e convicção. No termo de uma exigente fase de trabalho com o avião supersónico Super Mystère B2, acumulando horas de voo, obtêm o *brevet* de pilotos de caça. A primeira missão que lhes é atribuída é proteger os ensaios de um protótipo de avião de descolagem vertical. Quase seria desnecessário acrescentar que este projecto de inquestionável importância vai suscitar o interesse e a cobiça de obscuras organizações internacionais, e em particular um país estrangeiro, cujos agentes não se poupam a esforços, estratagemas e maquinações para acederem à informação sobre o protótipo. Cabe a Tanguy, Laverdure e seus companheiros de armas tudo fazerem para frustrar essas intenções.



ÁLBUM 4
Esquadrilha de Cegonhas
18 de Setembro

Depois de mais uma missão de patrulha, Tanguy e Laverdure são convocados pelo comandante da base. Ficam a saber que vão abandonar a base de Creil para serem integrados na 2.ª Esquadrilha da base aérea de Dijon. A notícia não podia deixá-los mais satisfeitos, pois vão poder finalmente voar num avião de última geração, o Mirage III C. Segue-se uma despedida tumultuosa, que rapidamente é esquecida com a instalação no novo local de trabalho. Os dois amigos dão início aos voos (não sem alguns sustos pelo meio) a grande altitude, no seio da famosa Esquadrilha de Cegonhas, sob o comando do capitão Castagne. A esquadrilha é dotada de equipamentos muito sofisticados e altamente eficazes, o que suscita o interesse de potenciais compradores internacionais, como é o caso da Austrália. Este país envia dois especialistas para avaliarem todo o potencial do Mirage III e Tanguy e Laverdure são nomeados seus instrutores. Mas há outro país interessado que, infelizmente, age de forma menos transparente...



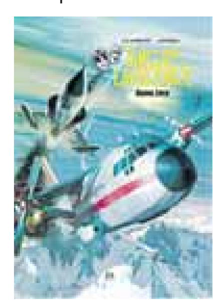
ÁLBUM 5
Mirages de Oriente
25 de Setembro

Depois do interesse da Austrália pelos sofisticados aparelhos produzidos pela indústria aeronáutica francesa, agora é o Estado de Israel, apostado em renovar a sua frota militar aérea, que quer saber mais sobre o desempenho dos Mirage III C. Mas há um modelo concorrente de peso, da Maxwell, que também interessa aos israelitas... Ninguém está em melhor posição para fazer uma demonstração de todas as potencialidades dos versáteis Mirage III C do que a Esquadrilha de Cegonhas. Com essa missão, Tanguy e Laverdure, conjuntamente com os seus camaradas de armas Leroux e Mignot, voam para aquele país do Médio Oriente. Os homens da Maxwell vão fazer tudo para desacreditar os Mirage aos olhos dos potenciais compradores israelitas. A multiplicação de incidentes e acidentes, ainda antes da partida, mas também durante o trajecto, vai colocar os quatro homens de sobreaviso. Começa a ganhar forma a ideia de que alguém estará a agir na sombra, para sabotar os aviões franceses e, assim, impedir a concretização do negócio.



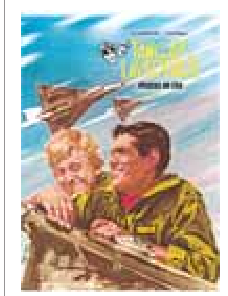
ÁLBUM 6
Canhão Azul já não responde
2 de Outubro

Tanguy, Laverdure, assim como Leroux e Mignot, partem para a Gronelândia, onde vão testar o desempenho dos Mirage III E em situações extremas, e nomeadamente a muito baixas temperaturas. O destino é a base americana de Thulé, onde irão passar uma temporada. Uma obscura organização surge rapidamente em cena para tentar apoderar-se de um exemplar do avião, generosamente equipado com instrumentação electrónica ultra-moderna. Após uma escala técnica na Islândia, onde têm oportunidade de conhecer o comandante Buck Danny, outro famoso aviador imortalizado pela banda desenhada europeia, descolam rumo a Thulé, sob condições atmosféricas muito adversas, com neve intensa e ventos fortes. Infelizmente, um dos pilotos não chegará ao seu destino: Laverdure. Face a esta inesperada situação, Michel Tanguy irá fazer tudo o que estiver ao seu alcance para saber o que aconteceu ao companheiro desafortunado...



ÁLBUM 7
Rumo Zero
9 de Outubro

Segunda e última parte da aventura iniciada com o álbum anterior. Toda a acção desenvolve-se sob condições atmosféricas extremamente adversas no território gelado da Gronelândia. Ficamos a saber que Laverdure foi feito prisioneiro e mantido em prisão domiciliária até conseguir reparar o seu Mirage. Neste contexto, o piloto engendra todos os expedientes para eternizar a reparação e, assim, prolongar as suas esperanças de sobreviver. Tanguy e os seus companheiros, desconhecedores do que realmente aconteceu, multiplicam as buscas, enganados pelas pistas falsas que os raptores vão colocando no terreno. Estes ganham assim um tempo precioso para analisar o aparelho e extrair dele todos os segredos tecnológicos e militares que procuram. Por fim, Tanguy consegue encontrar pistas seguras sobre o paradeiro de Laverdure graças ao relógio deste, deitado fora em Christianshaab. Tanguy decide sobrevoar a ilha de Upsala, na costa sudoeste da Gronelândia, mas é abatido e acaba por ficar também prisioneiro...



ÁLBUM 8
Piratas do Céu
16 de Outubro

A Esquadrilha de Cegonhas percorre os céus de África a bordo dos novos Mirage III C. A finalidade é dar a conhecer aos diferentes países visitados a excelência da tecnologia francesa. Tanguy, entretanto promovido a capitão após os acontecimentos passados na Gronelândia, e Laverdure, agora no seu novo papel de divulgadores e publicistas, multiplicam com os seus camaradas as proezas técnicas e movimentos aéreos espectaculares. Mas nem tudo é assim tão risonho na vida dos dois amigos. Com efeito, um grupo de opositores ao regime do presidente Yamago vai tentar derrubar o avião em que ele se desloca durante uma viagem para participar numa importante conferência internacional, onde assinará um pacto de aliança com a França. Após uma primeira tentativa falhada, Tanguy e Laverdure vão correr enormes riscos para frustrar os planos dos seus inimigos e, por essa via, contribuir para manter o equilíbrio político com as antigas colónias francesas em África.

